

FACULDADE DE ARQUITETURA
UNIVERSIDADE DE LISBOA



UMA NOVA CASA DA CULTURA PARA O MINDELO, CABO VERDE
PROJETO DE REESTRUTURAÇÃO DO ÉDEN PARK

Projeto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Lucindo Israel Dias Delgado

Orientador científico: Professor Doutor João Francisco Figueira

Presidente do júri: Professor Doutor Carlos Dias Coelho

Vogal: Doutor Fernando Silva Bagulho

Lisboa, Dezembro de 2018

Titulo:	UMA NOVA CASA DA CULTURA PARA O MINDELO, CABO VERDE
	PROJETO PARA A REESTRUTURAÇÃO DO ÉDEN PARK.
Licenciado:	Lucindo Israel Dias Delgado
Orientação:	Professor Doutor João Francisco Figueira
Grau:	Mestre em Arquitetura
Lugar / data:	Lisboa, FAUL, dezembro de 2018

Resumo

O cineteatro Éden Park foi durante décadas a referência central na vida cultural e social do Mindelo e também de Cabo Verde, sendo considerada a sua capital cultural. Fechou em 2006, quando a cultura do cinema definhou, face à concorrência da televisão, e hoje encontra-se em deplorável estado de abandono e degradação, na “Praça” do Mindelo. Agora que a cultura da televisão também está a passar, no momento em que os poderes públicos se mostram – corretamente – sensíveis para a necessidade de desenvolver as indústrias criativas, em contexto em que música, Carnaval, dança e teatro são ativos cada vez mais importantes, em que o desenvolvimento social exige espaços em que a sociedade se encontre e reconheça enquanto tal, em que faltam espaços para a criação e apresentação das artes do espetáculo, em sintonia com exigências atuais da criação, é chegado, pensamos, o momento de pensar seriamente em devolver o Éden à economia, sociedade e cultura cabo-verdiana.

Nesta investigação percorre-se a história urbana e cultural de São Vicente, necessariamente também do Éden, percorremos um leque alargado de equipamentos culturais (em Paris, Nantes, Estocolmo e Montemor-o-Velho), estudamos programas e observamos diferentes estratégias de entrosamento dos equipamentos na vida das comunidades que servem, observamos estratégias de que a componente arquitetónica é parte importante, mas nem sempre a essencial, estratégias que têm associados envelopes financeiros muito diversificados, estudamos – em processo de trabalho em que pudemos trocar impressões com Rui Horta e com Marlene Monteiro Freitas – os requisitos de centros de espetáculos com valências de criação e apresentação. Tudo isto foi ponderado na perspetiva da realidade cabo-verdiana e da área de intervenção, investigando diversas hipóteses morfológicas, tipológicas e construtivas. A proposta que emerge deste percurso de pesquisa reconhece a singularidade do Éden, salienta a sua importância enquanto lugar de memória, mas obstina-se em colocar a sua recuperação sob o horizonte do equipamento de criação e apresentação adaptado a exigências atuais das artes performativas, sob o horizonte de um equipamento que possa prestar à cultura, sociedade e economia serviços culturais-artísticos relevantes, que possa sustentadamente ambicionar a constituir o foco da vida social no Mindelo. A vida cultural e social já gravitou no passado em torno ao Éden Park e deseja-se que tal possa a vir acontecer de novo. Mas para que tal aconteça, o programa sempre será outro e exigirá profunda reestruturação do Éden do passado.

Apesar de baseada em sistemático percurso de estudo e exploração projetual, não se encara a proposta como o preâmbulo dos aprofundamentos projetuais ao nível das especialidades e, de seguida, a passagem à obra. Uma proposta que se quer para as pessoas não pode furtar-se ao escrutínio por essas mesmas pessoas. Assim, encaramos a proposta como a base para um processo participado, em que a comunidade teria a oportunidade de pronunciar-se em relação a programa e forma, ao lugar que quer para as artes performativas no seu seio.

Palavras-chave

Cabo Verde, Mindelo, Cineteatro, Éden Park, Reestruturação, Casa da Cultura.

Title:	A NEW HOUSE OF CULTURE FOR MINDELO, CAPE VERDE
	A RESTRUCTURING PROJECT FOR EDEN PARK.
Graduate:	Lucindo Israel Dias Delgado
Supervision:	PhD João Francisco Figueira
Degree:	Master in Architecture
Place / date:	Lisbon, FAUL, december 2018

Abstract

The Édén Park cinema theatre was for decades the central reference in the cultural and social life of Mindelo and Cape Verde, being considered its cultural capital. Closed in 2006, when cinema culture was unable to face the competition of television, the cinema was left in a deplorable state of neglect and degradation, in the "square" of Mindelo. Nowadays, even if the culture of television is also happening, the public authorities seems to be -correctly -sensitive to the need of developing the creative industries, in terms of the rising influence of music, carnival, dance and theater. The lack of spaces for creation and representation of the performing arts required by the social development, in which they can find themselves represented in harmony with current demands of creation, make us believe that it is time to think seriously in returning Eden to the Cape Verdean economy, society and culture.

In this research we go through the urban and cultural history of São Vicente, necessarily of Édén as well, we cover a wide range of cultural equipment (in Paris, Nantes, Stockholm and Montemor-o-Velho), we study their programs and observe different ways how equipment's can belong and engage the community it serves, we also remark strategies where the architectural components are an important part, but not always essential, in which are associated a very diverse financial envelope. Besides, we studied -in a working process in which we exchange impressions with Rui Horta and Marlene Monteiro Freitas -the requirements of entertainment centers with creation and presentation skills. Parallel to all this, was the consideration of the Cape Verdean reality and the intervention area, exploring various morphological, typological and constructive hypotheses. The proposal that emerges from this research trajectory recognizes the uniqueness of Eden, emphasizes its importance as a place of memory, but it is determined to place its recovery under the horizon of an equipment of creation and presentation adapted to the current demands of the performing arts, an equipment that can provide culture, society and economy with relevant cultural and artistic services, which can be ambitious enough to constitute the focus of social life in Mindelo. Cultural and social life was, in the past, highly centered around Eden Park and it is hoped that this may happen again. Édén Park has played, in the past, a significant role in terms of cultural and social life and it is hoped that this may happen again, however with a different program together with a profound restructuring process of the old Eden it used to be.

Although based on a systematic study and project exploration, the project proposal is not simply considered as the preamble of a more detailed project regarding the specialties and then, the construction. A proposal that one wants for people cannot shy away from scrutiny by these same people. Therefore, we see the proposal as the basis for a participatory process, in which the community would have the opportunity to express itself in relation to program and form, as well as integrating the performing arts within it.

Keywords

Cape Verde, Mindelo, Cine-Theater, Édén Park, Restructuring, House of Culture.

Agradecimentos

Em primeiro lugar, desejo expressar o meu mais profundo agradecimento à Fundação Calouste Gulbenkian pelo apoio concedido à viagem de estudos a Nantes e Paris durante o verão de 2016. A viagem foi por demais útil para o trabalho elaborado, e com efeito, muito marcante, tanto no plano artístico-profissional como pessoal.

Ao meu professor e orientador João Francisco Figueira, que me resgatou ciclicamente do “abismo”. Pela estima, pela amizade, por tudo o que fez por mim, por tudo o que me deu a conhecer. Vamos a Cabo Verde um dia, com tudo à minha conta!

À minha namorada Michaelle que, estando longe, tem preenchido a falta que a família faz. Que me ajuda a ligar a este mundo quando a esperança é a única coisa que mantém viva a luta por uma vida melhora. Desculpa por muitas vezes não ter conseguido estar contigo para tomarmos o primeiro café que nos acordava para a vida e de não ter ligado muito a aquela frase do “célebre filósofo” (cujo nome não me ocorre): “dormir é andar de mãos dadas com a morte ...” ou isso! O teu amor é e sempre será o combustível.

A avó joana, peço todos os dias que não morras sem rever o seu primeiro neto!

Ao meu pai e a minha mãe, que continuem a acreditar em mim. Ao “resto” da família que não vejo a 10 anos. A tia Teresa que me ensinou a viver decentemente sobre os pecados mundanos. Aos irmãos de criação: Elton, Ronice, Eveline, Yuran, Mónica, Bruna, Edilene, Milene, Arturzinho (que deus o tenha). A Irondina, Bela, Ivone, januário, John, Orlandino. E a lista infindável de primos. Aos irmãos de sangue Imerson, Jéssica, Wilsa, Beatriz, Bryan. Estudar arquitetura deixou-me velho, mas espero ter a chance de um dia vos conhecer melhor. Ao meu irmão Edmilson que cumpre promessas: “Vou eu te visitar um dia”. Obrigado irmão trouxeste-me uma força que não imaginava existir neste mundo. Continua esse ser iluminado que és!

À Sueli, tia querida desculpa o velho dizeres que “os super-heróis não existem”. Amor então não é o teu super-poder?

Aos amigos que caminham sempre ao meu lado, e são testemunhos desta “luta”: Fabiana, Tiago e Rui. A vossa energia positiva mostrou sempre um porto seguro depois e durante “tempestades”. Ao meu grande amigo Aloísio, irmão de pais diferentes. Ao mestre Martins, pelas “toneladas de endorfina” libertados nas manhãs de domingo com os nossos treinos. Serás sempre um modelo para min.

Ao meu “tio-irmão” Anildo que após inúmeros sumiços da minha parte, nunca hesitou em me ajudar para tornar breve o meu retorno a casa. Aos meus irmãos n-gémeos: Dário, Zenilton, Fredson, Stalino e irmãs Hélia, Eliane, a Dna Maria e o Sr. (pai deles todos), obrigado pelo acolhimento.

Aos “wakanda” e ao “Achas-Achas”. Longe de casa, vocês têm sido “o lugar” que me traz o que está longe para perto.

A lista infindável dos que se decepcionaram comigo durante estes “mil anos de luta”, aos quais eu direi sempre: -ponham-se na fila, atrás de mim mesmo! Acreditem não foi e não é fácil viver e estudar.

É VOSSA A CULPA DO MEU SONHO!

ÍNDICE

Resumo II. Abstract III. Agradecimentos IV. Índice Geral V. Índice de Imagens VI.

1. INTRODUÇÃO

1.1. O Éden do Mindelo	1
1.2. A proposta de reconversão “Casa de Cultura -Cine Éden Park”, ou o Éden de ninguém	2
1.3. Por um outro Éden	5

2. HISTÓRIA E MEMÓRIA

2.1. A Ilha de São Vicente e a Cidade do Mindelo	
2.1.1. Ilha de São Vicente	9
2.1.2. Cidade do Mindelo	12
2.2. A Praça Amílcar Cabral	24
2.3. O Éden	31
2.4. A crise do cinema e do Éden	36
2.6. As festas de romaria e o Carnaval	
2.6.1. A Festa da Bandeira e a Festa de São João	38
2.6.2. O Carnaval do Mindelo	41
2.7. Os ritmos e a música	44
2.8. O MINDELACT	45
2.9. Marlene Monteiro Freitas	47

3. PROJETO

3.1. Para uma Casa da Cultura	50
3.2. Estudo de casos:	
3.2.1. Nantes: Le Voyage à Nantes, Lieu Unique e Escola Superior de Arquitetura	53
3.2.2. Paris: Centro Pompidou, BPI, IRCAM e Palais de Tokyo	59
3.2.3. Estocolmo: Kulturhuset	67
3.2.4. Montemor-o-Novo: O Espaço do Tempo	70
3.2.5. Síntese	73
3.3. Programa	76
3.4. Morfologia	89
3.5. Tipologia	96
3.6. Construção	98
3.7. Participação	105

4. CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA	109
--------------	-----

ANEXOS	113
--------	-----

Anexo 1 – Proposta – Painés	114
Anexo 2 – Processo de Trabalho – Desenhos e maquetas	132
Anexo 3 – Viagem de Estudo a Nantes e Paris, 28.8 a 4.9.2016 – Relatório	146

ÍNDICE DE IMAGENS

- Fig. 01. Arq. Carlos Hamelberg, *Casa de Cultura - Cine Éden Park*, 2014. Proposta preliminar, Diagrama funcional. Cortesia Arq. Carlos Hamelberg.
- Fig. 02. Arq. Carlos Hamelberg, *Casa de Cultura - Cine Éden Park*, 2014. Diagrama funcional. Cortesia Arq. Carlos Hamelberg.
- Fig. 03. República de Cabo Verde, Área Classificada Património Nacional, 2012. Delimitação do centro histórico do Mindelo. In Resolução nº 16/2008, de aprovação da candidatura da Morna a Património Imaterial da Humanidade, 19.02.2018, B. O., nº 18 (in <https://kiosk.incv.cv/V/2012/1/31/1.1.6.1470/>, consultado em 10.5.2018).
- Fig. 04. L. Delgado, *Projeto de Reestruturação do Éden Park*, 2018. Vista de conjunto.
- Fig. 05. Google Earth, *Cabo Verde, Ilhas do Barlavento e Sotavento*, 2017. Ilhas de Barlavento (S. Antão, S. Vicente, S. Luzia, S. Nicolau, Sal, Boavista); ilhas de Sotavento (Maio, Santiago, Fogo, Brava). Consultado em 1.9.2018.
- Fig. 06. P. Lopes, *Ilha de São Vicente*, 2016. In P. Lopes, *Sede do Atelier Mar. Projecto de Reabilitação*, p. 24. Tese de Mestrado em Arquitectura. Porto: Faculdade de Arquitetura do Porto.
- Fig. 07. Arquivo Histórico do Ultramar (A.H.U), Vidal e Mudge, *Povoação do Mindelo*, 1820. In J. S. Morais. *Mindelo, Património Urbano e Arquitetónico. Assentamento urbano e seus protagonistas*, p. 47. Ligeiramente modificada.
- Fig. 08. Esquerda, cima e baixo: C. D. Coelho (coord.) e GIFUL, *Tecido Urbano Lisboa e Roma*. In C. D. Coelho, *Cadernos de Morfologia Urbana: Os Elementos Urbanos*, p. 15. Direita: Arquivo Histórico do Ultramar (A.H.U), *Plano de Povoação do Mindelo*, 1838. In J. S. Morais. *Mindelo, Património Urbano e Arquitetónico. Assentamento urbano e seus protagonistas*, p. 61. Ligeiramente modificada.
- Fig. 09. Sena Barcelos, *Planta da Povoação do Mindelo na ilha de S. Vicente de Cabo Verde em 1858*. In B. Papini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 23. Ligeiramente modificada.
- Fig. 10. Arquivo Histórico do Ultramar (A.H.U), *Mindelo*, 1873. In B. Papini, *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 35.
- Fig. 11. Arquivo Histórico do Ultramar. *Mindelo Cidade*, 1879. In B. Papini, *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 37. Ligeiramente modificada.
- Fig. 12. Arquivo Histórico do Ultramar, *A Zona Marginal Marítima e Zonas Vizinhas. Ocupação Inglesa (1850-79)*. In B. Papini, *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 50. Ligeiramente modificada.
- Fig. 13. Arquivo Histórico do Ultramar, *A Zona Marginal Marítima e Zonas Vizinhas. Ocupação Inglesa (1879-1914)*. In B. Papini, *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 51. Ligeiramente modificado.
- Fig. 14. J. Loureiro, *Aspectos da vida na Urbe de Mindelo*. 1912. O Grande Hotel Brasileiro. In J. S. Morais. *Mindelo, Património Urbano e Arquitetónico. Assentamento urbano e seus protagonistas*, p. 114.
- Fig. 15. *Praça D. Luiz*, (1874-75). In B. Paipini, *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 40.
- Fig. 16. Esquerda: Arquivo Histórico do Ultramar (A.H.U.), *Planta da Cidade de Mindelo*, 1906 (in J. S. Morais. *Mindelo, Património Urbano e Arquitetónico. Assentamento urbano e seus protagonistas*, p. 101), com anotação

de L. Delgado relativa à descentralização da Praça D. Luiz. Centro: L. Delgado, Deslocação da Praça para Norte. Direita: Detalhe da imagem esquerda.

- Fig. 17. (A.H.U.), *Planta da Cidade de Mindelo*, 1906 (in J. S. Morais. *Mindelo, Património Urbano e Arquitetónico. Assentamento urbano e seus protagonistas*, p. 101). Ligeiramente modificada. Com nome das ruas antigas, demarcação dos quintalões, o terreno do hotel Porto Grande, entre outros.
- Fig. 18. *Praça Nova*, 1927. In B. Papini, *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 61.
- Fig. 19. *Desenvolvimento da zona da Praça Nova, a partir de 1835. Edifícios construídos nas imediações da Praça Nova*. In B. Papini, *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 157-161.
- Fig. 20. *Éden Park*, 1940. In J. Branco, *Crioulização Cénica*, p. 90.
- Fig. 21. *Éden Park*, 1930-2018. 1: Foto Lurd. 3: Nuno F. Marques. 4: J. Branco. 5: J. Branco. A. Delgado. In J. Branco, p. 75-78.
- Fig. 22. Grupo Cénico Os Sempre Fixes, *Revista Tudo Trocado*, 1943, frente e verso do programa. In J. Branco, *Crioulização Cénica*, p. 79.
- Fig. 23. *Festa da Bandeira, Fogo*, 2018. Ilha do fogo. Cortesia Fotógrafo José Pereira.
- Fig. 24. *Festa de São João*, 2018. Cortesia fotógrafo José Pereira.
- Fig. 25. M. E. Latela, *Festa de São João*, 2010. In Brito-Semedo, "Colá San Jon - Festa tradicional", in Esquina do Tempo, 26.5.2015 (in <https://brito-semedo.blogs.sapo.cv/cola-san-jon-festa-tradicional-127403>, consultado em 1.9.2018).
- Fig. 26. M. R. Fernandes, *Festa de São João, em Lisboa*, 2010. In *Lx Workshops*, 5.5.2013. (In <https://lxworkshops.wordpress.com/2013/05/05/workshop-de-fotografia-de-rua-kola-san-jon-cova-da-moura-22-de-junho/>, consultado em 1.9.2018).
- Fig. 27. L. Delgado, *Carnaval do Mindelo. Mapa*, 2018.
- Fig. 28. J. Chantre, *Carnaval do Mindelo*, 2018. Cortesia de Anildo Delgado.
- Fig. 29. *Excursion de professeurs de L'École des beaux-arts de Porto em Grèce*, 1976. In Foundation Calouste Gulbenkian, *50 ans d'architecture portugaise. Les Universalistes*, p. 184.
- Fig. 30. *Le Voyage à Nantes*, 2016. (In <https://www.levoyageanantes.fr/parcours-plan/>, consultado em 10.8.2016).
- Fig. 31. *Fábrica Lefèvre*, Nantes, 1900. Fotografia L. Delgado a partir da maquete no Museu de História de Nantes.
- Fig. 32. Arqº Patrick Bouchain, *Lieu Unique*, Nantes, 2016. Fotografia L. Delgado. Ligeiramente modificada.
- Fig. 33. Arqº Patrick Bouchain, *Lieu Unique*, Nantes, 2016. Fotografia L. Delgado.
- Fig. 34. Arqº Patrick Bouchain, *Lieu Unique*, Nantes, 2016. Fotografia M. Argyroglo. (In https://martin-argyroglo.photoshelter.com/image/I0000KIZO_L85tfw, consultado em 20.10.2018).
- Fig. 35. Arq.os Lacaton & Vassal, *École Nationale Supérieure d'Architecture*, Nantes, 2009. (In <https://www.lacatonvassal.com/index.php?idp=55>, consultado em 20.12.2017, ligeiramente modificada.)
- Fig. 36. Arq.os Lacaton & Vassal, *École Nationale Supérieure d'Architecture*, Nantes, 2009. Fotografia J. F. Figueira.
- Fig. 37. Arq.os Lacaton & Vassal, *École Nationale Supérieure d'Architecture*, Nantes, 2009. Fotografia L. Delgado.
- Fig. 38. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977. (In <http://www.rpbw.com/project/3/centre-georges-pompidou/>, consultado em 23.9.2016).
- Fig. 39. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977. Fotografia L. Delgado.
- Fig. 40. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977. Fotografia L. Delgado.
- Fig. 41. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977. (In

<https://www.centrepompidou.fr/en/The-Centre-Pompidou/The-history>, consultado em 10.7.2016.)

Fig. 42. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977. (In <http://www.bpi.fr/informations-pratiques/les-espaces/niveau-1>, consultado em 20.8.2016, ligeiramente modificada.)

Fig. 43. Arqº Renzo Piano, *IRCAM*, Paris, 1978 (1º fase) e 1988 (ampliação). (In <http://www.arch.mcgill.ca/prof/mellin/arch671/winter2001/mduran3/drm/renzopiano.htm>, consultado em 20.8.2016.)

Fig. 44. Arqº Renzo Piano, *IRCAM*, Paris, 1978 (1º fase) e 1988 (ampliação). Fotografia J. F. Figueira. In L. Delgado, “Viagem de Estudo a Nantes e Paris, 28.8 a 4.9.2016”, p. 33.

Fig. 45. Arq.os Lacaton & Vassal, *Palais de Tokyo*, Paris, 2012. Fotografia L. Delgado.

Fig. 46. Arq.os Lacaton & Vassal, *Palais de Tokyo*, Paris, 2012. Fotografia L. Delgado.

Fig. 47. Arq.os Lacaton & Vassal, *Palais de Tokyo*, Paris, 2012. Fotografia J. F. Figueira. In L. Delgado, “Viagem de Estudo a Nantes e Paris, 28.8 a 4.9.2016”, p. 36.

Fig. 48. Arqº Peter Celsing, *Kulturhuset*, 1974. (In <http://kulturhusetstadsteatern.se/Om-Kulturhuset-Stadsteatern/Husets-historia/>, consultado em 10.1.2017.)

Fig. 49. Arqº Peter Celsing, *Kulturhuset*, *Planta do piso térreo*, 1974. In HIC e NUNC, blog aberto sobre temas de Arquitetura e cidade, in <http://hicarquitectura.com/2018/07/peter-celsing-kulturhuset-1974/>, consultado em 27.10.2018.

Fig. 50. Arqº Peter Celsing, *Kulturhuset*, Alçado Principal de *Kulturhuset*. 1974. In HIC e NUNC, blog aberto sobre temas de Arquitetura e cidade, in <http://hicarquitectura.com/2018/07/peter-celsing-kulturhuset-1974/>, consultado em 27.10.2018.

Fig. 51. Município de Montemor-o-Novo, *Convento Nossa Senhora da Saudação*, séc. XVI. In C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 104.

Fig. 52. *Convento Nossa Senhora da Saudação*, séc. XVI. In C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 66.

Fig. 53. Arqº José Filipe Correia Ramalho, *Projecto de Reutilização do Convento de Nossa Senhora da Saudação em Montemor-o-Novo*, 2009. (In <https://www.archilovers.com/projects/206121/convento-da-saudacao.html>, consultado em 2.5.2018.)

Fig. 54. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden Park*, 2018. Axonometria geral da proposta.

Fig. 55. L. Delgado, *Projeto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Axonometria Explodida da proposta.

Fig. 56. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 1, diagramas: Núcleo da memória.

Fig. 57. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 1, plantas com o programa de cada piso: Piso -1, Piso 0, Piso1, Piso 3.

Fig. 58. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 1. vista do conjunto.

Fig. 59. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 2, diagrama: Auditório.

Fig. 60. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 2, plantas com programa de pisos: Piso 1, Piso 0, Piso1, Piso 2, Piso 3, Piso 4e 5, Piso do miradouro.

Fig. 61. L. Delgado, *Projeto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 2, desenho do foyer de entrada, recepção, balcão livraria.

Fig. 62. L. Delgado, *Projeto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 2, desenho Utilização da esplanada cobertura da rampa.

Fig. 63. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Realce da unidade 3 no conjunto: Black Box.

Fig. 64. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 3, plantas com programa de pisos: Piso 1, Piso 0, Piso1, Piso 2, Piso 3, Piso 4 e 5, Piso do miradouro.

- Fig. 65. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Espaço servido e espaço servido. Camarins e Salas, axonometria: Esquema de uso.
- Fig. 66. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Piso 1, planta: poço de carga, oficina de costura, oficina carpintaria, zona carga descargas e Black Box.
- Fig. 67. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Piso 1, desenho de transição de cargas para piso 0.
- Fig. 68. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Piso 1, Desenho da Praceta definida pela rampa e pela Black-Box, possibilidade de abertura das portadas em fole da sala polivalente e Black Box.
- Fig. 69. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. A rampa e o seu gesto: da cota da Praça Nova (Rua Argélia), > Rua Senador Vera Cruz (Black Box), > Terraço do Éden.
- Fig. 70. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Rampa: percurso desde a rua Argélia (1) ao terraço da música (7).
- Fig. 71. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Morfologia: Análise da integração do novo Éden com a sua envolvente. Imediações da Praça Nova.
- Fig. 72. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Morfologia: Análise da integração do novo Éden com a sua envolvente.
- Fig. 73. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Rampa: vista da Rua Senador Vera Cruz, entrada dos artistas.
- Fig. 74. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Black Box: Diagrama da configuração da bancada (praticáveis ou cadeiras). Acessos dos artistas e acessos do público.
- Fig. 75. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Terraço: dois volumes salientes e o espaço sombreado (torre e caixa de palco).
- Fig. 76. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Piso 4, Torre, planta: Uso da dupla fachada da torre; com o espaço aberto ventilado ou encerrado.
- Fig. 77. *Tipologias da construção em Cabo Verde: São Vicente (1858, 1930, 1937), Santo Antão (2015)*.
- Fig. 78. *Vista Urbana*, Mindelo, 2018. Fotografia S. Pirrone. (In <https://www.archdaily.com.br/br/885504/hotel-terra-lodge-ramos-castellano-arquitectos>, consultado em 1.8.2018.)
- Fig. 79. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden Park*, 2018. Nova sala, paredes: axonometria estrutural.
- Fig. 80. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden Park*, 2018. Materialidades: fachada Sul da Torre em madeira, fachada oeste em betão (pigmentação escura).
- Fig. 81. Ramos Castellano Arquitectos, *Aquiles Eco Hotel*, 2014. Fotografia S. Pirrone. (In https://www.archdaily.com.br/br/788020/aquiles-eco-hotel-ramos-castellano-arquitectos?ad_medium=widget&ad_name=more-from-office-article-show, consultado em 2.8.2018.)
- Fig. 82. Ramos Castellano Arquitectos, *Terra Lodge Hotel*, 2017. Fotografia S. Pirrone. (In https://www.archdaily.com.br/br/885504/hotel-terra-lodge-ramos-castellano-arquitectos?ad_medium=widget&ad_name=more-from-office-article-show, consultado em 3.8.2018.)
- Fig. 83. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden Park*, 2018. Conjunto de Varas motorizadas no auditório, com motores localizados no chão.

1. INTRODUÇÃO

1.1. O Éden do Mindelo

Na principal praça da cidade do Mindelo, Cabo Verde, Praça Amílcar Cabral, existe um “vazio” chamado Éden Park. Não vazio formal, já que aí ainda se encontra o que resta do primeiro cineteatro de Cabo Verde, inaugurado em 1922 por César Marques da Silva, mas vazio em termos de uso e cívico, em razão do abandono a que se encontra votado. Trata-se de uma “área expectante”.

Dispondo ao longo de séculos do mais importante porto de Cabo Verde, do único liceu do país, o Mindelo também constituiu, antes e durante longa data depois da independência, a mais importante das cidades do país. Assim, o cineteatro Éden Park constituiu tanto uma referência nacional como para a cidade. Tratou-se do primeiro e, ao longo de anos, do único cinema permanente e principal sala de espetáculos do país. Com a sua esplanada e, como referido, na praça principal, localizado constituiu o foco da vida social e cultural do Mindelo, que, com o estabelecimento da capital na Praia, tornar-se-ia a segunda cidade do país, mas a "capital da cultura" de Cabo Verde.

O Éden Park foi local cimeiro da cultura mindelense e cabo-verdiana. Foi um poderoso instrumento de libertação da condição humana do homem cabo-verdiano no seu sentido mais lato. Depois da escola, das igrejas, e do futebol, o mindelense se educava, via o mundo “ia lá fora cá dentro”, e se divertia: “não posso deixar de relembrar os grandes combates de boxe de Lady, Djeré e Cabral, no Éden Park, ou as peças de teatro apresentadas pelo Grémio Castilho, Amarante, Académica e também pelo Liceu Gil Eanes e a Escola Técnica do Mindelo”¹. No quadro da música cabo-verdiana, muitos são os nomes que fizeram do Éden “escola” dos mais notáveis: Amândio Cabral, Bana, Morgadinho, Luís Morais, e até às mais novas gerações como Jorge Sousa, Titina, Paulino Vieira. Um "grito musical" da autoria de Luiz Silva e Juvino dos Santos, aumenta o reportório da dor e da angústia causada pelo criminoso desprezo a que foi votado o Éden Park: "Só se chora quem deixou riqueza". E a riqueza deixada pelo Éden é desmedida, tratou-se de uma verdadeira “universidade popular”.

Em Portugal fez-se eco deste fecho nos seguintes termos:

*No que se refere a cultura nacional [de Cabo Verde], assinala-se o fecho do cinema Éden Park, naquela que é considerada a meca cultural de Cabo Verde. [...] É inevitável perguntar por que é que o cinema deixou de fazer parte dos interesses de gentes que nascem com a arte e fazem dela a sua forma de estar.*²

¹ B. Semedo, “Grito Musical em Memória do Éden Park”.

² J. Marmelo, “O Mindelo está a mudar, mas ainda é gostoso”.

A falta de reação que se refere nesta citação, de facto ocorreu, mas pelo lado do Estado e do Município. Já a sociedade civil e cultural sofreu o fecho como uma perda como irreparável. Entretanto, na Praça Amílcar Cabral do Mindelo, o Éden resiste como questão em aberto.

1.2. A proposta de reconversão “Casa de Cultura - Cine Éden Park”, ou o Éden de ninguém

O Éden que se encontrava encerrado desde julho de 2006, permaneceu “numa triste ruína à espera de urgente intervenção para não derrocar por si só”³.

Em 2014, é divulgada a proposta de reconversão, intitulada “Casa de Cultura – Cine Éden Park”, de autoria do Arq. Carlos Hamelberg. Esta proposta surgiria após a aquisição do teatro por parte da INCO, Companhia de Investimentos SA, que acrescentaria novas exigências ao programa anterior, entre as quais “a adição de um bloco de hotelaria de 8 pisos.”⁴ (Fig. 03).

Segundo o autor do projeto, este seria um espaço multiusos, moderno, onde não só haveria espaço para um cinema, assim como conferências, para teatro e grandes espetáculos⁵. Contaria ainda com um novo edifício como extensão do antigo éden, com acesso directo pela parte posterior do mesmo, uma área de cariz cultural mais popular com uma galeria dedicada ao tema do carnaval.

O novo programa para o edifício proposto contaria assim com:

- **Cave** - onde se encontrariam as áreas privadas e técnicas: fosso técnico do palco do teatro, estacionamento privado, áreas de armazém da cervejaria e do restaurante e também os reservatórios de água. Teríamos ainda neste piso, no alçado principal, áreas comerciais destinadas a bancos.
- **Rés-do-chão** - reservado maioritariamente a áreas públicas: galeria expo-performance, galeria/bar para atividades artísticas ao ar livre, cinema-teatro e respetivas áreas de serviço e camarins e por último uma unidade de fabricação de cerveja tipo comercial. Garantir a existência de acessos independentes para serviços, equipamentos e materiais foi um dos objetivos do projeto.
- **Piso 1** - balcões do teatro/varanda do Éden Park e primeiro piso dos cinco pisos destinados ao uso comercial
- **Pisos 2 a 8** - onde se localiza o piso técnico do teatro, os restantes espaços comerciais, uma guest-house, café-concerto e a zona de restaurante com espaço para buffet e eventos.

³ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 76.

⁴ Arqº Carlos Hamelberg. Apontamentos de uma conversa com o arquitecto da proposta “Casa de Cultura - Cine Éden Park”, ocorrido em Lisboa em janeiro de 2016. Podendo se confirmar os factos com desenho da proposta, cedidos também por ele.

⁵ C. Hamelberg arqº, *Nota explicativa – Conceito*. Memória descritiva da proposta, cedida pelo arquitecto.



Fig. 01. Arqº Carlos Hamelberg, *Casa de Cultura - Cine Éden Park*, 2014. Proposta preliminar, Diagrama funcional.

Esta nova versão do Éden, apesar de manter o traçado original da fachada acrescenta-lhe toda uma volumetria em aço e vidro, que segundo Hamelberg pretendia introduzir um contraste entre o novo e o antigo.

Embora se pudesse ler “pomposos” artigos nos jornais mais importantes, a felicitar a iniciativa, “As obras de remodelação já começaram: Éden Park renasce das cinzas”⁶, arquitectos e urbanistas nacionais reagiam ao novo projeto, sensibilizados com a questão da descaracterização da Praça Nova, dada a sua volumetria e altura.⁷

Fizeram-se assim, abaixo assinados, apelos públicos, artigos em jornais e blogues, problematizando a questão. Os mindelenses protestaram ao fecho, com maior consternação, devido ao facto de que o Governo de Cabo Verde tinha adoptado a Resolução nº 6/2012, de 31.1.2012. A resolução classificava como património nacional o centro histórico da “Morada” - nome corrente do centro da cidade -, preservando, desta forma, “os traços e a memória da ilha [...] relevante para preservação da identidade e a valorização da cultura Cabo-verdiana.” Deste modo, toda e qualquer intervenção urbanística na área protegida (fig. 02) era obrigada a ter uma aprovação prévia formal do Instituto da Investigação e do Património Cultural, visando as leis em vigor salvaguardar os mesmos.

⁶ A. Amaral, “Sociedade gestora promete Éden Park a funcionar ainda este ano”.

⁷ Entre outros, veja-se D. Mendes, “Éden Park: inevitabilidade de pensar uma nova cultura arquitectónica”.

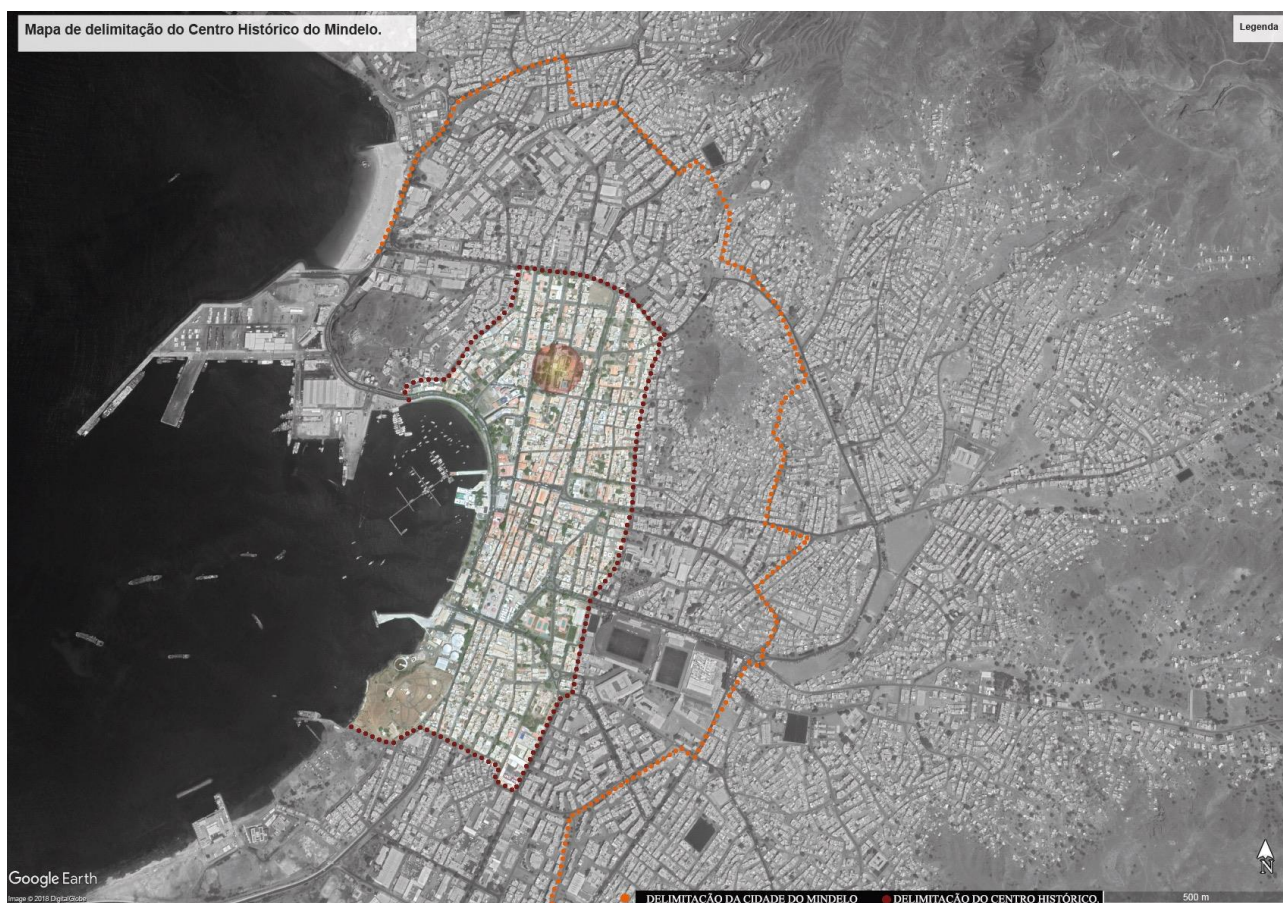


Fig. 02. República de Cabo Verde, Área Classificada Património Nacional, 2012. Delimitação do centro histórico do Mindelo.

Apesar de toda a discussão também estar ligada a linguagem estética do projeto, o autor acredita, no seu conjunto, ter encontrado uma harmonia. As obras chegaram a ter início, mas foram imediatamente paralisadas pelo movimento de protesto, de agentes culturais e outros cidadãos comuns. As autoridades acabaram por intervir ao se comprovar a inexistência da autorização formal que a lei exigia.

O facto desta proposta suscitar forte reação antagônica pode ser explicado quer pela falta de qualidade da mesma, quer pelo lugar que o Éden ainda ocupa na memória de todos. O Éden não está esquecido, é apenas um assunto adiado, a aguardar uma resposta à altura.

1.3. Por um outro Éden

Na já referida classificação da “Morada” como conjunto arquitectónico de interesse histórico, arqueológico, artístico, científico e social, refere-se que “o seu valor justifica a conservação, o restauro e a valorização de um conjunto de imóveis”. Neste contexto, pouco ou nenhum sentido faz o “vazio expectante” no coração da Morada, deixar morrer ou entregar por trocados o Éden, para serventia de interesses alheios (que não o povo) ficando a mercê de “cirurgia de genética formal ou de travestismos arquitetónicos”.⁸ O caminho terá que ser outro e passará, pensamos, por um programa ajustado, forte, aglutinador.

É este quadro que nos propomos estudar e intervir. De forma muito genérica, diremos que se impõe a recuperação deste lugar da identidade (passada) para foco da vida sociocultural contemporânea (atual e futura). Passada a grande era do cinema, as artes do espetáculo e as formas de sociabilidade tendo também evoluído, a recuperação do Éden passa inevitavelmente pela sua transformação, pensamos.

⁸ V. F. Jorge, *Cultura e Património*, p. 19.



Fig. 03. Arqº Carlos Hamelberg, *Casa de Cultura - Cine Éden Park*, 201.
Proposta preliminar.

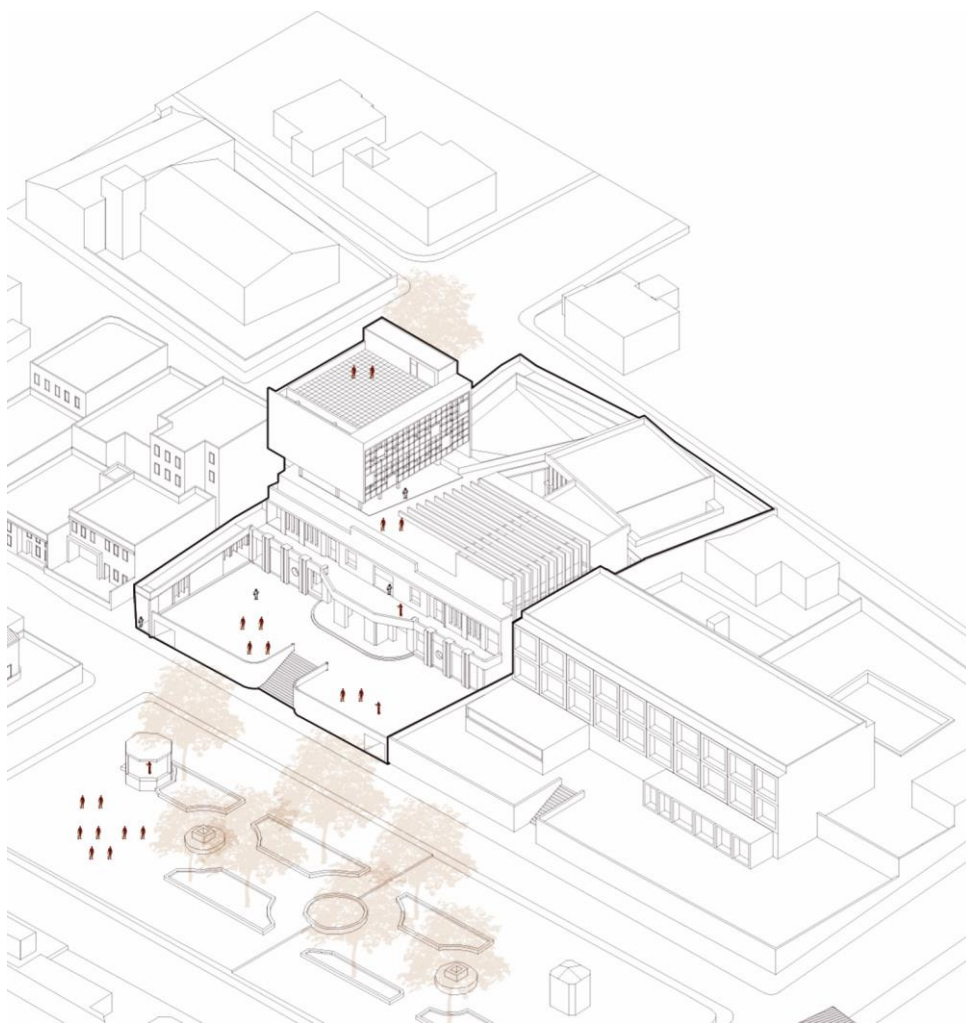


Fig. 04. L. Delgado, *Projeto de Reestruturação do Éden Park*, 2018.

Vista de conjunto.

Do menino, Mindelo.

Desembarcamos em Mindelo era 1999

Julho era menino

Oito ou nove

Dias talvez, porém cumprindo o seu destino

Muito novo

E já não tinha muitos donos – o seu destino.

Foi a primeira viagem de mar

Embriagado na azáfama do grande porto

Que lhe sugava o ar

Olhos cansados, angustia! um olhar mais a Norte

Que procurando o horizonte desvanecido

Na paisagem verde pintada sobre o nevoeiro no ar

Rendido

Foi fácil encontrar o fim da Vila – perdão, da cidade!

Quando “Prédios” passam a ser a casa

A casa se torna numa casa de férias.

Cresce-lhe asas

E regressa ao ninho.

L. Delgado⁹

⁹ Lucindo Delgado, rimas não publicadas.

2. HISTÓRIA E MEMÓRIA

2.1. A Ilha de São Vicente e a Cidade do Mindelo

Pretende-se, ao longo deste capítulo, fazer o enquadramento geográfico e histórico da ilha-cidade de São Vicente¹⁰.

Iremos também, assinalar sequencialmente os pontos mais relevantes que, na nossa visão, contribuíram para a construção do contexto sociocultural vivido na urbe de S. Vicente, propícios ao surgimento do Éden Park, entre os quais: O “despertar” da ilha de São Vicente (o povoamento tardio), que se dá no momento em que se recusa a insistir mais no seu desenvolvimento (a imagem das ilhas vizinhas) ligado a estrutura agrária mercantil escravocrata, mas sucumbindo-se ao destino que a sua formosa baía natural – o Porto Grande veio proporcionar, aproveitando o valor geoestratégico do arquipélago.

Por último, mas de igual valor, perceber a contribuição inglesa (acima de tudo a contribuição urbanística), que tornou a ilha num espaço vital, lugar de passagem obrigatória, um ponto de economia florescente, levando ao surgimento no Mindelo de uma cultura “distinta”, que a caracteriza até então.

2.1.1. Ilha de São Vicente

O arquipélago de Cabo Verde, localizado no oceano atlântico a cerca de 455 km da costa ocidental de África, é constituído por 10 ilhas e 5 ilhéus de origem vulcânica, que se dividem em dois grupos, Barlavento e Sotavento. O grupo de Barlavento é composto por 6 ilhas, entre as quais se encontra a ilha de São Vicente¹¹.



¹⁰ A Ilha de São Vicente pode ser considerada uma “ilha-cidade”, pois cerca de 92.6 % da população da ilha se concentra na cidade de Mindelo. I.N.E., *IV Recenseamento Geral da População e Habitação de 2010*.

¹¹ Além desta, fazem parte deste grupo as ilhas de Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (inabitada), São Nicolau, Sal e Boavista. As ilhas Maio, Santiago, Fogo e Brava pertencem ao grupo de Sotavento.

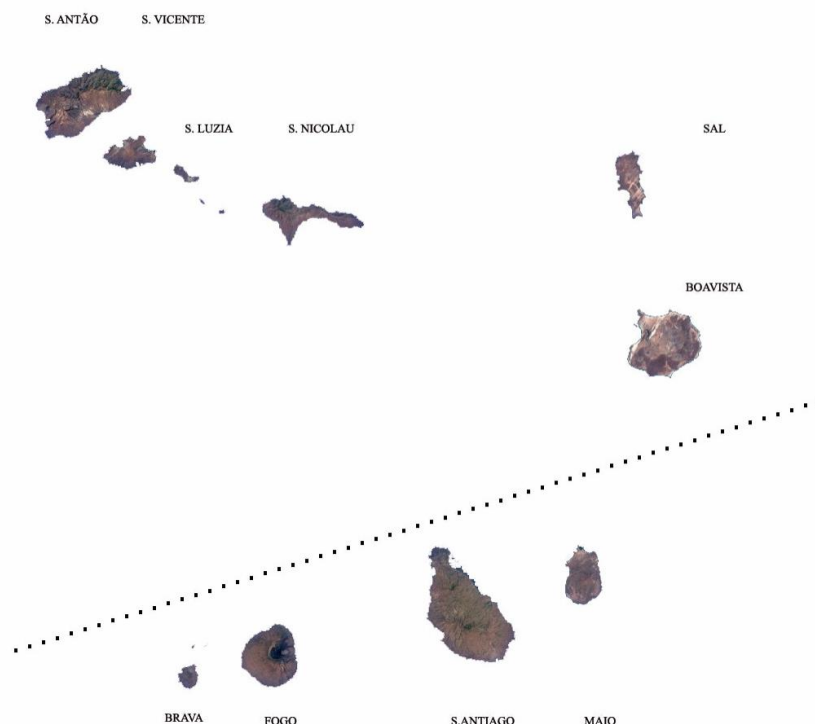


Fig. 05. Google Earth, *Cabo Verde, Ilhas do Barlavento e Sotavento*, 2017.

O povoamento de Cabo Verde surge ligado a compreensão, por parte da Coroa portuguesa, do valor geo-estratégico do arquipélago para a integração do Atlântico tropical. Devido a sua posição estratégica, proporcionava um ponto de escala ou entreposto, assegurando a continuidade e expansão das navegações portuguesas pelo Atlântico¹².

São Vicente, por sua vez, apesar das inúmeras tentativas de povoamento, devido ao clima e escassez de água potável a ilha manteve-se deserta até meados do século XIX, servindo de escala para frotas régias, entre as quais as britânicas, holandesas e normandas durante a conquista do Brasil. A primeira tentativa oficial de São Vicente ocorre em 1793, embora sem grande êxito pois as secas prolongadas, que influenciavam a economia da ilha, obrigavam os habitantes a abandonar a ilha. Apenas em anos posteriores a ilha ganha destaque graças às condições excepcionais da sua baía e à protecção natural (conferido pelos seus montes adjacentes) contra os ataques de corsários, comuns nesta altura. Condições estas, que despertaram o interesse dos ingleses levando a construção do primeiro depósito de carvão que viria a impulsionar o desenvolvimento da ilha.

¹² A. Correia e Silva, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, p. 10.

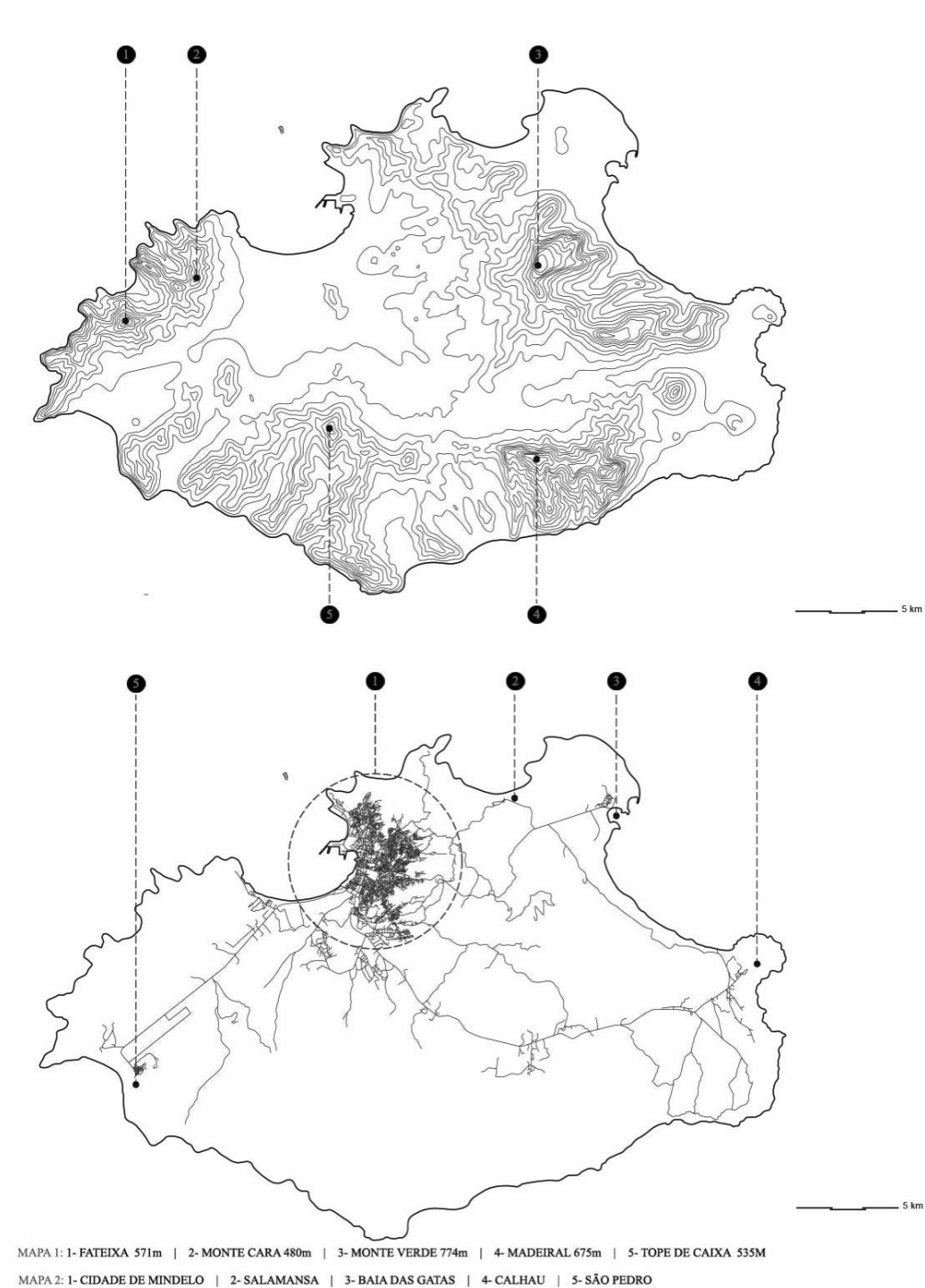


Fig. 06. P. Lopes, *Ilha de São Vicente*, 2016. Ligeiramente modificada.

São Vicente, com uma superfície de 227 km² (5,6% da superfície total das ilhas de Cabo Verde) é a sétima maior ilha do arquipélago. A ilha possui uma topografia irregular que conjuga terrenos acidentados e montanhosos com áreas mais planas a nordeste (junto à Baía das Gatas), noroeste (na caldeira do Mindelo) e sudoeste¹³.

Apenas um terço da ilha de São Vicente se encontra com actividade humana, 5,7% da sua superfície total. Desta percentagem, a maior parte corresponde a ocupação urbana na cidade de Mindelo, e o restante ao aeroporto e áreas industriais. As áreas de vegetação em área urbana correspondem a 0,9% e os terrenos agrícolas ocupam 3% da superfície da ilha, o que evidencia o estado de desertificação, bem com o fraco impacto da actividade agrícola na economia de São Vicente.

A semelhança das ilhas do arquipélago “áridas, [...] desprovidas de vegetação de tipo arbóreo”¹⁴, a ilha de São Vicente pertence a denominada faixa climática do Sahel de clima árido e semiárido, reconhecendo-se apenas duas estações: seca e húmida. A temperatura média anual em São Vicente é de 24° C. Nos meses mais quentes do ano, entre Julho e Setembro, atinge temperaturas ligeiramente superiores a 30° C. Deste modo, há anos praticamente secos, que originam as crises cíclicas que têm condicionado, ao longo da história, grande parte do desenvolvimento da ilha¹⁵.

2.1.2. Cidade do Mindelo

Como já referido, a cidade de Mindelo concentra a quase totalidade da população da ilha de São Vicente. Encontra-se localizada a noroeste da Ilha, numa das áreas menos acidentadas e sobre o que constitui a maior caldeira vulcânica da ilha.

Mindelo encontra-se limitada pela baía do Porto Grande e por uma série de colinas: o Monte Verde a leste numa cadeia montanhosa com o mesmo nome, a Sul o complexo montanhoso do Madeiral-Tope de Caixa e a Oeste o complexo montanhoso Monte Cara-Fateixa. A configuração em semicírculo e as colinas que envolvem a cidade permitiram a formação de um porto natural protegido dos ventos.

A cidade teve origem junto ao litoral, na baía do Porto Grande e expandiu-se em direcção às colinas que limitam o seu perímetro, acompanhando as principais vias de comunicação com o interior e linhas de água existentes. Actualmente, devido a sua estrutura confinada e sem margem de expansão, a cidade apresenta grande densidade de ocupação e consequentemente pressão urbanística sobre as áreas mais planas.

¹³ Entre as cadeias montanhosas que caracterizam a ilha temos: Monte de Tope de Caixa, Monte do Madeiral, o complexo montanhoso Monte Cara-Fateixa e o Monte Verde, de maior altitude da ilha (750 metros).

¹⁴ A. Correia e Silva, *Espaços Urbanos de Cabo Verde. O Tempo das Cidades Porto*, p. 36.

¹⁵ Registaram-se desde 1460 cerca de 23 crises cíclicas devido as grandes secas ocorridas no arquipélago. Fonseca, H. “Contribuição para o estudo do problema bioclimático do milho em Cabo Verde”, p. 44-57.

a) Urbanismo

Pensamos, quiçá ingenuamente, que o ponto de partida para o amanhã começa necessariamente por um passo socrático, um CONHECE-TE A TI PRÓPRIO COLECTIVO.

António Correia e Silva¹⁶

Dados históricos apontam que foi apenas por volta de 1850, que a ilha de São Vicente passa de um espaço inóspito, marginal, árido e semi-habitado a um espaço dinâmico, um ponto de encontro, centro de vida e de trocas culturais. A ilha teria permanecido deserta, se não fosse o seu amplo e abrigado porto - o Porto Grande.

Correia e Silva assinala que:

A situação mundial que se alterava começava a traçar um novo destino para a ilha de São Vicente, e incitava o entusiasmo de alguns governantes de visão que sonhavam, ainda com o povoado se resumindo ainda a algumas choupanas erguidas no areal, com um ambicioso plano que se “concretizaria” num papel desenhado, num período em que lutas intestinas assolavam o reino e depauperavam os cofres, e Cabo Verde conhecia um dos seus maiores períodos de estiagem e de mortalidade consequente.¹⁷

Aquando da descoberta de Cabo Verde em 1460 e 1462, pelos portugueses, procedeu-se de imediato ao povoamento oficial das ilhas, iniciando pela ilha de Santiago. No entanto, o povoamento das ilhas denominadas “desertas”, foi “adiado” por três séculos até a finais do séc. XVIII. Apesar das várias tentativas de ocupação humana permanente, o povoamento oficial da ilha de São Vicente, só foi possível depois da rainha D. Maria I, ter ordenando que “se povoasse a ilha de São Vicente e outras desertas de Cabo Verde”¹⁸, através de um decreto Régio de 1781¹⁹. Contudo, as tentativas oficiais de povoar a ilha recaiam sempre num contínuo fracasso já que “a falta de água potável, a ausência de quaisquer riachos e a escassez de chuvas completam o conjunto de factores desfavoráveis ao desenvolvimento desta ilha de terra vermelha e arenosa, que não pode produzir alimentos necessários para os seus habitantes”²⁰. Com efeito, como escapatória a população procurava abrigo nas ilhas vizinhas de Santo Antão ou de São Nicolau, onde as possibilidades de sobrevivência eram seguramente maiores.

Apesar das oscilações que caracterizaram o “povoamento” até então, a população de S. Vicente, começou a ganhar expressão á partir de 1790, passando, em 1798, a ser chamada de povoação D. Rodrigo, em substituição ao nome dado a sua primeira povoação, Nossa Senhora da Luz.

¹⁶ A. Correia e Silva, *Histórias de um Sahel Insular*, p. 11.

¹⁷ A. Correia e Silva, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, p. 11.

¹⁸ A. Correia e Silva, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, p. 37.

¹⁹ B. Papini, *Linhas Gerais da História do Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 5. O decreto isentava os novos povoadores de pagarem foro das terras num período de 10 anos, sendo que os dízimos resultantes fossem aplicados para a construção de igrejas.

²⁰ M. Figueira, *Subsídios para o Estudo Evolutivo da Cidade do Mindelo de São*, p. 10.

As cartas de 1819-20 (fig. 08) elaboradas pelos engenheiros ingleses Vidal e Mudge, comprovam os primeiros sinais de urbanização da povoação do Mindelo. Nestas plantas, destacam-se uma igreja, a primeira alfândega, uma instalação militar e a casa do governador.



Fig. 07. Arquivo Histórico do Ultramar (Vidal e Mudge), *Povoação do Mindelo*, 1820, ligeiramente modificada.

A povoação D. Rodrigo, a partir de 1820 passa a ser conhecida por povoação Leopoldina. Esta tinha as suas primeiras casas localizadas “numa pequena colina [...] fora dos fundos das ribeiras e das linhas de água nos tempos de chuvas”²¹.

No período 1835-38, com o governador António Pereira Marinho (o primeiro governador da província), dá-se um novo impulso no desenvolvimento da ilha. Neste período, elabora-se “o Projecto-lei para se fazer na ilha de S. Vicente a nova cidade, chamada Mindelo”²². Este decreto (de 11 de junho de 1838) não

²¹ B. Papini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 9.

²² B. Papini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 10.

só foi determinante para o surgimento da povoação com o nome de Mindelo²³, mas também propunha a sua elevação à categoria de capital, quando houvesse condições propícias para tal.²⁴

Elabora-se, nesse mesmo ano o primeiro plano de urbanização do Mindelo. Como se pode observar na figura abaixo (fig. 8), tratou-se de um plano de traçado ortogonal e rigoroso, inspirado nos esquemas tradicionais das cidades Europeias.

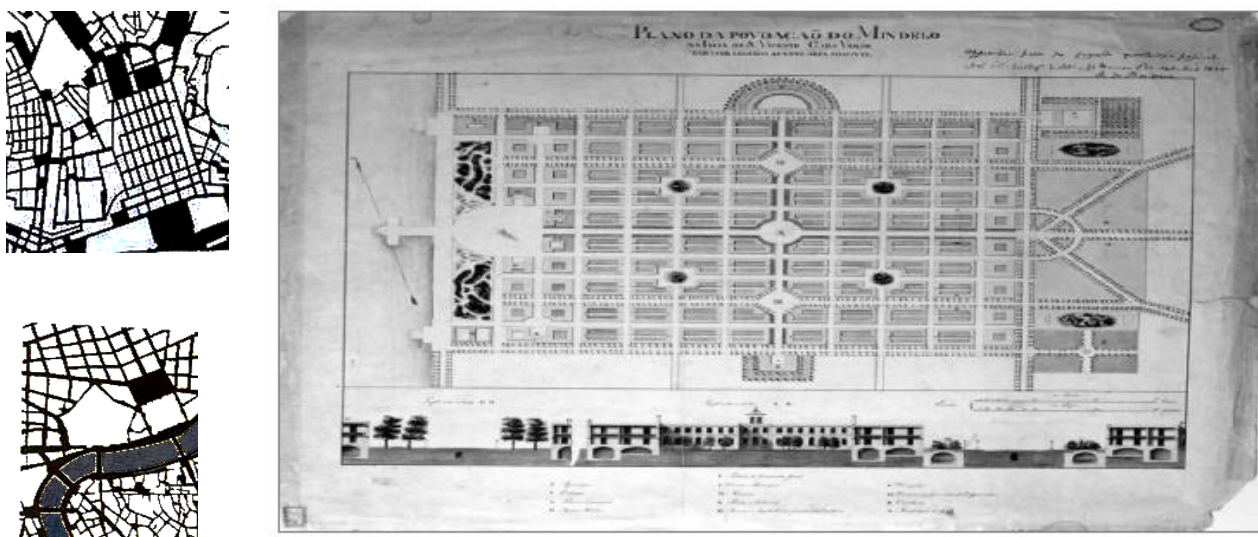


Fig. 08. Esquerda, cima e baixo: C. D. Coelho (coord.) e GIFUL, *Tecido Urbano Lisboa e Roma*; Direita: Arquivo Histórico do Ultramar (A.H.U), *Plano de Povoação do Mindelo*, 1838. Ligeiramente modificada.

Contudo, dificuldades financeiras e impedimentos de ordem política dissuadiram as autoridades portuguesas da ideia de mudança da capital da cidade da praia para a nova povoação do Mindelo. O plano “utópico” tão apoiado pelo então ministro do ultramar Marquês Sá da Bandeira, não chegou a ser concretizado: “Só um milagre poder-lhe-ia dar vida, com aquilo que é necessário a vida.”²⁵

²³ O nome Mindelo surge em homenagem ao desembarque das tropas liberais em 1820 na região de Mindelo em Portugal. Era a “Revolução Liberal em Portugal”.

²⁴ M. Figueira, *Subsídios para o Estudo Evolutivo da Cidade do Mindelo*, p. 10.

²⁵ M. Figueira, *Subsídios para o Estudo Evolutivo da Cidade do Mindelo*, p. 10.

b) A influência inglesa

A revolução industrial que ocorre nos finais do séc. XVIII, na Inglaterra, impulsionou a revolução económica no plano global. A grande indústria moderna apareceu apoiado no uso das máquinas. Por conseguinte, a invenção da máquina a vapor proporciona uma revolução a nível dos transportes. O navio a vapor tornou-se o meio de transporte transatlântico.

Os ingleses, que possuíam a maior indústria marinha da época, estavam a frente desta revolução. Portugal, nessa altura, e durante as guerras napoleónicas na Europa, ficou numa posição de dependência da Inglaterra e acabou por consolidar essa dependência com o *Tratado de Comércio e Navegação*, celebrado a 3 de julho de 1842²⁶. Este tratado, concedia a Inglaterra uma situação privilegiada no comércio com Portugal e com as suas colónias.

É neste contexto, graças ao seu porto de “condições geográficas excepcionais”, que São Vicente se torna numa plataforma importante para a instalação dos interesses comerciais dos ingleses, tendo sido criadas “por fim as bases para o desenvolvimento económico e urbano do Mindelo”²⁷. A sua baía natural tornou-se assim, num dos mais importantes portos do Atlântico. É possível confirmar a importância do Porto Grande com esta breve e exaltante descrição de Bonaparte: “Nessa baía serena como um lago, já lançaram ferros milhões de barcos de todos os calados, e esquadras das grandes potências marítimas”²⁸.

A partir de 1850, e com a implementação do primeiro depósito de carvão de pedra pela companhia *Royal Mail Steam Packet*, Mindelo ganha com o seu porto um futuro “substancialmente identificado com o mar”. “Inicia-se então uma verdadeira corrida dos investimentos carvoeiros ao Porto Grande”²⁹. No final da década de 1850, já se tinham instalado mais três companhias na ilha, nomeadamente a *Patent Fuel* em 1851, a *Visger & Miller* em 1853 e a *Mac Leod and Martim*.

O investimento das companhias carvoeiras no Porto Grande originou a que este elevasse a sua alfândega (de qualidade inferior e ainda dependente de Santo Antão) à 1ª instância (à semelhança da alfândega da Praia). Em 1851, São Vicente passa a ser a sede da comarca de Barlavento, e em 1852, desliga-se administrativamente da ilha de Santo Antão, passando a formar um município autónomo.

²⁶ A. Correia e Silva, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, p. 103. Segundo o tratado, os súbditos de cada uma das partes contratantes gozaria, nos domínios da outra, de estatuto de nação mais favorecida. Os ingleses que possuíam importantes interesses comerciais e estratégicos nos portos dos domínios portugueses (o contrário não se aplicava) impuseram-se, beneficiando-se do Tratado.

²⁷B. Papini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 13.

²⁸ M. Figueira, *Subsídios para o Estudo Evolutivo da Cidade do Mindelo*, p. 11.

²⁹ A. Correia e Silva, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, p. 109.

Em 1858, Mindelo foi elevado à categoria de vila. Apresentava-se já com uma estrutura urbana bem elaborada, e com um maior número de casas, se comparada a planta de 1820 (fig. 7). A população tinha ultrapassado as mil pessoas. Nesta altura, foram executadas as obras dos edifícios públicos, que consagravam a sua elevação à categoria de vila.

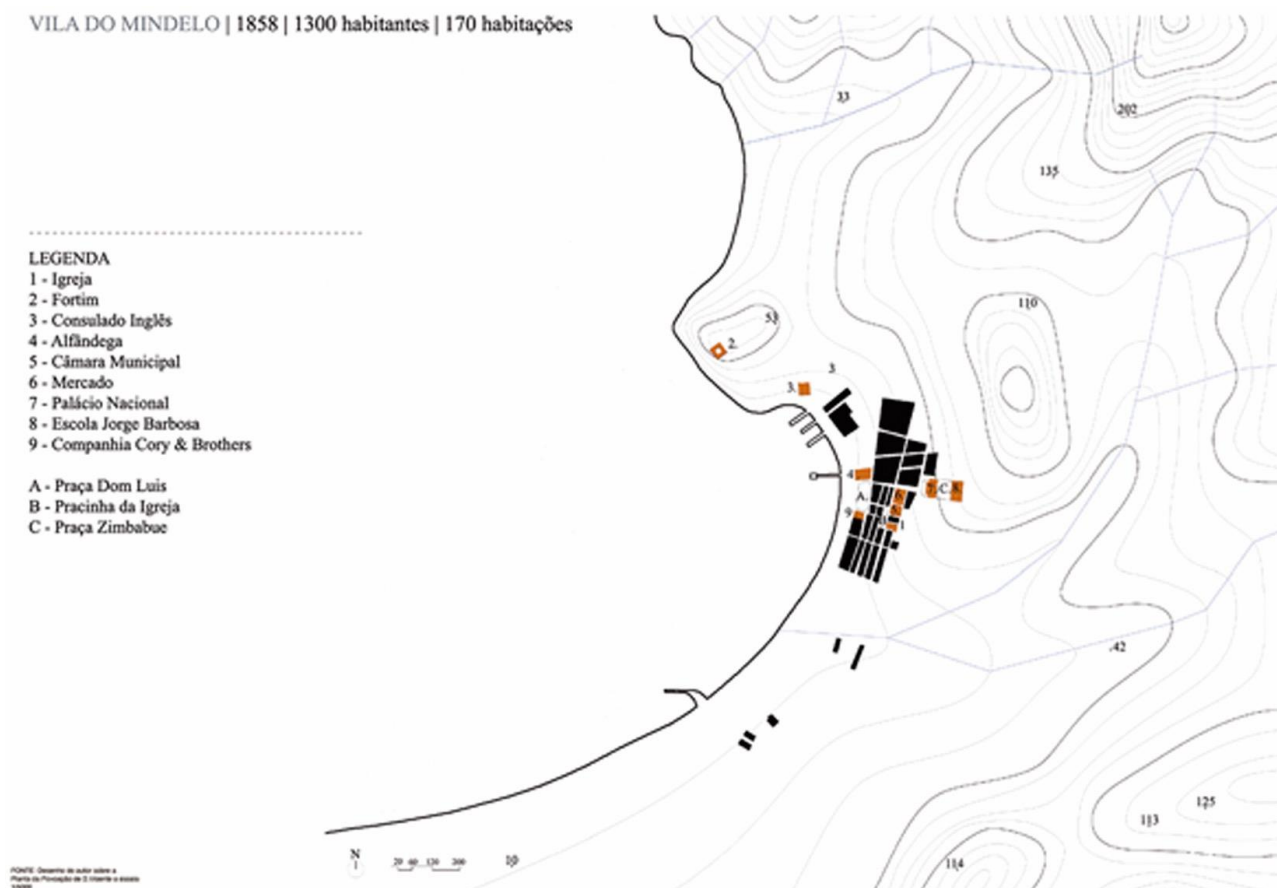


Fig. 09. Sena Barcelos, *Planta da Povoação do Mindelo na ilha de S. Vicente de Cabo Verde* em 1858. Vila do Mindelo. Ligeiramente modificada

Com a crescente importância da ilha de São Vicente e com a chegada de mão-de-obra livre³⁰ das outras ilhas para integrar o trabalho mercantil no Porto Grande, houve um desenvolvimento social muito relevante. Segundo o mapa de 1873 (fig. 10), surgem nesta altura os bairros de Monte Craca, a Sul, o Lombo de Frente e de Traz a Este da cidade, e algumas casas no Alto do Mira mar e Alto companhia. Estes bairros seriam os que mais viriam a crescer, constituindo o actual centro histórico do Mindelo.

³⁰ Com a abolição do estado da escravatura em 1857 em São Vicente (a primeira do arquipélago onde tal se verificou), tornou-se necessário mão-de-obra livre a trabalhar enquanto interessava, e em tempo de crise não ser objecto de preocupação para os patrões. B. Paipini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 33.

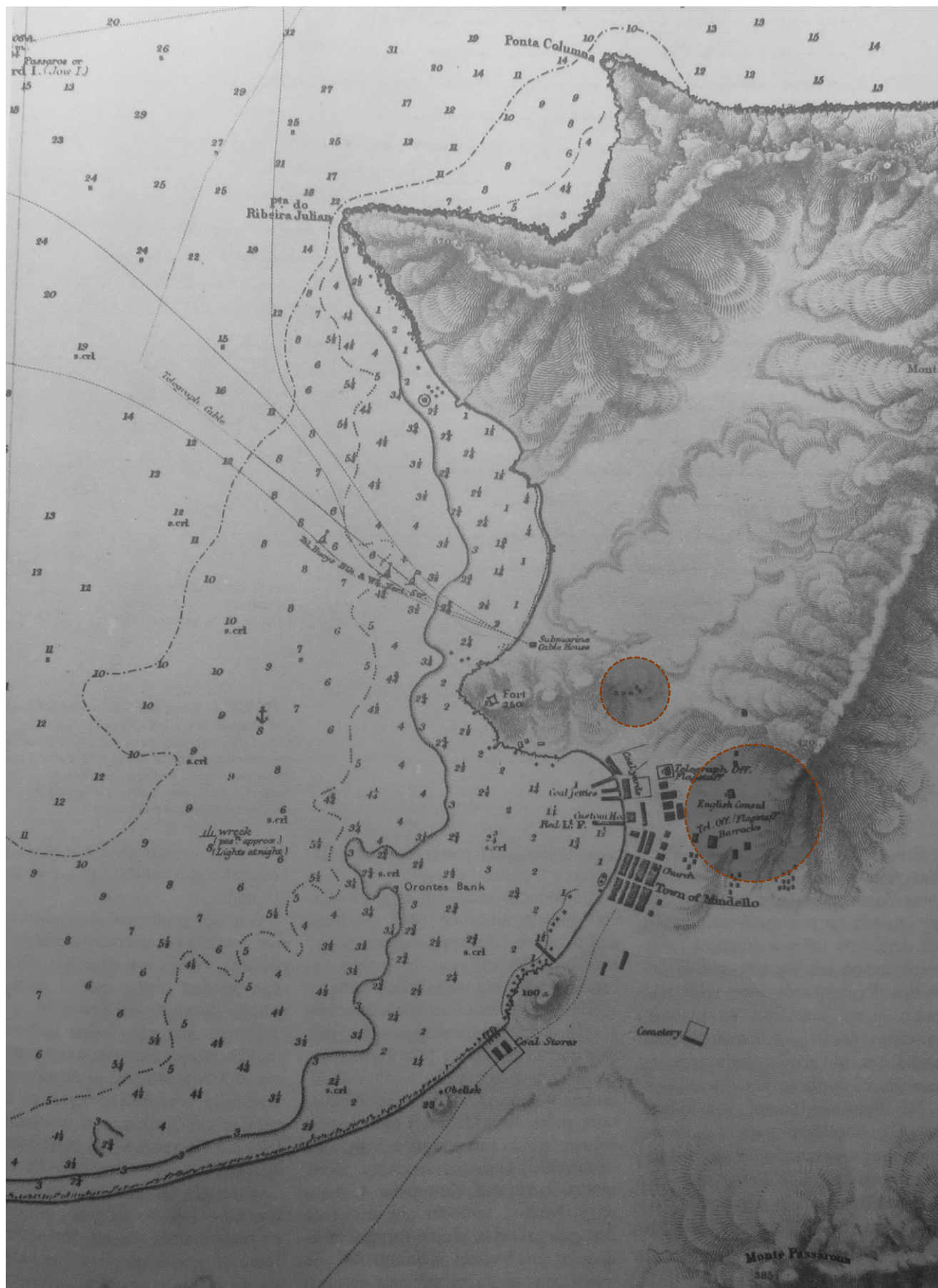


Fig. 10. Arquivo Histórico do Ultramar (A.H.U), Mindelo, 1873. Surgimento de novos Bairros.

Depois de cerca de um século de intenções e de tentativas, com os progressos rápidos da economia e desenvolvimento populacional e urbano, ligados à actividade do Porto Grande, e aos ingleses, Mindelo ganha o estatuto de cidade em 14 de abril de 1879 (fig. 11). No entanto, nunca viria a ser o seu centro político, como muito se desejou.

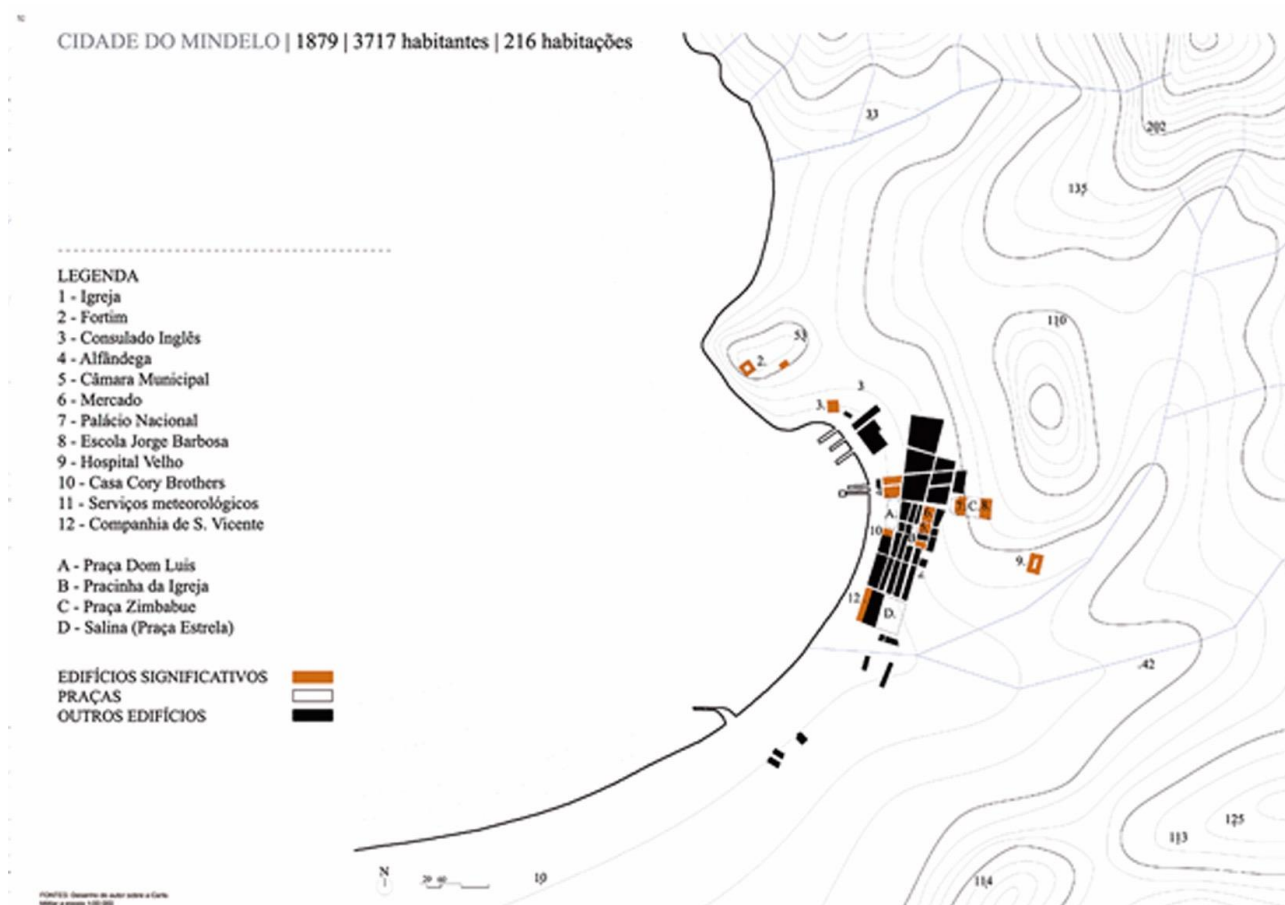


Fig. 11. Arquivo Histórico do Ultramar, *Mindelo Cidade*, 1879. Ligeiramente modificada.

Com a sua elevação à categoria de cidade, o Porto Grande torna-se constantemente frequentado pela navegação internacional. As companhias carvoeiras inglesas continuavam a investir no Porto Grande, que ao nível urbanístico, enfrentou um crescimento sem precedentes. Como é possível observar nos mapas de ocupação Inglesa de 1850-79 e 1879-1914 (fig. 12 e 13), foram a eles atribuídos a totalidade dos terrenos da zona ribeirinha. Estes acabaram sendo circundados por muros e vedações em forma de quintalões (Norte, Meio e Sul) destinados ao comércio do carvão.

- 1 TELÉGRAFO
- 2 FORTIM
- 3 FONTE DE MILLER
- 4 ALTO DA COMPANHIA
- 5 MILLERS & NEPHEW
- 6 PONTE DE LASTRO
- 7 CONSULADO INGLÊS (?)
- 8 QUINTAL DO NORTE
- 9 QUINTAL MEIO E SUL
- 10 TELÉGRAFO
- 11 MILLERS & CORY
- 12 ALFÂNDEGA
- 13 RENDALL
- 14 ANTIGA PONTE DE MADEIRA DA ALF.
- 15 PRAÇA DOM LUIZ
- 16 CORY BROTHERS
- 17 PONTE DE DESPEJOS
- 18 CORY BROTHERS
- 19 SALINA, CAMPO DE CRICKET
- 20 CORY BROTHERS
- 21 CORY BROTHERS

- LIMITES EXACTOS NÃO CONHECIDOS
- OCUPAÇÃO INGLESA
- TERRENOS OCUPADOS POR ACTIVIDADES INGLÊSAS - PROPR. DESCONHECIDA

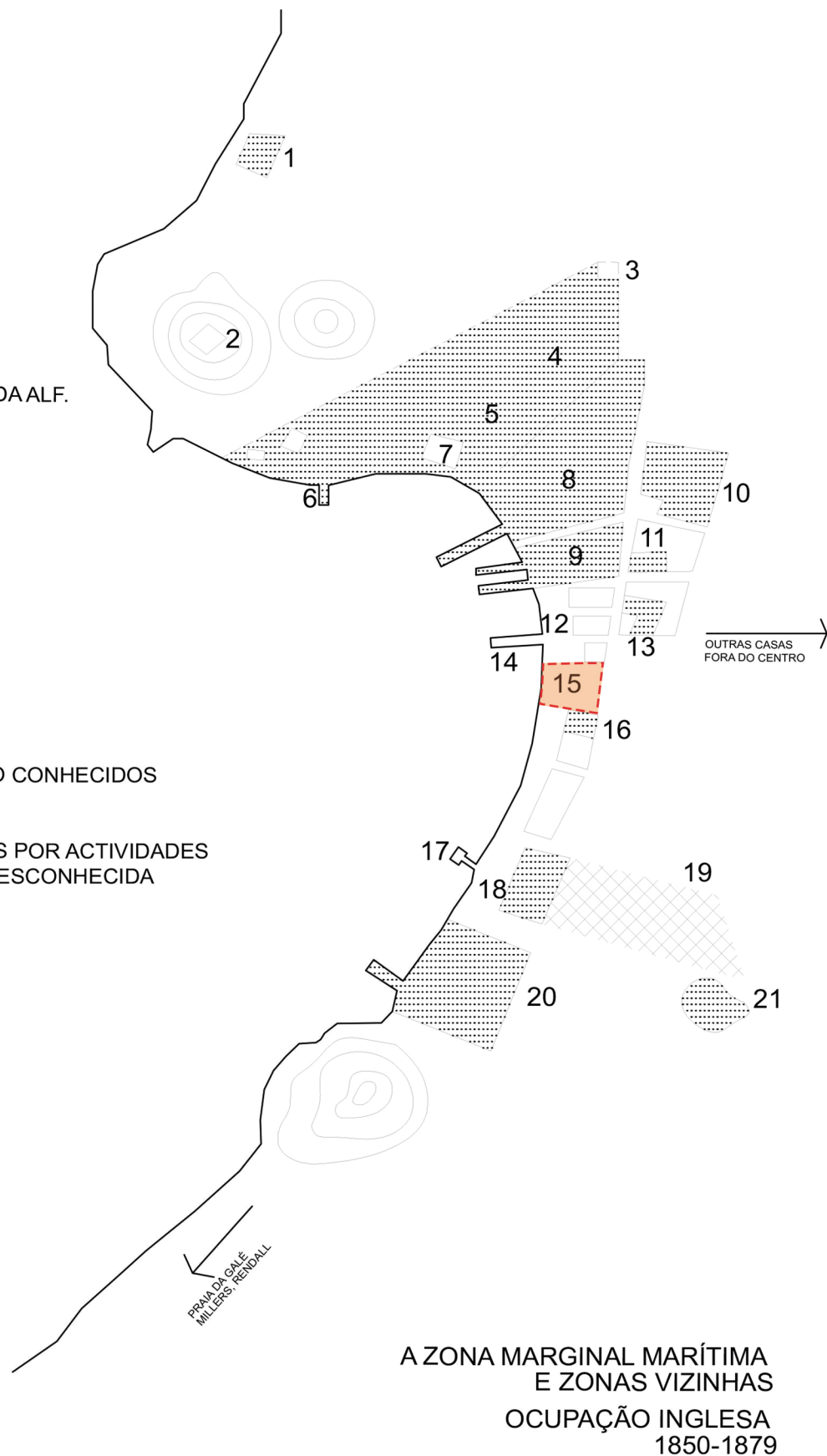


Fig. 12. A.H.U, *A Zona Marginal Marítima e Zonas Vizinhas. Ocupação Inglesa (1850-1879)*, ligeiramente modif.

- 1 TELÉGRAFO
- 2 FORTIM
- 3 FONTE DE MILLER
- 4 ALTO DA COMPANHIA
- 5 (MILLERS & NEPHEW) MILLERS & CORY
- 7 CONSULADO INGLÊS
- 8 QUINTAL DO NORTE
- 9 QUINTAL MEIO E SUL
- 10 TELÉGRAFO
- 11 MILLERS & CORY
- 12 ALFÂNDEGA
- 13 RENDALL
- 16 (MILLERS &)CORY
- 17 PONTE DE DESPEJOS
- 18 (MILLERS &)CORY
- 19 SALINA, CAMPO DE CRICKET
- 20 (CORY BROTHERS) MILLERS & CORY
- 21 (MILLERS &)CORY
- 22 COURT DE TENIS, MILLERS & CORY
- 23 CASA DE GUARDA
- 24 ARMAZÉM DA ALFÂNDEGA
- 25 PONTE DE MATERIAIS INFLAMÁVEIS
- 26 PONTE DE ÁGUA
- 27 PLANO INCLINADO
- 28 OFICINA DO ESTADO
- 29 MILLERS & CORY
- 30 BLANDY BROTHERS
- 31 TELÉGRAFO
- 32 MILLERS & CORY
- 33 WILSON
- 34 BLANDY BROTHERS
- 35 MILLERS & CORY
- 36 PONTE NORTE
- 37 PONTE MEIO
- 38 PONTE SUL
- 39 PONTE METÁLICO DA ALFÂNDEGA
- 40 EMPRESA MADEIRAL - PONTE DE ÁGUA
- 41 ARMAZÉM
- 42 COMPANHIA S. VICENTE DE CABO VERDE
- 43 COMPANHIA S. VICENTE DE CABO VERDE
- 44 ZONA RENDALL
- 45 EMPRESA MADEIRAL
- 46 PONTE Nº1, MILLERS & CORY
- 47 COMPANHIA S. VICENTE DE CABO VERDE
- 48 WILSON
- 49 COMPANHIA S. VICENTE DE CABO VERDE
- 50 WILSON, SONS & COMPANY

(CLUB INGLÊS
DE GOLF E CAMPO
DE FOOT-BALL)
PRAIA DE GALÉ:
MILLERS, RENDALL

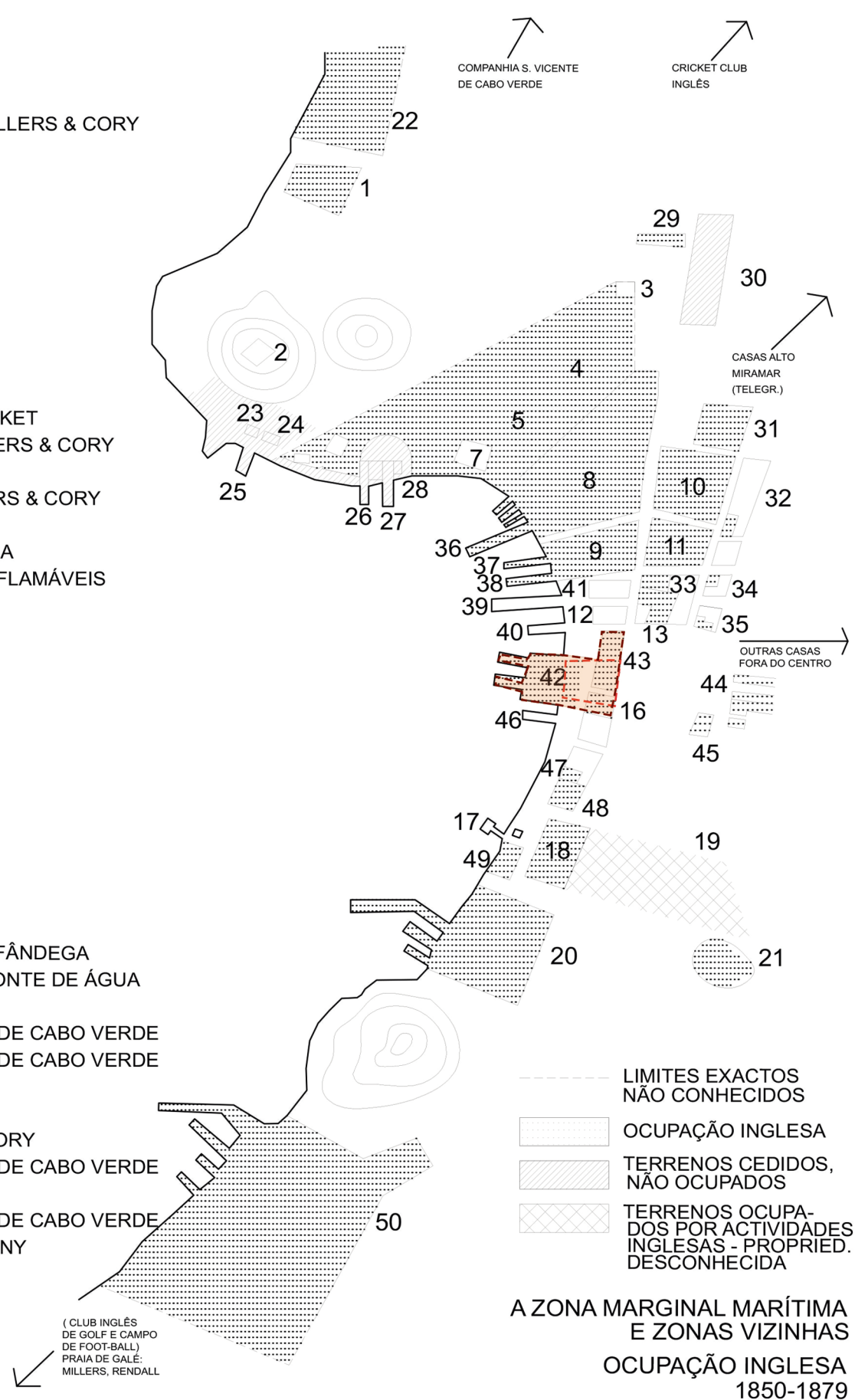


Fig. 13. A.H.U, *A Zona Marginal Marítima e Zonas Vizinhas. Ocupação Inglesa (1879-1914)*, ligeiramente modif

A respeito da colonização de Mindelo pelos ingleses, em 1890, referia o médico João Augusto Martins o seguinte:

*“Hoje esta ilha verdadeiramente não é nossa, ou é-o apenas n’aquilo e pela maneira que os ingleses querem que ela seja. A quasi totalidade dos terrenos no litoral, tanto do Porto Grande como a bahia da Matiota, onde se podiam estabelecer depósitos de carvão forma concedidos imprevidente e criminosamente aos ingleses; todos os melhores terrenos para edificações pertencem-lhes.”*³¹

c) A mistura de povos

Mindelo é uma espécie de síntese do arquipélago.

António Correia e Silva³²

Desde o tempo das descobertas, as tentativas de povoamento da ilha de São Vicente foram marcadas pelo paradoxo entre as ambições da coroa Portuguesa e a natureza árida do território, que até hoje afecta a maioria das ilhas do grupo de Barlavento³³. A partir de 1821, deixou-se ficar “no baú dos projectos irrealizáveis o sonho dourado da colonização à açoriana das *dezertas* de Cabo Verde e com ele a fundação de um Cabo Verde branco a norte. Agora aceitam-se mesmo que a contragosto camponeses sem terra, degradados insulares, marginais etc.”³⁴. O governo português decide a todos os custos povoar a ilha, com o objectivo de consolidar seu o império colonial.

Elevada a categoria de cidade, Mindelo começou a figurar como uma ilha vocacionada a criação de uma cultura com características próprias. A custa do movimento do Porto Grande estruturou-se no seu entorno uma série de actividades económicas incitadas pela diversidade étnica que ali aportavam. Na década de 1880, a população do Mindelo cresceu com a imigração massiva de camponeses das outras ilhas, atraídos pelas oportunidades de emprego oferecidos pelos ingleses. Os novos habitantes, segundo António Correia e Silva, puderam conservar os seus padrões da cultura de origem camponesa³⁵.

O “mercado fluido” que se desenvolveu levou ao aparecimento de hotéis, bares, bazares, casas de bilhar e campos desportivos, trazendo mais novidades para o quotidiano mindelenses, o que traduz numa cultura de convívio – a chamada “morabeza” do crioulo.

³¹ J. A. Martins, *Madeira, Cabo Verde e Guiné*, p. 89, citado em B. Paipini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 52.

³² A. Correia e Silva, *Espaços Urbanos de Cabo Verde. O Tempo das Cidades Porto*, p. 50.

³³ Hoje em dia ainda se enfrenta frequentes problemas de produção e distribuição de água potável em São Vicente. Como se pode confirmar, por exemplo, “no ano de 2017 não choveu na cidade do Mindelo [...] foi um autêntico golpe da Mãe natureza, cansado de avisar, ao longo dos séculos, que este país não pode depender das chuvas para o desenvolvimento” em J. Almada, “Identidade Crioula. Os eventos culturais verdianos de 2017. Mindelact, o evento do ano”, p. 8). Consequentemente, embora haja produção agropecuária (de fraquíssima expressão), a importação de produtos agrícolas tanto da ilha de Santo Antão como do exterior é muito elevada.

³⁴ A. Correia e Silva, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, p. 50.

³⁵ A. Correia e Silva, *Espaços Urbanos de Cabo Verde. O Tempo das Cidades Porto*, p. 38.



Fig. 14. J. Loureiro, Aspectos da vida na Urbe de Mindelo. 1912.

O Grande Hotel Brasileiro.

Tornou-se permanente a presença de imigrantes italianos, alemães, britânicos e portugueses, que abriram firmas e respectivos consulados representantes.

Entre todas, a presença inglesa foi a que mais se destacou. O inglês representava modernidade e avanço para os trabalhadores que, nas suas companhias carvoeiras procuravam melhores condições de habitabilidade e rendas acessíveis³⁶. Hábitos como por exemplo beber *whisky*, *cock-tail*, *ginger ale*, *gin and tonic*, tomar *five-o-clock-tea*, (o chá das cinco horas da tarde), fumar cigarros e vestir a maneira colonial inglesa, passaram a estar presentes no dia-a-dia dos mindelenses.

Para além da comunidade estrangeira residente, com o processo de reabastecimento dos vapores, a cidade vivia um “frenesim constante”, pondo em contactos viajantes e moradores. A cidade absorvia tudo o por ela passava, como por exemplo o carnaval parecido ao do Brasil, “por influência dos marinheiros cariocas que aportavam na cidade”³⁷. Este processo de aculturação fazia com que as novidades Europeias e das Américas chegassem depressa ao Mindelo.

Todas as influências que referimos anteriormente, integradas, criaram no Mindelo uma cultura de características distintas das demais ilhas. Além desta faceta cosmopolita do Mindelo, houve também espaço para o desenvolvimento académico. Com a criação do Liceu Nacional em S. Vicente³⁸ O desenvolvimento no

³⁶ O patronato inglês fornecia a habitação aos seus trabalhadores. Eram prédios de rendimento, com rendas muitas vezes elevadas, mas que representavam uma alternativa diferente em que havia “possibilidade de substituir a cabana de pedra por uma casa mais confortável...”. B. Paipini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 62.

³⁷ A. Correia e Silva, *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*, p. 133.

³⁸ O Liceu Nacional do Infante D. Henrique foi criado em 1917, após o encerramento do Liceu de São Nicolau.

domínio do ensino. Mindelo passa a ser o palco do ensino em Cabo Verde, e centro de formação da juventude não só mindelense, mas cabo-verdiana em geral. Este desenvolvimento sócio-cultural, mais tarde culmina no surgimento em 1936 da revista *Claridade*³⁹.

É neste contexto que surge o cineteatro Éden Park, que através dos anos, contribuiu para a educação, instrução e entretenimento de várias gerações de cabo-verdianos, particularmente numa época em que não havia televisão e muito menos os actuais recursos das tecnologias de informação e comunicação.

2.2. A Praça Amílcar Cabral⁴⁰

O surgimento da Praça Nova também está relacionado com a presença dos ingleses no Mindelo. O desenvolvimento por eles introduzido no Porto Grande teve também um efeito nocivo sobre o espaço urbano da cidade que se criava. A pressão da sua frente marítima industrial já se fazia sentir no tecido urbanístico que se expandia gradualmente para o interior da ilha. A principal praça da cidade, a praça D. Luiz (fig. 15) foi demolida dando lugar às supostas instalações da primeira companhia carvoeira nacional, a Companhia São Vicente de Cabo Verde⁴¹. A praça D. Luiz, um largo fronteiro ao mar, era considerada o “centro da cidade” na altura. Na sua envolvente sediaram os primeiros estabelecimentos comerciais e empresariais da cidade. A partir da de 1895, o lugar da antiga praça passa a estar ocupada pela sede da nova companhia carvoeira, o quintalão e uma ponte metálica, alterando a configuração da zona ribeirinha do Mindelo.



Fig. 15. Arquivo Histórico do Ultramar, *Praça D. Luiz*, 1893.

³⁹ *Claridade. Revista de Artes e Letras*, criada por uma geração de intelectuais Cabo-verdianos - Os Claridosos -, que são considerados os “impulsionadores da independência literária Cabo-Verdiana”. B. Davidson, *As Ilhas Afortunadas. Um Estudo Sobre a África em Transformação*, p. 67.

⁴⁰ Com a independência de Cabo Verde, a Praça Nova passa a ter a designação de Praça Amílcar Cabral.

⁴¹ A primeira companhia Nacional de Cabo Verde tinha o objectivo de normalizar as situações de crises que ocorreram com a corrida ao monopólio do comércio do carvão pelas companhias inglesas. A companhia, para além de ter a sua sede em Lisboa, na realidade desde o início era uma sociedade inglesa. O nome de Companhia de São Vicente de Cabo Verde teve o seu nome correspondente em inglês, *Saint Vicent Coaling Company*. B. Papini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 53.

No mesmo ano nasceu a Praça Nova. Foi criada pelos próprios trabalhadores da companhia de S. Vicente, sobre protestos por parte de vários habitantes e comerciantes após a demolição da Praça Dom Luís. Na planta de 1906 (fig. 16) é possível averiguar a sua localização (mais a norte do centro) considerada “fora da cidade”. A localização da Praça foi muito depreciada inicialmente, já que o centro comercial, os estabelecimentos e as moradias dos trabalhadores ficavam localizados em outros pontos da cidade, afastados deste.



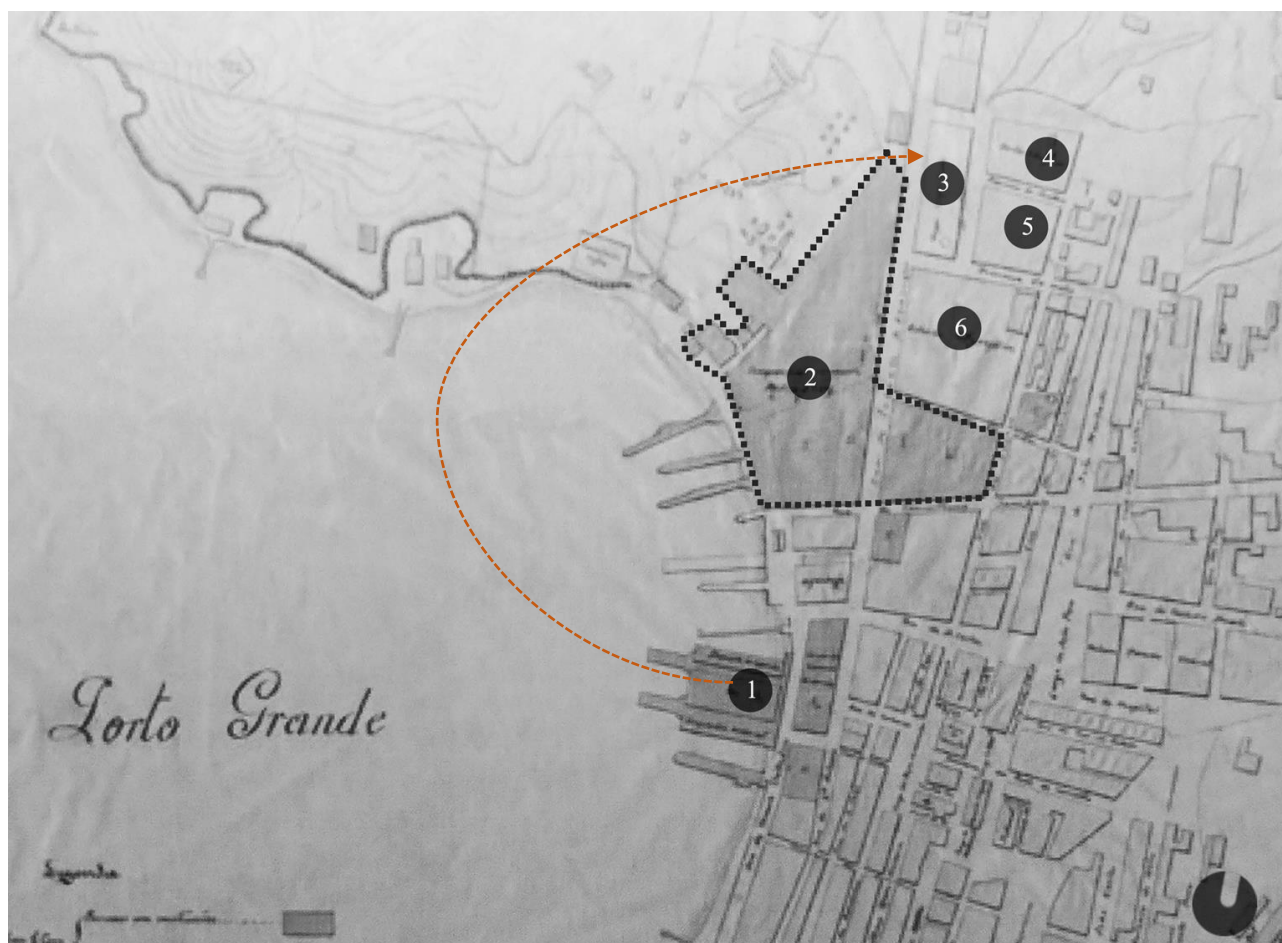
Fig. 16. Arquivo Histórico do Ultramar, *Planta da Cidade de Mindelo*. Descentralização da Praça D. Luiz, 1906. Surgimento da Praça Nova mais a Norte da cidade.

Para além do jardim Dona Angélica⁴², do ano de 1896 (localizado no lugar onde se constrói o Éden), nas imediações da praça, haviam apenas o telégrafo inglês na parte sul e uma casa antiga da Millers & Cory a Norte-Oeste. O lugar do actual Hotel Porto Grande (construído nos anos sessenta) era um terreno vazio pertencente ao Telégrafo. No outro lado da Praça, ficava o muro do Quintal do Norte⁴³ da companhia carvoeira

⁴² O Jardim foi criado em homenagem a D. Angélica, esposa do governador Serpa Pinto. Na certidão de registo predial emitido pela Câmara Municipal de São Vicente, de 6 de fevereiro de 2003, está inscrito o seguinte em nome da Empresa Éden Park: “Jardim denominado ‘D. Angélica’, murado, gradeado em que há terraços arborizados viveiros de planta, bomba aérea, tanque de depósito de água, com casa térrea coberta de telha de madeira e máquina de acilítene, [...] inscrito na matriz predial sob o número noventa e nove”. A. Pinheiro, *O Éden Park e a Dinamização Socio-cultural em São Vicente (1922-2005)*, p. 15.

⁴³ O Quintal do Norte foi demolido na década de vinte, com a parte que restava do muro de vedação da companhia carvoeira.

Millers & Cory. Este sofreu alterações na década de vinte para possibilitar o arruamento entre a praça e o alto de São Nicolau e as construções que se tinham planeadas para esta zona.



LEGENDA: 1 - Companhia de S. Vicente | 2 – Quintal do Norte (companhia Miller & Cory) | 3- Praça Nova | 4- Jardim D. Angélica | 5- Terreno Pertencente ao Telégrafo Inglês (Actual Hotel Porto Grande) | 6 – Telégrafo Inglês (Actual Correios de S. Vicente).

Fig. 17. Arquivo Histórico do Ultramar, *Planta da Cidade de Mindelo*, 1906. Demarcação dos quintalões, o terreno do hotel Porto Grande, entre outros, ligeiramente modificado.

Com o tempo a Praça Nova traz mudanças importantes para a zona norte do então centro, marcando nova fase de expansão da zona central e dos bairros mais antigos, levando ao surgimento de novos bairros. A Avenida 5 de Julho (Antiga Rua Infante D. Henrique e popularmente designada Rua do Telégrafo) torna-se atractiva para novos empreendimentos. Para a construção da Praça, para além do prolongamento (em 100 m) da Rua Infante D. Henrique, houve várias obras de melhoramentos da área. É o caso dos aterros e desaterros⁴⁴ efectuados para o desvio das águas ao norte da rua oriental a praça e os passeios das ruas que a contornavam.

⁴⁴ Este conjunto de obras originou a construção da travessa no norte da Praça Nova, adjacente ao antigo jardim D. Angélica e posteriormente, constrói-se o Éden Park.

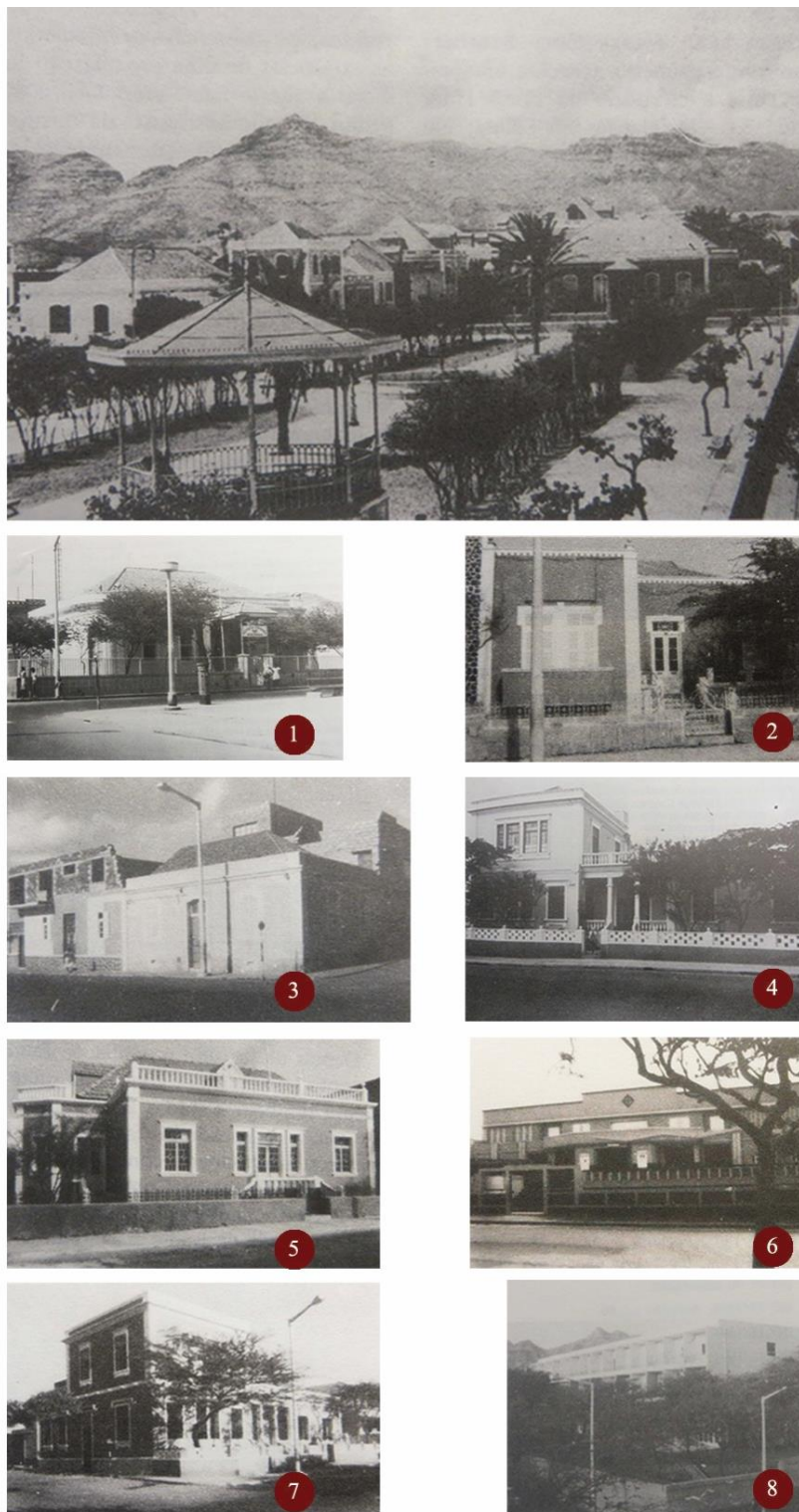
No fim da década de vinte, dá-se a restauração da praça, reconstruindo o coreto no lado oposto à sua posição inicial, mantendo as características do antigo. Em 1931, o ajardinamento foi melhorado, com um desenho mais bem trabalhado, e em 1932 constrói-se no lugar do primeiro coreto o quiosque e posteriormente a sua esplanada (conservam-se inalterados).



Fig. 18. *Praça Nova*, 1927

Podem observar-se os dois coretos e quiosques ainda existentes.

Os terrenos a volta da praça foram sendo aproveitados para a construção de edifícios. Muitos deste tiveram várias funções ao longo dos anos e devido a sua importância, foram sendo conservados, muitos persistindo até hoje.



LEGENDA: 1 - Rádio Voz de Cabo Verde (1895 (actual Centro Nacional de Artesanato) | 2 – Casa do Doutor Fonseca (1938) | 3 – Antiga casa dos Millers (finais do séc. XX, reconstrução 1981) | 4 - Casa Doutor Aníbal (1946-47) | 5 – Igreja adventista (1930) | 6 – Cineteatro Éden Park | 7 – Casa moderna (décadas de 60-65) | 8 – Hotel Porto Grande (anos 60).

Fig. 19. Desenvolvimento da zona da *Praça Nova*, a partir de 1835.

Edifícios construídos nas imediações da Praça Nova.



1

5

6

7

8



2.3. O Éden

Em 1921 o comerciante Isaac Wahnnon apresenta à Câmara Municipal o projecto para a construção de um cineteatro no recinto do Jardim Dona Angélica⁴⁵. Embora os relatos da existência de um cinema em São Vicente remontam ao ano de 1919, o Éden Park que foi inaugurado em 1922 ganhou logo o protagonismo e a importância como sala de cinema. O projeto foi de iniciativa de César Marques da Silva⁴⁶, um funcionário do telégrafo Inglês, a *Western Telegraph Company*.

No período de sua abertura ao público, o edifício consistia em um barracão que funcionava em condições precárias. Mais tarde, na década de 1940 ocorreram as intervenções necessárias para a transformação do edifício num cinema maior e mais moderno (fig. 20), descrito por Mário Matos, como sendo “um enorme edifício com um grande salão contendo um palco relativamente desafogado, com cabines para artistas, ribalta, incluindo espaços para uma orquestra e a abertura para o ponto”⁴⁷. Em 1945, a sua fachada foi redesenhada por um técnico português de nome Leonel de Mendonça Pinto, conservando-se até hoje⁴⁸. O edifício recuado em relação a praça, com o seu generoso pátio, “apresenta uma imagem Art Déco, algo tardia, mas sóbria e elegante”⁴⁹.



Fig.20. Autor desconhecido, *Éden Park*, 1940.

Edifício recuado em relação a Praça, com o seu pátio.

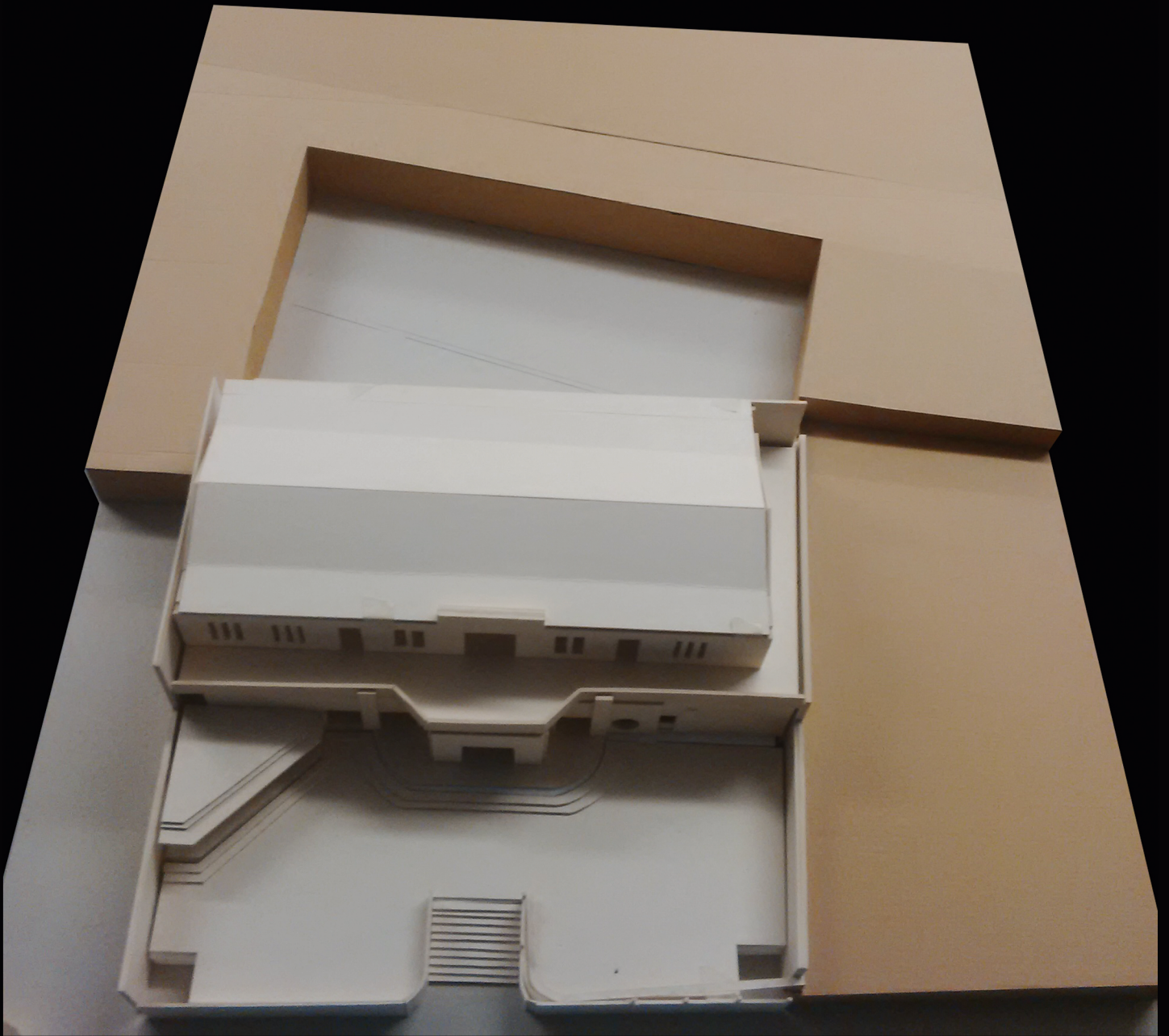
⁴⁵ B. Papini, *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*, p. 161.

⁴⁶ César Marques nasceu em S. Nicolau em Outubro de 1894. Era considerado um homem muito inteligente e de grande iniciativa, um homem muito requintado, que não dispensava um chá a meio da tarde e um *gin* ao fim do dia, segundo o costume dos seus patrões ingleses. Associação de Antigos Alunos de Cabo Verde, *Homenagem a César Marques da Silva*, citado por A. Pinheiro, *O Éden Park e a Dinamização Socio-cultural em São Vicente (1922-2005)*, p. 14.

⁴⁷ M. Matos, citando in J. Branco, *Nação Teatro. História do teatro em Cabo Verde*, p. 313,

⁴⁸ A. Pinheiro, *O Éden Park e a Dinamização Socio-cultural em São Vicente (1922-2005)*, p. 17.

⁴⁹ J. Bandeirinha, J. Bandeirinha, citado in J. Branco, *Nação Teatro. História do Teatro em Cabo Verde*, p. 96.





LEGENDA DAS IMAGENS: 1- FOTO LURD, *ÉDEN* 1930. | 2- *ÉDEN* 1945. | 3- NUNO F. MARQUES, *ÉDEN DE 2006*, 2006 | 4- J. BRANCO, *ÉDEN DE 2011*, 2011. | 5- J. BRANCO, *ÉDEN EM RUINAS*, 2013. | 6- ANILDO DELGADO, *ÉDEN ACTUAL (EM OBRAS)*, 2018.

Fig.21. *Éden Park*, 1930- 2018. Do foco da vida social as ruínas.

Inicialmente, o Éden Park teve como principal actividade o cinema (mudo, aquando da sua abertura) sendo também comum realizar-se ali “concorridos” bailes de carnaval. O cinema nessa altura constituía novidade em São Vicente, e o Éden tornou-se um pólo atractivo para a cidade⁵⁰. Para além da “formação” cultural, fala-se ainda de uma dimensão pedagógica, no que diz respeito ao papel desempenhado pelo Éden na cidade do Mindelo. Numa cidade onde “o mar e o cinema eram as únicas formas de sair da ilha” o cinema era o meio que melhor “facilitava” o contacto com o exterior, com outras sociedades, à generalidade do seu público. O cinema servia todas as classes, inclusive as classes sociais mais modestos, levando-os “a instrução e a cultura própria”⁵¹.

A projecção do primeiro filme sonorizado *A Severa*, realizado em 1936, contribui largamente para o papel que o Éden viria a desempenhar para os mindelenses, cativando cada vez mais o público atraído pela novidade, acabaram até por desenvolver na ilha pequenas experiências cinematográficas. Em 1940, fundou-se o Cine Clube de Amadores, que produziu uma série de filmes nacionais destacando-se “O guarda vingador”, “Força da Cobiça”, “Chang terror de Mindelo”, “Segredos de um coração culpado”, este último, sonorizado e a cores⁵². Com o tempo, graças ao Éden Park, surge no Mindelo um grande público fiel de espetáculos de cinema.

O teatro se protagonizou no Mindelo, na primeira metade do século XX. Deu-se com a promoção de grupos teatrais e a produção cénica pelos clubes desportivos da cidade.

As produções cénicas eram criadas e apresentadas nos quintalões das carvoeiras ingleses ou nos clubes desportivos, e depois atingiam um patamar superior “ao serem apresentados no Éden Park, alcançando crescente visibilidade e o justo reconhecimento social”⁵³.

O primeiro grupo teatral surgido do Mindelo, denominado *Grupo Cénico dos Sokol's* estreou-se em 1934, associada à organização checa *Sokol* (falcão), que praticavam, no Mindelo, um conjunto de acções no âmbito social, cultural e desportiva. A partir de 1940, surgiu mais dois grupos, que marcaram o panorama teatral no Mindelo: a *Troupe Cénica Tropical* e o *Grupo Cénico Os Sempre Fixes*. Estes, foram os responsáveis pela introdução de uma estrutura de espetáculos que passou a integrar a música ao vivo e em alguns casos apresentações de dança (fig. 22).

⁵⁰ Em 1954 surgiria o segundo cinema do Mindelo, o *Parque Miramar*.

⁵¹ L. Silva, “Do cinema em Cabo Verde: Contribuição para a sua história”, p. 3.

⁵² Estes filmes acabaram por se perder no tempo, face às dificuldades financeiras, ao controlo da censura e também pela falta de mercado. E consequentemente, perdendo a possibilidade da criação de um cinema próprio Cabo-verdiano.

⁵³ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p.78.



Fig. 22. J. Branco, (frente e verso do) *Programa da Revista Tudo Trocado*, atuação do Grupo Cénico Os Sempre Fixes, 1943. Apresentada no Éden Park.

Em ambos os grupos, a estrutura dos espectáculos apresentados no Éden Park, eram constituídos por vários quadros cénicos de curtas histórias cômicas, intermediados por momentos musicais tocados ao vivo e, em alguns casos, apresentações de danças. Ao fazerem parte dos espectáculos, os músicos, para além de terem a entrada gratuita no Éden, garantiam o seu contacto com a música estrangeira (permitindo seguir as novidades e a evolução musical de outros países), trazido pelas bandas sonoras dos filmes apresentados.

Ainda na década de 1940, na segunda metade, surge o *Conjunto Cénico Castilho*, ligado ao *Grémio Sportivo Castilho*. Esta companhia, constituiu um marco decisivo para a evolução do teatro nas décadas que se seguiram, marcando a era do teatro produzido por clubes desportivos locais, e a participação de “influentes intelectuais” e escritores na componente dramática e na própria encenação. O enredo apresentado pelo grupo é que “permite fazer a ponte para o teatro mindelense contemporâneo”⁵⁴, i.e. a comédia popular crioula, marcada pela ironia (acompanhada de moralismo humano) e de forte referência ao estrangeirismo (idem).

Assim, segundo João Branco os anos 40 e 50 ficaram marcados como sendo um período de distinção para o Éden Park como sala quase de elites de apresentação de espectáculos⁵⁵, e somente no período após a independência de Cabo Verde, é que o Éden perdeu a “faceta de elite” como sala de espectáculos, devido a forte censura aos filmes e as peças teatrais.

Em 1997, algumas décadas após a independência de Cabo Verde, o Éden Park acolheu o primeiro Festival Internacional de Teatro, Mindelact, levando a cabo obras de adaptação que ajudaram a colmatar alguns

⁵⁴ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 85.

⁵⁵ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 93.

problemas técnicos notificados anteriormente. Ganhou de novo uma dinâmica que tinha perdido no período que se seguiu a data da independência de Cabo Verde em 1975.

Em março de 2004, o Éden ganhou o prémio nacional de mérito teatral, atribuído pela associação Mindelcat (instituição abordado mais à frente). Em 2005, foi galardoado pelo Governo com “o primeiro grau de Medalha de Mérito na categoria de mérito cultural”⁵⁶.

Para além da novidade que foi trazer o cinema a ilha, e no geral, daquilo que “pisar as tábuas do teatro” representava para os artistas mindelenses, como sendo um “prémio de carreira”⁵⁷, é de grande importância parece-nos, a função social que o Éden Park desempenhou (promovendo realização de bailes de carnaval, desfiles de moda, conferências com personagens influentes e até combates de boxe), aproximando-se do povo mindelense, tomando um lugar especial na sua memória e contribuindo para a construção da identidade de todos.

2.4. A crise do cinema e do Éden

A partir de 1995, a grande era do cinema e da revista começa a passar, o centro cultural Português do Mindelo abre as portas, com um auditório maior e com melhores condições do que o Éden, onde nota-se a redução dos públicos.

Como sala de cinema, o Éden não conseguiu acompanhar os avanços com o desenvolvimento das novas tecnologias, tentou-se apostar na modernidade com o recurso a alterações técnicas significativas na sala, mas que não conseguiram travar o seu declínio. As alterações que ocorrem em 1997 (No âmbito do festival Mindelact), nomeadamente: o avanço do palco em direcção a plateia em 2m; a montagem de uma teia técnica no tecto; a instalação de suportes de projectores nas laterais, trouxeram várias melhorias, mas não conseguindo resolver problemas maiores como por exemplo a acústica do edifício. Em maio de 1999, ocorreu a transformação da sala de espectáculos, com a remodelação do piso e ampliação dos espaços entre as cadeiras (de 80 cm para 1m). Estas foram substituídas, deixando a sala de comportar 700 lugares, passando a ter somente 406 lugares, sendo 130 no balcão e 276 na plateia. Deu-se ainda a instalação de um sistema de som mais moderno. Este conjunto de obras representaram saltos qualitativos para a reafirmação do Éden como sala de cinema e de espetáculos, mas os avanços parecem ter sido mais ao nível da comodidade e conforto.

Os canais de ver o cinema multiplicaram-se com o aparecimento e proliferação dos videoclubes. No ano 2001, quando me mudei para São Vicente, recordo-me do fascínio que foi ter encontrado uma televisão em casa⁵⁸. Já era comum o aluguer de cassetes nos videoclubes, para as sessões de cinema das tardes de sábado.

⁵⁶ Despacho nº 24/2005, de *Atribuição do primeiro grau da medalha de Serviços Distintos ao Cinema Éden Park*, 17.10.2005, B.O. nº 42.

⁵⁷ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 77.

⁵⁸ No ano de 1999 (Salvo erro), testemunhei com grande entusiasmo a chegada e a montagem do primeiro poste de eletricidade na minha localidade *Caibros* em João Afonso, da Ribeira Grande (S. Antão). No ano seguinte, a chegada da primeira televisão, na casa de um vizinho mais apossado (das poucas casas da zona onde já havia instalação elétrica), televisão representou a grande novidade,

Entretanto as formas da música, teatro e dança também mudaram. Continua a haver a demanda de mornas e coladeras, de Carnaval e Ano Novo - como se verá já de seguida -, mas o cinema e a sua programação tem outros requisitos, o rock e a música clássica também precisam de espaços adequados, as formas do teatro e dança contemporâneos são hoje muito diferentes do que o eram à 30 ou 40 anos.

2.6. As festas de romaria e o Carnaval

Em Cabo Verde não havia uma população verdadeiramente nativa e os brancos e quase brancos nunca conseguiram impor a cultura portuguesa, a não ser no plano formal e oficial. Saindo da escravidão, os negros tinham perdido a sua cultura original e tinham adquirido outra e foi essa cultura cabo-verdiana que sobreviveu.

D. Basil⁵⁹

Abordar o vasto tema de identidade cultural é uma tarefa sensível e complexa, ainda mais quando se fala a respeito de um território insular como a que constitui o espaço do arquipélago de Cabo Verde. Este, historicamente, deserta à data da sua descoberta, foi sendo povoado simultaneamente por brancos e negros, que misturando os seus hábitos e costumes, originaram o povo cabo-verdiano: o crioulo⁶⁰.

A certa altura, embora houvesse o desejo de aprofundar a questão sobre a identidade do Cabo-verdiano, polémica e tão veemente discutida por diversos autores, deparamos com a necessidade de impor limites na matéria, para não nos perdermos na profundidade deste assunto.

Assim, ainda que rapidamente, parece-nos pertinente focar nas formas de manifestação cultural que nos identifica como crioulos e naquilo que tocam as artes cénicas em Cabo Verde, para de seguida, especificamos no curioso caso do Mindelo.

Os elementos que constituem a base do “*ethos*”⁶¹ cultural” do cabo-verdiano são: “a condição de ilhéu (omnipresença do mar); sentimento de pertença; a importância da diáspora; a diversidade arquipelágica; a língua materna; a musicalidade constante”⁶². A este conjunto, acrescenta-se ainda a riqueza dos mitos, festas e tradições onde se enraízam o teatro cabo-verdiano.

amada por todos. Era comum em criança, trabalharmos para esse senhor, tendo como recompensa poder assistir (pela vigésima vez) ao clássico *Rambo* de Sylvester Stallone.

⁵⁹ D. Basil, *As Ilhas Afortunadas. Um Estudo Sobre a África em Transformação*, p. 45-46.

⁶⁰ D. Basil, *As Ilhas Afortunadas. Um Estudo Sobre a África em Transformação*, p. 45-46.

⁶¹ *Ethos* é uma palavra de origem grega, que quando definido no campo da sociologia e antropologia são os costumes e os traços comportamentais que distinguem um povo

⁶² J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 38.

No “dia-a-dia” do cabo-verdiano quer seja na forma como lida com as suas superstições (o *gongon* o *bjon*, a *cachorrone*⁶³); festeja um nascimento (o ritual de Guarda-Cabeça⁶⁴); celebra um casamento ou chora os mortos; organiza a diversidade de festas tradicionais (de norte a sul), envolvem um preparo social, com personagens, máscaras, adereços, enredo e público participativo, sempre acompanhados de ritmos musicais próprios⁶⁵.

2.6.1. A Festa da Bandeira e a Festa de São João

A Festa da Bandeira na Ilha do Fogo e o Kola San Jon (nas ilhas de Santo Antão, São Vicente, São Nicolau, Maio e Boavista) representam o auge da dinâmica cultural (neste tipo de festas) a Sul e Norte do território. Ambas integram na mesma comemoração o sagrado⁶⁶ e o profano em uma “tradição teatralizada”.

A Festa da Bandeira (fig. 23) é marcada pelo desfile da bandeira⁶⁷ em uma procissão (de uma ponta a outra da ilha) num ritual em que “três mulheres pisam milho num pilão, acompanhados por três ou quatro percussionistas que batem um ritmo parecido com o do batuque”⁶⁸.

O Kola San Jon, por sua vez, celebrada a 24 de julho (com maior expressão nas ilhas do Norte, principalmente em Santo Antão), é também uma festa de romaria que passamos a descrever:

Os carros param, resfolgam à beira no estertor na pressão das curvas e contracurvas. De rosários no pescoço, seguíamos subindo a serra, muitas vezes penosamente, não escapando alma alguma ... cristãos enfermos, fiéis arrependidos dos pecados mundanos, deambulantes endemoniados, angustiados pedintes contra as causas obscuras. Até eu preciso da alçada de San Jon pois bruxa já me mordeu a orelha e viu que o meu sangue é doce, ela há de voltar. Resta-nos cantar e saltar a fogueira.

D. Lucindo⁶⁹

⁶³ As crenças apoderaram-se do povo no passado, conservando-se até os dias de hoje. Para além de acreditarem em poderes mágicos existentes em certas famílias (como as feiticeiras, as bruxas e os fadários), “acreditavam nas almas do outro mundo, que os perseguiam [...] e vultos esquisitos como o *gongom*, gangão, o *bjon*, avejão, a *cachorrone* e a *canelinha*” (A. Rocha, *Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão*, p. 104). O mito da *cachorrone* é encenado no teatro contemporâneo do grupo Juventude Em Marcha, na emblemática peça *O Preço de um Contrabando*.

⁶⁴ *Septena* ou *guarda cabeça*: “*Veillée au septième jour de la naissance d’une enfant, par sa protection. A l’heure actuelle, la septennal est surtout prétexte à festivités et beuveries, et perd son caractère sacro-superstitieux d’antan*”. Tradução livre a partir de N. Cabral, *Le Moulin et le pilon*, p. 98.

⁶⁵ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 52.

⁶⁶ “A religião rege o povo, na sua docilidade, reverência e brandura” (A. Rocha, *Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão*, p. 97). A maioria destas festividades carregam o nome de um santo. Ex. A Festa da Bandeira, é também conhecida como festa de São Filipe (padroeiro da ilha) ou o *Kola San Jon*, dedicado ao São João.

⁶⁷ A bandeira é o adereço simbólico disputado nas corridas de cavalos (servindo de prémio). A família que a conquista organizará e pagará a próxima festa. J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 54.

⁶⁸ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 54.

⁶⁹ Texto do autor. Raros foram os anos em que “religiosamente” eu, menino ainda, e quase toda as gentes da minha localidade, em “peregrinação” deslocávamos de João Afonso até o Porto Novo (depois da missa na igreja de Coculí) para *Kolar San Jon*. Estas localidade situam-se na Ribeira Grande da ilha de Santo Antão, onde eu nasci e passei grande parte da minha infância. Para aprofundar a matéria, veja-se o cap. V de A. Rocha, *Subsídios Para a História da Ilha de Santo Antão*.

Em torno desta peregrinação para adorar o São João, muitos costumam beber *grogue*⁷⁰ e dançar, enquanto outros rezam e pagam promessas. A dupla protagonista desta festa é o tocador de tambor e o capitão do navio⁷¹ que é a figura central. Mais uma vez, parte dos personagens produzem o ritmo, enquanto a maioria dos restantes (incluindo o público que acompanha), apresentam o ritual do *Kola San Jon*, o momento no acto da dança em que “os corpos movimentam-se para a frente e para trás, para a esquerda e para a direita e concretizam a umbigada”⁷².

Estas tradições abarcam um desfile, um enredo fixo, personagens bem definidos, cenografia elaborada, efeitos sonoros permanentes, figurinos concretos e um público cúmplice. Em síntese, um teatro de rua, que conseguiu resistir na passagem do tempo.



Fig. 23. Zé Pereira, *Festa da Bandeira Fogo*, 2018.

⁷⁰ Bebida alcoólica típica cabo-verdiana que é feita a partir de um processo de fermentação e destilação do caldo da cana de açúcar.

⁷¹ O capitão “veste” um navio em miniatura, enfeitado com materiais coloridos. A coreografia que ele faz representa uma viagem marítima.

⁷² J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 55.



Fig. 24. Z. Pereira, *Festa de São João*, 2018. S. Antão.
Peregrinação à o Porto Novo.



Fig. 25. M. E. Latela, *Festa de São João*, 2010. Em Mindelo.
Os protagonistas da festa: os tocadores de tambor e o capitão do navio.



Fig. 26. M.R. Fernandes, *Festa de São João*, em Lisboa, 2010.

O tema abaliza-se mais ainda quando, apercebemos (através do historiador cabo-verdiano António Correia e Silva) a atenção dada ao caso de S. Vicente, cuja cultura parece ser “específica” as demais ilhas de Cabo Verde. Mindelo, sendo uma cidade-porto de origem oitocentista, chega a acolher “no seu seio uma grande heterogeneidade social assente na multiplicidade de origens geográficas e étnicas dos seus habitantes [...] A cidade-portuária cabo-verdiana é cosmopolita”⁷³. A diversidade assume-se como a riqueza de Mindelo.

2.6.2. O Carnaval do Mindelo

As ruas do Mindelo, para todos esses atores e atrizes accidentais e de ocasião, são locais de exorcismo. Fantasmas são libertos dos corpos sujos e suados e, mais do que nunca, fazem eles dessa forma e sem o saberem, a grande homenagem aos desfiles milenares que então tinham lugar em homenagem ao Dionísio, com a mesma loucura inusitada, com os mesmos espíritos transtornados, com a mesma energia orgiástica, mostrando-nos, afinal, que estamos muito mais próximos da Grécia Clássica do que alguma vez ousamos imaginar.

J. Branco⁷⁴

O carnaval tem maior destaque nas ilhas do Barlavento, sendo que no Mindelo ganha proporções extraordinárias, acaba sendo considerado por muitos o maior evento cultural popular cabo-verdiano⁷⁵.

É visível a influência brasileira⁷⁶, com as escolas de samba, os desfiles com carros alegóricos, e todo um conjunto de adereços importados do Brasil. Ao mesmo tempo, não se distancia da identidade cultural cabo-verdiano, pelos ritmos tocados, nas composições musicais utilizados durante o desfile e na variedade de materiais utilizados, onde os artistas plásticos mindelenses expressam a sua criatividade. Junta várias formas de expressão artística – o teatro (com a participação directa dos grupos e agentes teatrais), dança, a música, a performance, as artes plásticas, etc., em uma festividade democrática⁷⁷.

⁷³ A. Correia e Silva, *Histórias de um Sahel Insular*, p. 42.

⁷⁴ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 58.

⁷⁵ Câmara Municipal de São Vicente, “Classificação completa do Carnaval 2018”.

⁷⁶ Para além do carnaval das ilhas ter a sua origem ligada ao Brasil, ela pode ser considerada como “um palco da identidade complexa de Cabo Verde e de sua posição como uma encruzilhada entre a Europa, a África e as Américas” R. Cohen e O. Sheringham, *Encountering Difference*, p. 135, citado por J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 57.

⁷⁷ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 58.



Fig. 27. L. Delgado, *Carnaval do Mindelo. Mapa*, 2018. Incluindo o Éden Park. Zona do desfile: Localização das bancadas.



Fig. 28. J. Chantre, *Carnaval do Mindelo*, 2018. Influência Brasileira. Diversidade de adereços.

2.7. Os ritmos e a música

Em 2016, escrevia Saskia de Rothschild no New York Times, em ocasião do evento que acontece anualmente na cidade da Praia, a Atlantic Music Expo⁷⁸, que “alguns países têm petróleo, diamantes ou sementes de cacau. Cabo Verde, um pequeno arquipélago que dista 385 milhas da costa ocidental do Senegal, tem a música, e aposta nesse recurso como reforço da sua frágil economia”⁷⁹.

De facto, através da música, Cabo Verde deu-se e continua a dar-se a conhecer ao mundo, através de várias gerações de artistas e em estilos diversos. Cantadas em crioulo, as músicas refletem a “omnipresença” do mar, fala-se da saudade, autoestima, coragem, abertura ao mundo, fala-se do amor, do sentido de humor, etc.

De um modo geral, em Cabo Verde pode-se encontrar: em Santo Antão os géneros *Contradança* (género importado da França, também dançada em São Nicolau) e a *Mazurca* polonesa que são de presença imprescindíveis nos casamentos e outras festas. Exclusivamente da ilha da Boa Vista existe o canto-dança *Landu*, ligado a um ritual que antecede a primeira noite de núpcias, que se junta ainda, aos variados ritmos tradicionais presentes em todos os recantos das ilhas nas festas de romarias como pudemos ver previamente. Um dos estilos mais antigos é o *Batuque* ou *Batuko*⁸⁰ com forte expressão na ilha de Santiago protagonizado pelas *batucadeiras* que usam o *pano terra* – pano tradicional cabo-verdiano, amarrada a cintura como adorno. É originário também da ilha de Santiago o *Funaná*, canto sempre acompanhado pela gaita (acordeão diatónica) e o ferrinho que marca o ritmo (ferro tocado com uma faca de mesa). O *Funaná* é um género que se popularizou após 1975, com a introdução da guitarra elétrica, sintetizadores, baixo e bateria. Desta altura destaca-se, músicos como Carlos Alberto Martins (o *Catchás*) e actualmente o grupo *Ferro Gaita* com um ritmo modernizado com sons eletrónicos. A *Coladeira* surgiu em São Vicente, no séc. XIX, introduzindo ritmos mais acelerados (influências do *Samba* e *Chorinho*, do Brasil) é de notar a sua letra de carácter satírico de «escárnio e maldizer, crítica com sarcasmo e humor refinado»⁸¹. E, finalmente a morna - “música rainha da nossa terra”, considerada por muitos o género musical representativo de Cabo-Verde.⁸² É um género tradicional de ritmo lento “tocado com instrumentos acústicos, reflectindo a realidade insular da população...”⁸³ Quanto

⁷⁸ Atlantic Music Expo, “Programa 2019”.

⁷⁹ “Some countries have oil, diamonds or cocoa beans. Cape Verde, a tiny archipelago about 385 miles off the west coast of Senegal, has music, and it is betting on that resource to help bolster its fragile economy”. Tradução livre de S. Rothschild, in *An Atlantic Archipelago's Main Export: Music*.

⁸⁰ Essencialmente no momento do *finason* (parte de uma sessão de batuku em que se cantam cantigas em geral improvisadas, baseadas em provérbios e máximas populares), funcionava como o instrumento por excelência de resistência face ao domínio colonial. Devido a sua herança africana do *Griot*, foi reprimido na época colonial. B. Davidson, *As Ilhas Afortunadas. Um Estudo Sobre a África em Transformação*, p. 28

⁸¹ J. Branco, *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*, p. 58.

⁸² Ildo Lobo, na música *A Morna mais Bonita*, do grande compositor cabo-verdiano Paulino Vieira.

⁸³ V. Belanciano, “Dois anos depois da morte de Cesária Évora, morna é património de Cabo Verde”.

a sua origem, defende-se a procedência africana do *landum*⁸⁴, original da angolana. Há quem defenda ainda a influência do *Tango* ou do *Samba-Canção* (numa fase posterior de evolução, no Mindelo com os grandes compositores Francisco Xavier da Cruz (B-Leza) e Luiz Rendall (idem)).

De realçar o papel dos géneros da *Coladeira* e a *Morna* (tanto nas letras como nas músicas) no período antes da independência, nos salões de Mindelo, e na origem do surgimento de um teatro nacional, a já referida comédia crioula. A morna foi imortalizada pela voz de uma “lenda da música mundial moderna”, a cantora Cesária Évora (1941-2011), “Diva dos Pés Descalços” (como era conhecida por todos) que percorreu o mundo cantando “*sodade*” (saudade), abrindo o caminho para a carreira de “muitos jovens músicos nacionais, hoje com o acesso a palcos internacionais”⁸⁵. Em 2003, Cesária Évora ganhou o *Grammy* de melhor álbum musical contemporâneo com o álbum *Voz D’Amor*.

Em 2012, o governo de Cabo Verde aprovou uma resolução que classifica a morna como património histórico e cultural nacional, “naquele que pode ser um primeiro passo para a sua classificação pela UNESCO⁸⁶ de património internacional da humanidade”.

2.8. O MINDELACT

A inestimável contribuição do Mindelact vai para além do teatro e das actividades a ele ligadas. [...] oferecendo a ilha, de algum modo ao país, com o que de melhor e inovador se vem fazendo nos palcos do mundo.

J. Fonseca, Presidente da República de Cabo Verde⁸⁷

O Mindelact é o rosto do teatro que se faz no Mindelo. É uma associação artística e cultural de carácter social (sem fins lucrativos) que pretende essencialmente o desenvolvimento e a promoção das artes cénicas em Cabo Verde. Foi criada no ano de 1996, e tem como palco o Centro Cultural Português do Mindelo. Actua no Mindelo na formação de jovens nas diversas disciplinas ligadas às artes cénicas, apoiando à educação artística

⁸⁴ Basil Davidson considera que embora tratar-se de uma música mais próxima da que se faz em África, a morna não tem raiz africana e nem portuguesa, sendo uma criação original (B. Davidson, *As Ilhas Afortunadas. Um Estudo Sobre a África em Transformação*, p. 28).

⁸⁵ Em 2012, Cesária Évora foi homenageada num espectáculo em São Antão, por grandes músicos, nomes como o Bonga (Angolano), Nancy Vieira, Sara Tavares, Lura, Tito Paris, etc. A maioria destes artistas são os responsáveis pela continuidade e “preservação do legado da morna de Cesária”. Veja-se em ÁFRICA 21 DIGITAL, “Cesária Évora homenageada com megaconcerto no 1º aniversário da sua morte”.

⁸⁶ Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura. A candidatura encontra-se descrita na Resolução nº16/2008, de aprovação da candidatura da *Morna* a Património Imaterial da Humanidade, 19.02.2018, B.O. nº 18.

⁸⁷ J. Fonseca, “Mensagem do Presidente da República”, p. 6-7.

em matéria de documentação para estudo⁸⁸, na publicação de dramaturgia nacional e, não menos importante, na realização de *Março. Mês do Teatro*⁸⁹ e o *Mindelact. Festival Internacional do Teatro do Mindelo*⁹⁰.

Os festivais de teatro do Mindelact, em parceria com o curso de Teatro do Centro Cultural Português do Mindelo e o seu grupo de teatro, veem desempenhando um papel importantíssimo na “formação de públicos” de espectáculos no Mindelo. O próprio João Branco (Presidente da direção da associação) afirma que “as pessoas têm cultura teatral” derivado a este “processo de mais de duas décadas”⁹¹. Acrescentaríamos que é o honroso herdeiro de uma história mais antiga, que em larga medida passou pelo Éden Park.

O festival tem desempenhado um papel muito relevante na educação artística das populações não só em Mindelo, mas também nas outras ilhas, proporcionando palcos e espaços para grupos de outro concelhos “através do convívio e das sessões paralelas de formação que ocorrem todos os anos”⁹². Na sua última edição, em 2017, houve a preocupação de “devolver o evento a cidade”, com a sua “proliferação” pelas praças, escolas e em diversos palcos improvisados em zonas mais afastadas do centro de Mindelo. Esta foi a 23ª edição do festival e a RTP África fez a cobertura integral do mesmo com a programação *Nha Terra Nha Cretcheu*⁹³. Esta cobertura permitiu alavancar o festival que, pela primeira vez, teve uma extensão na cidade da Praia (capital do país), brindando o público da capital do país com um “espectáculo de alto nível”, transformando-se numa referência para o teatro nacional.

Nesta reportagem, segundo João Branco, a edição de 2017 “bateu recordes importantes”. Com efeito, neste ano o público ultrapassou os 11.000 espectadores, comparados com os cerca de 3.000 do ano anterior. Estiveram presentes 12 países, 30 companhias em palco⁹⁴, foram apresentadas cerca de 60 espectáculos, tudo isto fruto do envolvimento de mais de uma centena de artistas no festival. Teve como principais parceiros (do ponto de vista financeiro) o Ministério da Cultura e das Indústria Criativa, a Câmara Municipal de São Vicente (os “poderes públicos”) e a equipa do centro cultural do Mindelo (que é uma estrutura do estado). A RTP e João Branco partilharam da mesma opinião que caracterizou a edição do festival de 2017 como sendo “provavelmente a melhor até então” e sem dúvida “o melhor evento de artes cénicas da África Ocidental”. Esta

⁸⁸ O Mindelact editou entre 1997 e 2004 a revista *Mindelact. Teatro em Revista*, construindo um rico acervo no panorama da reflexão no âmbito das artes cénicas em Cabo Verde. Arrancou em janeiro de 2018 com outro projeto editorial, *Senika*, em edição online, como forma de dar continuidade ao trabalho interrompido em 2004, em meios mais económicos e de maior alcance.

⁸⁹ A associação é ainda responsável pela atribuição do Prémio de Mérito Teatral, em Março, aquando do dia Mundial do Teatro. Em 2004 o prémio foi atribuído ao Cineteatro Éden Park, homenageando o seu contributo ao teatro cabo-verdiano e distinguindo-o como espaço físico de referência do Mindelo.

⁹⁰ Site do Festival: www.mindelact.org/.

⁹¹ J. Branco; N. Ferreira, (2018), “O Mindelact tem o ADN de Mindelo”, p. 16.

⁹² J. Almada, “Identidade Crioula. Os eventos culturais verdianos de 2017. Mindelact, o evento do ano”, p. 10.

⁹³ Disponível em <https://www.rtp.pt/play/p3061/e318266/nha-terra-nha-cretcheu>, consultado em 20.01.2018.

⁹⁴ Na edição de 2017 estiveram presente mais de uma centena de artistas vindos de Alemanha, Angola, Argentina, Brasil, Cabo Verde, Espanha, Inglaterra, Japão, Moçambique, Portugal, República Checa, Senegal, São Tomé e Príncipe.

23ª edição do Festival de Teatro Mindelact teve como palcos o Centro Cultural Português do Mindelo, o ALAIM⁹⁵ e as ruas e praças do Mindelo. O festival procura assim novos palcos e públicos.

2.9. Marlene Monteiro Freitas

Marlene Monteiro Freitas é bailarina uma das mais destacadas coreógrafas da contemporaneidade. Nasceu em Cabo Verde, em 1979, onde cofundou o grupo de dança Compass e trabalhou com o músico Vasco Martins. Aos 18 anos rumou para Lisboa, para estudar na Escola Superior de Dança, ao que se seguiu formação em Bruxelas na mítica P.A.R.T.S. (Performing Arts Research and Training Studios) dirigida por Anne Teresa De Keersmaeker, e regressou a Lisboa onde fez um curso de coreografia na Fundação Gulbenkian. Em Lisboa cofundou a estrutura artística e de produção Bomba Suicida (1997-2014) e mais recentemente a estrutura P.OR.K (2015). A esta data conta no seu currículo oito criações coreográficas de grande fulgor, entre as quais *Guintche* (2010), *(M)imosa* (2011); uma cocriação de quatro bailarinos-coreógrafos), *Paraíso. Coleção Privada* (2012), *De Marfim e Carne. As estátuas também sofrem* (2014), *Jaguar* (2015), *Bacantes. Prelúdio para uma purga* (2017) e *Canine Jaunâtre 3* (2018). As suas obras circulam regularmente por teatros e festivais tão importantes para a inscrição do reportório da contemporaneidade como Centre Georges Pompidou (Paris), Kunstenfestivaldesarts (Bruxelas), Festival d'Avignon (Avignon), HAU (Berlim), Wiener Festwochen (Viena), STUK (Lovaina), Kammerspiele (Munique), Ruhr Triennale (Essen, etc.), Teatro Cólón (Buenos Aires), Festival TransAmériques (Montreal), The Kitchen (Nova Iorque), mas ainda na Coreia, Japão, Brasil e também em Cabo Verde, entre tantos outros.⁹⁶ Em 2018 recebeu um Leão de Prata da Bienal de Veneza, destacando a sua “presença eletrificante” e o “poder dionisíaco” das suas criações, considerando a coreógrafa como sendo “um dos melhores talentos da sua geração”⁹⁷. Tanto em Portugal como em Cabo Verde a notícia foi recebida com grande satisfação. Meses antes da distinção internacional o Ministro da Cultura de Cabo Verde, Abraão Vicente, em nome do Governo e Presidência, já havia distinguido Marlene Freitas com Medalha de Mérito Cultural. Quanto à distinção internacional, referiria tratar-se de “feito histórico”, somente equiparável ao Grammy recebido por Cesária Évora em 2004; referiria ainda que “Marlene torna-se assim um orgulho nacional, pelo que fica o desafio a todos os cabo-verdianos de incorporarem a importância deste prémio na sua própria história”⁹⁸.

O trabalho de Marlene Monteiro Freitas cruza referências da cultura cabo verdiana (por vezes ouvem-se mornas, a coreografia pode incorporar aspectos da *Kola de San Jon*, etc.), internacional, eruditas, pop,

⁹⁵ A Academia Livre de Artes Integradas do Mindelo. É um espaço cultural surgido em 2016, com o intuito de responder à carência de espaços de ensino cultural e artístico integrados no Mindelo.

⁹⁶ Veja-se o site de M. M. Freitas, <https://cargocollective.com/marlenefreitas>, consultado em 1.9.2018.

⁹⁷ La Biennale di Venezia, “The 2018 Lion Awards for Dance”. Pode ainda ver-se I. Nadaís, “Leão de Prata da Bienal de Veneza para Marlene Monteiro Freitas”.

⁹⁸ Lusa, “Ministro cabo-verdiano considera ‘feito histórico’ Leão de Prata de Veneza a Marlene Freitas”.

populares...⁹⁹, numa mistura que tem tanto de dadaísta, surrealista, como do Carnaval do seu Mindelo. Os seus são trabalhos que comunicam afectivamente com o público, mais, muito mais, do que transmitem mensagens clara. É um trabalho dirigido aos sentidos, mais do que ao sentido.

⁹⁹ Em Cristina Ferreira Gomes e Luiz Antunes, “Marlene Monteiro Freitas” (documentário da série “Portugal que Dança”, episódio 10, Portugal, 45 min., in <https://www.rtp.pt/play/p3906/e362973/portugal-que-danca>, (consultado em 1.9.2018), Serge Laurent, programador do Centre Pompidou, refere que a Marlene Monteiro Freitas “pertence àqueles artistas no sentido lato, sejam coreógrafos, encenadores de teatro ou mesmo músicos (...), que estão interligados a sua arte com referências e conhecimento muito aprofundados, sobre aquilo que os antecede, mas com um forte desejo de se distinguirem com uma escrita que os reflita o mais possível”.



3. PROJETO

3.1. Para uma Casa da Cultura

O espaço “produz” os homens que tencionam produzi-lo.

Correia e Silva¹⁰⁰

É muito interessante constatar que no nosso contexto, o papel do arquiteto não é - nem sei se alguma vez foi - o de construir um belo edifício, mas ser um agente de mudança. O nosso papel é estruturante e vai muito para lá da construção de um edifício.

Issa Diabaté¹⁰¹

A crise e desaparecimento do Éden, como instituição, são factos incontornáveis. Por outro lado, o Éden persiste, como estrutura arquitectónica, lugar e marca na memória colectiva.

Com o desenvolvimento económico, a televisão e a internet, a sociedade cabo-verdiana abriu-se, intensificaram-se as relações com Portugal, Europa, Brasil, EUA, que também chegam pela TV e internet. Os cabo-verdianos que vivem pelo mundo e que viajam, visitam o Centro Cultural de Belém, o Centro Pompidou, a Tate, visitam museus, vão a concertos, espetáculos de dança e assim por diante. Isto modela as aspirações de um povo e de uma cidade.

Por outro lado, vai-se tornando claro na sociedade e Estado cabo-verdiano de que um dos grandes ativos do país é a cultura.¹⁰² O sucesso internacional de Cesária Évora, a que se seguiram diversas levadas de músicos cabo-verdianos que efetuam percursos profissionais em Portugal, França, Estados Unidos e Canadá, entre outros países, mais recentemente o sucesso de Marlene Monteiro Freitas, colocam na agenda a questão da construção de um palco que, em Cabo Verde, proporcione condições atualizada para o desenvolvimento das artes do palco, e que, em nosso entender, tem que ser uma casa para a totalidade das expressões artísticas cabo-verdianas e contemporâneas. Naturalmente, com espaço para as artes populares, que são a base em que assenta toda a cultura.

No termo do festival Mindelact de 2017, de novo João Branco chamava à atenção para a carência de salas de espetáculos que deem resposta à procura que tem vindo a crescer de ano para ano, concluindo a

¹⁰⁰ A. Correia e Silva, *Histórias de um Sahel Insular*, p. 130.

¹⁰¹ V. Cruz, “Issa Diabaté. O Papel do Arquitecto não construir um belo edifício”.

¹⁰² Consciencialização que tem vindo a desenvolver-se entre os poderes públicos e que ganha expressão no IXº Governo – em curso – que através do Ministério da Cultura e das Indústrias Criativas tem vindo a apostar em projetos culturais importantes para o país. Desde a promoção dos festivais de música, teatro etc.

entrevista referindo o Éden Park e fazendo um apelo aos “poderes públicos e privados” para que não permitam o desaparecimento desta sala cheia de potencial.¹⁰³ É uma convicção que partilhamos.

Pouco ou nenhum sentido faria se este palco fosse fechado ao público, pois o contacto com o público é essencial ou é mesmo a sua razão de ser. Como acontece em Paris e Estocolmo, em Lisboa e Londres, o centro de artes será o centro da vida cívica, o próprio centro da cidade. No caso do Mindelo, este centro é o expectante Éden.

Localização, programa, imagem e outros aspectos da nossa proposta são devedores do conhecimento e análise do contexto de intervenção, tanto quanto do estudo de um conjunto de casos que passamos a descrever.

O Éden é uma herança, mas esta herança não vem acompanhada de um testamento, que prescreva de forma unívoca o seu uso contemporâneo, que se definirá por relação com as expectativas e potencialidades que o contexto cabo-verdiano encerra e o estudo do que tem vindo a ser feito e imaginado em contextos em que o tema tem vindo a ser tratado de forma mais sistemática. A recuperação do Éden como foco da vida cultural e social em larga medida joga-se na capacidade deste se transformar, adaptando-o às novas exigências das artes do espetáculo (do cinema à música e dança) e da vida social. Do estudo dos casos extrai-se informação relevante a respeito de um e outro aspecto.

¹⁰³ Em Carmo Furtado e Giordano Custódio, “Especial Mincelact 2017” (Reportagem da série “Nha Terra Nha Cretxeu”, episódio 12, 57 min., in <https://www.rtp.pt/play/p3061/e318266/nha-terra-nha-cretcheu>, (consultado em 20.1.2018).

3.2. Estudo de casos



Fig. 29. Autor, *Excursion de professeurs de L'École des beaux-arts de Porto em Grèce*, 1976. De esquerda para a direita: Alexandre Alves Costa, Sérgio Fernandez, José Grade, Alcino Soutinho, Fernando Távora e Siza Vieira.

Penso que todos os lugares que nos impressionaram no mundo são memórias que se tornam nos materiais com que queremos trabalhar nos projectos.

Lacaton & Vassal¹⁰⁴

3.2.1. Nantes: Le Voyage à Nantes, Lieu Unique e Escola Superior de Arquitetura

a) Le Voyage à Nantes

Le Voyage à Nantes é o nome da agência que cuida da programação artística e cocoordenação das actividades culturais em Nantes¹⁰⁵ e da principal atividade que organiza a programação cultural e recreativa no Verão. É uma programação que tem vindo a crescer e ganhando um bom nível de impacto mediático. Em junho de 2016 o Le Monde fez a cobertura jornalística da programação de Verão, como também o Público apresentaria relato da viagem efectuada a Nantes.¹⁰⁶

A “viagem” cujo roteiro pode ser feito seguindo a linha verde pintada no chão pelas ruas da cidade (fig. 30) engloba uma série de actividades programadas em instituições como o Lieu Unique, La Cantine du Voyage, a Canadienne, uma instalação pública de carácter temporária que serve de esplanada ao restaurante Le 1, entre outros ou a intervenção do artista Julien Berthier, na Place du Bouffay. Em suma, uma amálgama de elementos heterogéneos, abrangendo momentos fortes da cidade antiga e momentos muito diversificados da nova cidade em construção (um ponto de restauração, obras de arte, espaços conviviais, etc.).

¹⁰⁴ J. Adrião, R. Carvalho e J. Lacaton, “Lacaton & Vassal”, p. 54.

¹⁰⁵ Veja-se o site www.levoyageanantes.fr, consultado em 1.9.2016.

¹⁰⁶ E. Jardonnet, “Terrain de jeu à la nantaise”, e M. Gonçalves, “Nantes, um museu de arte urbana a céu aberto”.

Assim, com a programação de “Le Voyage à Nantes”, verifica-se em Nantes um processo de “reinvenção” de cidade, que se assemelha ao sucedido nos anos 1990 em outras cidades europeias, através de operações urbanísticas e arquitectónicas com alguma envergadura (Barcelona, Madrid, Bilbao, Roterdão, etc.). A componente urbanística e arquitectónica certamente está presente, mas já não é o fio condutor deste processo; o fio condutor passou a ser a “programação” cultural, de que a arquitetura e o urbanismo são, agora, uma parte entre outras.

b) Lieu-Unique (Arq. [S.a.], 1895; Arq.o Patrick Bouchain, 2000)

A fábrica de biscoitos Lefèvre Utile esteve ativa em Nantes, cidade portuária e industrial entre 1846 e 1974¹⁰⁷. Como se pode observar na fig. 31 ocupava uma área de grande dimensão.



Fig. 31. *Fábrica Lefèvre*, Nantes, 1900.

Fotografia da maquete na Expo Universal de Paris.

Com a sua desativação foi sendo demolida para dar lugar a novos bairros residenciais, excepto um pequeno sector, na zona Norte. É esta zona que será intervencionada pelo Arq. Patrick Bouchain para o desenvolvimento de um centro cultural, de nome Lieu Unique.

O programa do Lieu Unique divide-se em áreas destinadas a atividades culturais em sentido estrito (exposições, espetáculos, etc.) e as áreas de encontro e sociabilidade (bar, restaurante, átrio (com a sua livraria, uma creche e mesmo um “hammam”).

No edifício, as áreas afectas a usos culturais e outros polivalentes, no seu conjunto excedem as áreas comuns, mas, de qualquer modo, o Arqº Patrick Bouchain dimensiona de forma muito generosa as áreas de

¹⁰⁷ A construção da fábrica no *Quai Ferdinand-Favre* ocorreu em 1895.

uso comum, de sociabilização. Desta forma, o Lieu-Unique, em virtude de sua configuração e estética, aparece como um espaço alternativo, misturando as artes e amplos espaços para usos sociais.

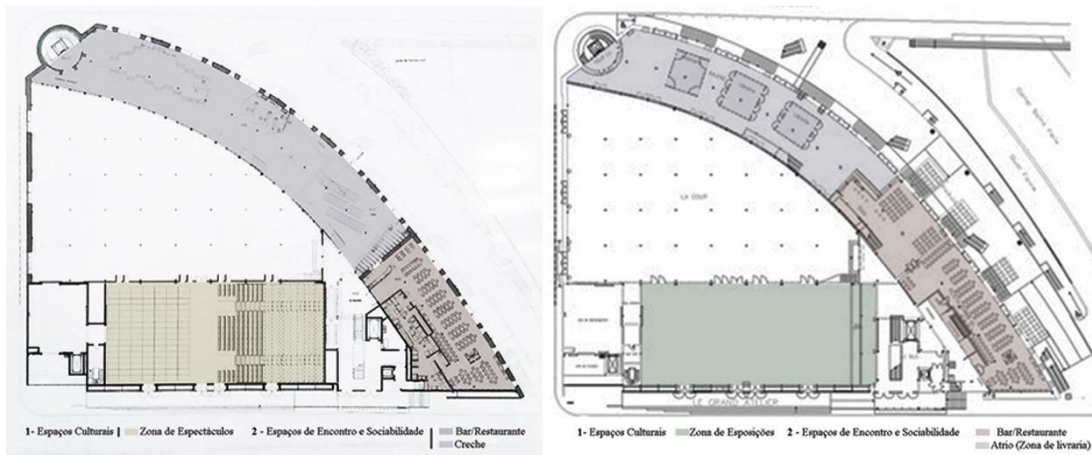


Fig. 32. Arqº Patrick Bouchain, *Lieu Unique*, Nantes, 2016.

Plantas com o programa. Ligeiramente modificadas.

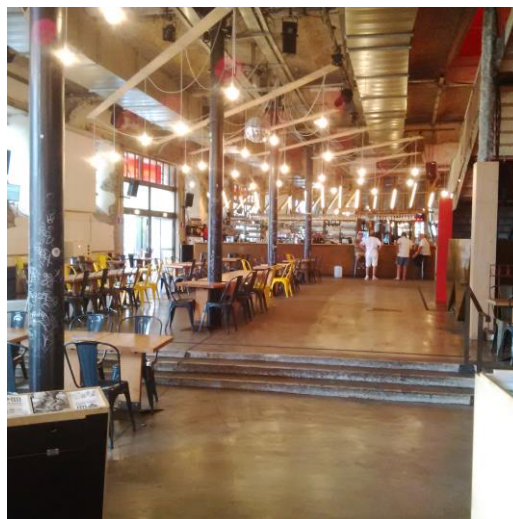


Fig. 33. Arqº Patrick Bouchain, *Lieu Unique*, Nantes, 2016.

Vista dos “espaços comuns”.

Um aspecto interessante do projeto reside no facto de se ter criado o “arquivo da memória”¹⁰⁸, constituído por contentores em que a população depositou objetos de valor afetivo ou que pensam importantes de transmitir às gerações futuras. Estes contentores estão depositados no alçado Sul-Poente, visível a partir do exterior através do alçado executado em material translúcido. Teve-se como objectivo estabelecer uma ligação entre o novo equipamento e o povo que ele serve.

¹⁰⁸ O “arquivo da memória” trata-se de um conjunto de objetos (fotos, bonecas, cartas de amor, telemóveis, etc.) doados por 11.855 cidadãos nantenses. Os objectos foram guardados em caixas de metal, onde vão permanecer durante um século, prevendo-se a sua reabertura para as 17h de 1.1.2100.



Fig. 34. Arqº Patrick Bouchain, *Lieu Unique*, Nantes, 2016. Alçado sul-Poente, o “arquivo da memória”.

c) Faculdade de Arquitetura de Nantes (Arq.os Lacaton e Vassal, 2003-09)¹⁰⁹

A École Nationale Supérieure d’Architecture, ENSA, é uma instituição académica aberta para a cidade, através de serviços como a biblioteca e outros, acessíveis por qualquer cidadão. Estes serviços não se encontram necessariamente no piso térreo ou na frente de rua, mas encontram-se distribuídos pelo edifício, cujos espaços de distribuição têm um marcado carácter urbano: permeabilidade ao atravessamento do piso térreo, intromissão da rua para o interior do edifício (uso do asfalto como pavimento), a grande rampa no lado Oeste, conferindo ao edifício o carácter de um edifício de estacionamento e que percorre todos os pisos todos até a cobertura, amplas passagens e largos onde por vezes se montam exposições e outras atividades abertas à comunidade, que lhe dá a imagem de uma instituição aberta e acessível a quaisquer públicos. A cidade prolonga-se pelo edifício, de forma muito concreta e tangível. Também o auditório (fig. NN) no piso térreo se abre para a rua, reforçando o entrosamento entre instituição e cidade. Um aspecto interessante a reter é que os espaços de uso comuns são sempre sinalizados com luzes néon (normalmente da cor de rosa), como se se tratassem de lojas fazendo frente para a rua.

¹⁰⁹ Para um breve historial, pode ver-se École Nationale Supérieure d’Architecture de Nantes, “L’école, la ville > Le bâtiment de Lacaton & Vassal”.

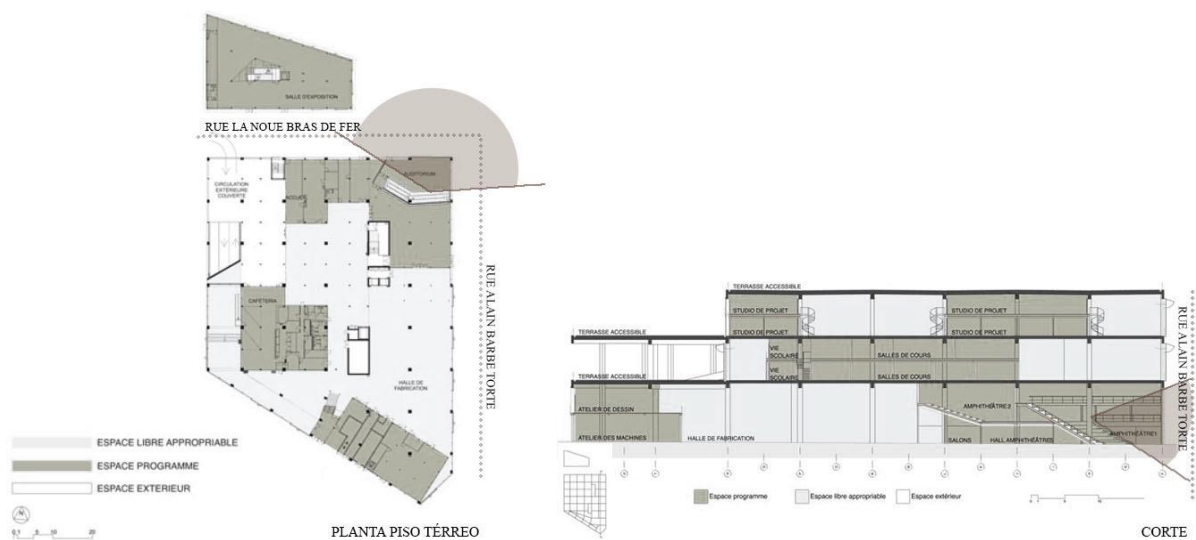


Fig. 35. Arq.os Lacaton & Vassal, *École Nationale Supérieure d'Architecture*, Nantes, 2009.
Piso 0, planta: Permeabilidade.

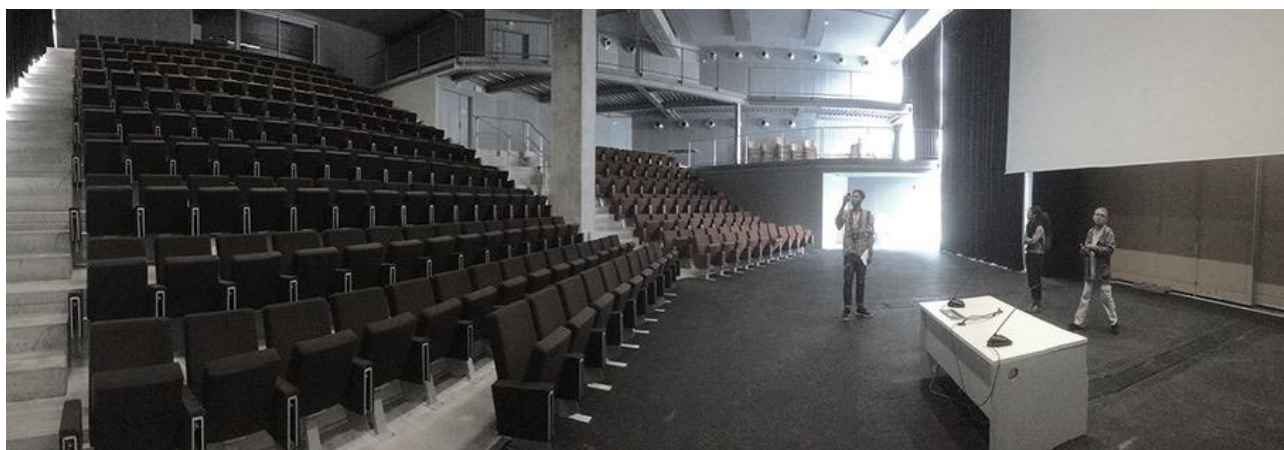


Fig. 36. Arq.os Lacaton & Vassal, *École Nationale Supérieure d'Architecture*, Nantes, 2009.
Auditório.



Fig. 37. Arq.os Lacaton & Vassal, *École Nationale Supérieure d'Architecture*, Nantes, 2009.
A grande rampa.

A modulação dos espaços – p.ex., as salas de aula no piso 1, são espaços modulares com 50 m² a 3x50 m² – e a construção com elementos prefabricados do tipo dos que se empregam na construção de estacionamentos e hipermercados, pretende conferir ao edifício uma grande flexibilidade à transformação: “Concebeu-se um edifício capaz, dadas as modificações internas, imaginar-se vários cenários: poder acolher um hipermercado no rés-do-chão, ou a possibilidade da conversão dos andares em lojas, estacionamentos ou escritórios”¹¹⁰.

3.2.2. Paris: Centre Pompidou, Bibliothèque Publique de Information (BPI), Institut de Recherche et Coordination Acoustique Musique (IRCAM) e Palais de Tokyo.

a) Centre Pompidou e BPI (Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, 1977)

O edifício é uma obra emblemática do séc. XX incorporando no mesmo volume o Centro Cultural Georges Pompidou e a grande Biblioteca Pública de Informação (BPI), uma e outra componente programática com acessos independentes¹¹¹. O grande edifício caracteriza-se pela sua arquitetura de aço e vidro, circulações na fachada poente através de escadas rolantes panorâmicas (fig. 39) circulações de serviço e todo o tipo de infraestruturas na fachada nascente, logo liberando os pisos de quaisquer estruturas verticais, inclusive de quaisquer pilares. Assim, a planta com aprox. 170 x 50 m apresenta-se totalmente livre, o que é visível no piso 2 da BPI (fig. 40).

O Centro Georges Pompidou compreende uma panóplia diversificada de atividades. Em primeiro lugar o museu, com uma extensa, rica e extraordinária coleção de arte que abrange do modernismo ao período contemporâneo, exposições permanentes e temporárias, que podemos visitar. Mas também dispões de uma *Galerie des Enfant* e do *Studio 13/16*, direcionado a jovens dos 13 aos 16 anos que são convidados a participarem em atividades nas áreas de arquitetura, fotografia, artes plásticas, etc. Referia o nosso guia que “ultimamente, os jovens têm feito do espaço um lugar de encontro e convívio. Encontram-se aqui em grupos de amigos, pois são livres de participar, ou não, das atividades aqui propostas”. Por fim, dispõe ainda de livraria; cafetaria; auditórios e cinema; além de extensas áreas de serviço, ao museu, teatro, etc.

¹¹⁰ Raymond Leduc, in L. Delgado, relatório “Viagem de estudo a Nantes e Paris, 28.8 a 4.9.2016, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.”, p15.

¹¹¹ Durante a visita, a nossa guia alertou-nos de que estariam em discussões futuras obras, para alterar a entrada do BPI para a praça Georges Pompidou, junto a entrada do centro, o que traria para esta mais visibilidade e algum protagonismo em relação ao centro Pompidou.



Fig. 38. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977.
Inserção urbana.



Fig. 39. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977.
“Tubo” de acesso em escadas rolantes. Fotografia L. Delgado.

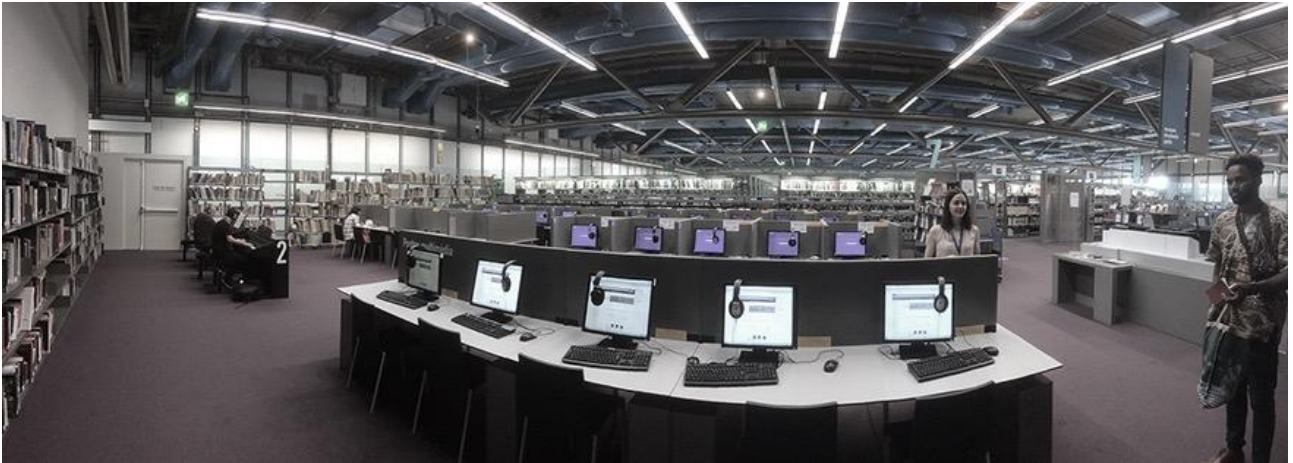


Fig. 40. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977. Piso amplo da BPI.

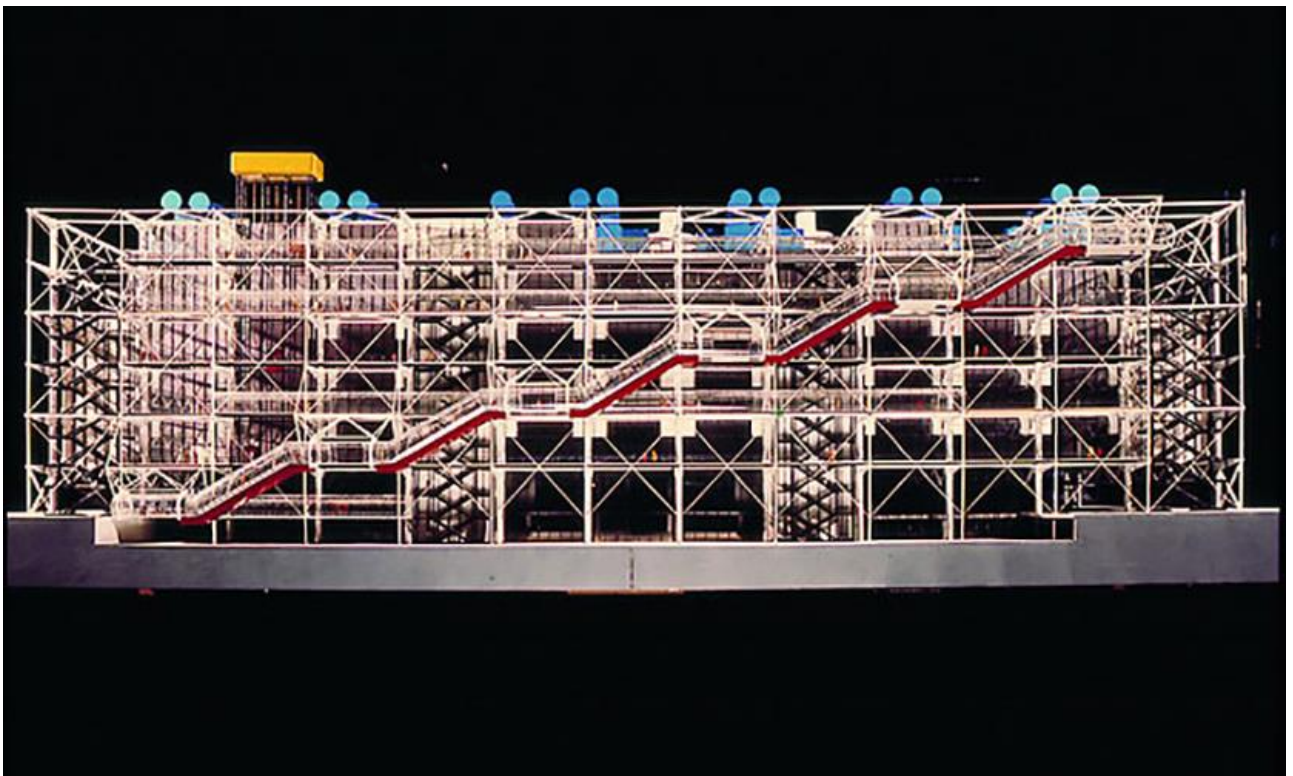
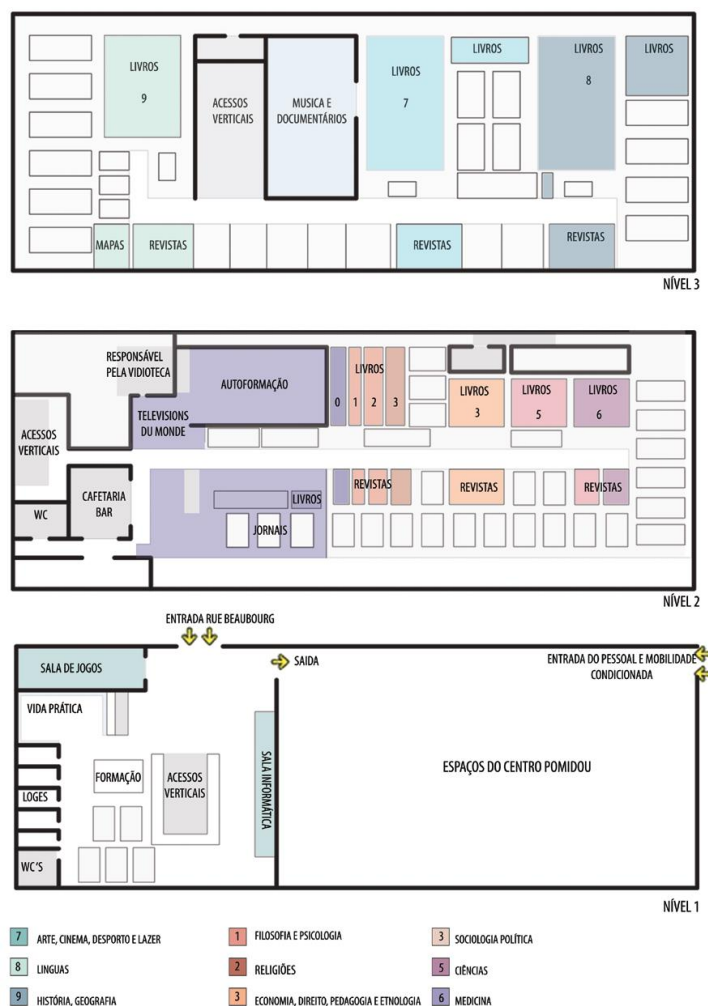


Fig. 41. Arq.os Renzo Piano e Richard Rogers, *Centre Pompidou*, Paris, 1977.

A Bibliothèque Publique d'Information, BPI, representando cerca de um piso e meio do Centro Pompidou, é uma biblioteca pública de acesso livre, com acervo bibliográfico enciclopédico, mas que procura também responder à grande diversidade de necessidades e expectativas do seu numeroso e muito diversificado público: universitários, estudantes do liceu, jovens, desempregados, homeless, refugiados, etc. Assim, proporciona espaços e meios tanto de leitura, como de trabalho e formação, ou ainda de lazer (inclui televisões de todo o mundo, sala de vídeo jogos, extenso acervo de mangas, etc.). A BPI “estabelece um diálogo constante com os seus utilizadores”, respondendo diretamente às suas necessidades diversas: “a BPI apresenta um programa gratuito, de formações permanentes (em línguas, etc.), meios de preparação para exames aos estudantes, formas de divulgação de emprego a quem procura, e a leitura diária de todos os jornais”¹¹².

A biblioteca compreende ainda um bar, espaço multimédia com extenso acervo de documentários, espaço da música com CDs ou mesmo vinis, desde Mozart, Cesária Évora, à Maitre Gims (rapper francês), coleção de partitura e ainda pianos “silenciosos”.



b) IRCAM (Arqº Renzo Piano, 1978 [1º fase] e 1988 [ampliação])

O *Institut de Recherche et Coordination Acoustique Musique*, IRCAM, é uma instituição que desenvolve atividades científica e artística, com o recurso aos novos meios técnicos (tecnologia de ponta).

A instituição apoia à criação artística, acolhendo residências de compositores e outros artistas, dispondo de “estúdios” de diversas dimensões. Estabelece relações com várias instituições em Paris: desenvolve projetos com a ESBA (*École Supérieure des Beaux-Arts*); proporciona mestrados em design de som (tendo como parceiros a UPMC¹¹³ e Telecom Paris); oferece doutoramentos em colaboração com a Universidade Sorbonne. Também desenvolve atividades educativas com o público geral através do programa oficina de criação e ação cultural a nível nacional para as escolas profissionais.

O programa do edifício organiza-se em dois momentos (fig. 43): a torre administrativa (contendo o acesso do edifício), localizada à superfície, na esquina da Praça Igor Stavinsky com a Rue Saint-Merri. Consiste no projeto de ampliação de Renzo Piano (1988), após ter projetado toda a parte mais antiga em 1978; o corpo enterrado, onde se desenvolve o essencial do programa, em gabinetes e outros espaços que fazem face a “passagem” com iluminação Zenital. A câmara anecoica, uma pequena sala com isolamento e absorção acústica total (onde se desenvolvem uma série de trabalhos de pesquisa e criação musical), e o auditório (“espace de projection”). Estas unidas programáticas dão para amplo vazado longitudinal, através do qual se efetuam circulações longitudinais e verticais, iluminado por ampla claraboia zenital. A solução é muito qualificada; não se tem minimamente a sensação de se estar no subsolo.

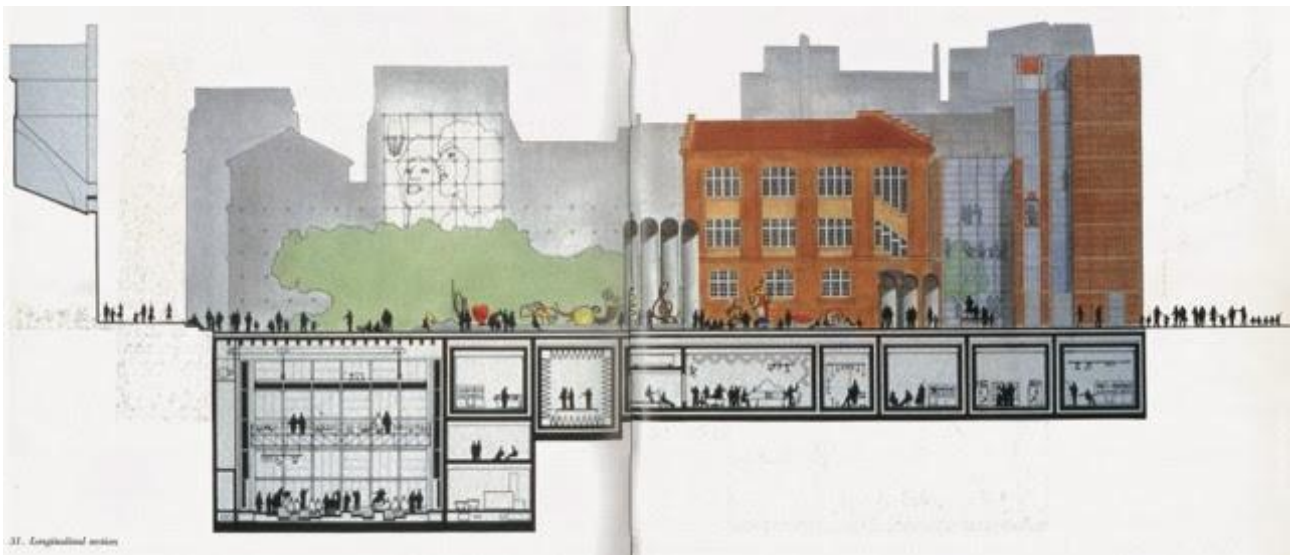


Fig. 43. Arqº Renzo Piano, *IRCAM*, Paris, 1978 (1º fase) e 1988 (ampliação). Corte longitudinal.

¹¹³ Universidade Pierre e Marie Curie.



Fig. 44. Arqº Renzo Piano, *IRCAM*, Paris, 1978 (1º fase) e 1988 (ampliação).
Câmara anecoica.

c) Palais de Tokyo (Arq.os Jean-Claude Dondel, André Aubert, Paul Viard e Marcel Dastugue 1937, e Arq.os Lacaton & Vassal, 2002-2012)

O edifício foi criado em 1937, por ocasião da *Exposition Internationale des Arts et Techniques* para receber a coleção de arte moderna do estado francês e da cidade de Paris. O seu estilo classicista advém da formação de seus arquitetos - Dondel, Aubert, Vivard e Dastugue – formados na Escola de Belas-Artes. A composição simétrica no eixo de uma praça (dando-lhe a configuração de duas “asas”, em planta) e a linearidade da disposição das colunas clássicas que liga as “asas” pela fachada principal, são testemunhos deste estilo.

A reestruturação desta preexistência pela dupla Lacaton & Vassal (inaugurada em 2002 e ampliação inaugurada em 2012) caracteriza-se por uma extrema economia de meios. Com orçamentos limitados, o trabalho neste edifício teve o seu foco na demolição de estruturas preexistentes, realização de escadas e outras ligações (elevadores, corredores...) onde necessário, e infraestruturas dos espaços (luz, ventilação, etc.). No Palais de Tokyo, os arquitetos deixaram evidente múltiplas marcas de prévias ocupações e atividades. Assim, o que se vê é um edifício com amplos espaços em “tosco”, um edifício aberto, bem iluminado, à semelhança do Lieu Unique de Nantes, como que um edifício industrial reaproveitado, mas de facto trata-se de uma preexistência do século passado objeto de sucessivas obras de demolição. Os arquitetos salientam que “nunca se tratou de assumir uma posição estética em relação ao inacabado, à ruína”¹¹⁴, mas é o seu aspecto é de um edifício em obras.



Fig. 45. Arq.os Lacaton & Vassal, *Palais de Tokyo*, Paris, 2012.

Livraria.

¹¹⁴ Lacaton & Vassal, tradução livre de: “there was never any question of taking an aesthetic position with respect to the unfinished, to the ruin”. A. Ayers, “Lacaton & Vassal, Fun Palace”, p. 51.



Fig. 46. Arq.os Lacaton & Vassal, *Palais de Tokyo*, Paris, 2012.
Galeria de Exposições.

Efetuámos a visita guiados pelo M. Beauvais, desta instituição, que salientou todo o trabalho que efetuam no sentido de angariar fundos para financiarem as suas atividades. O Ministério da Cultura só assegura 40% do orçamento, sendo os restantes 60% angariados através de “concessões”: o restaurante Tokyo Eat e Monsieur Bleu, a livraria-loja Walther König & Cahiers d’Art, a discoteca Yoyo (espaço de concerto, que se aluga para eventos privados, etc.) e um pequeno cinema de luxo.



Fig. 47. Arq.os Lacaton & Vassal, *Palais de Tokyo*, Paris, 2012.

Restaurante *Monsieur Bleu*.

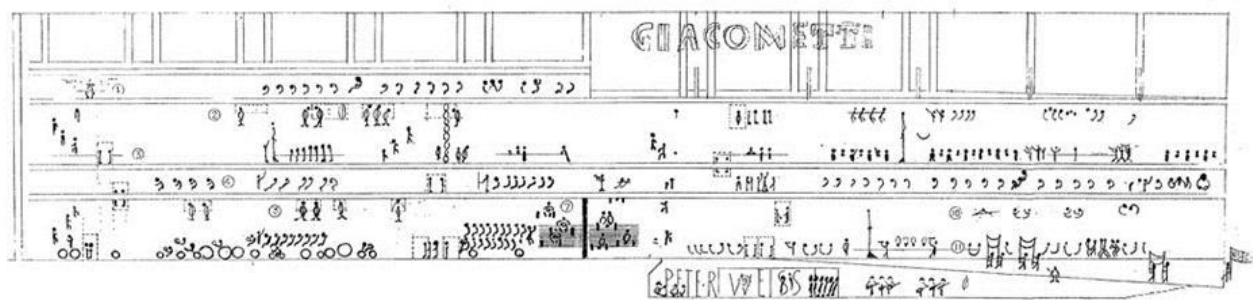
3.2.3. Estocolmo: a Kulturhuset (Arqº Peter Celsing, 1968-74)

O desenvolvimento de equipamentos culturais desempenhou na modernidade e tem vindo a desempenhar na contemporaneidade um papel muito significativo na requalificação de zonas de cidade ou mesmo de inteiras cidades, de que o caso mais paradigmático talvez seja o Museu Guggenheim de Bilbao. Nos anos 1990 foram os museus e nas décadas seguintes as grandes salas de concerto. Esta história - muito rica e extensa - interessa-nos na medida em que a classificação da “Morada”, em São Vicente, persegue os objectivos já referidos de valorização artística e social da capital cultural do país. Contudo uma coisa é desenvolver este tipo de equipamentos onde equipamentos do mesmo género já existem (na Europa, os museus e salas de concerto das décadas mais recentes, não são os primeiros) e num contexto como o cabo-verdiano em que estes são raros. Sendo em Cabo Verde raros, por um lado colocam-se especiais exigências de ajustamento a necessidades locais (artístico-culturais e sociais) e por outro espera-se que possa proporcionar novos meios para o desenvolvimento

dos artistas cabo-verdianos (aspecto que em contextos mais favorecidos é desempenhado por um conjunto de equipamentos); não se trata apenas de responder a necessidades, mas de alargar horizontes.

Por casa da cultura, em sueco “kulturhuset”, não fazemos apenas referência à experiência do equipamento que com este nome foi inaugurado em Estocolmo nos anos 70, projeto de Peter Celsing, mas ainda aos seus sucedâneos como sejam o Centro Pompidou, e muitas outras obras, de escala muito diferenciada, que perseguiram de forma expressa e com algum sucesso objectivos de estabelecer pontes entre gerações (novos e velhos), grupos sociais (burgueses e trabalhadores), grupos étnicos, fórum onde se encontram as mais diversas expressões culturais e artísticas (populares, eruditas, etc.). Neste sentido, “casa da cultura”, “kulturhuset”, delimita um conjunto de experiências e problemáticas, que sintetizaríamos como “a cultura como lugar de troca entre todos”, experiências que compreendem a Kulturhuset de Estocolmo ou o Centre Pompidou, a trabalhos contemporâneos como os da equipa Lacaton & Vassal - Palais de Tokyo, Sala de Lille, etc. -, a Kunsthaus de Graz (Arq.os Peter Cook e Colin Fournier), etc.

Assim, da Kulturhuset retemos a ideia, transversal e democrática, de uma casa para todos, mais do que a forma, em virtude de (ainda) não nos termos podido deslocar a Estocolmo.



Tävlingsförslaget, fasad mot Sergels Torg.

Fig. 48. Arqº Peter Celsing, *Kulturhuset*, 1974. Diagrama conceptual da proposta pelo arquitecto.

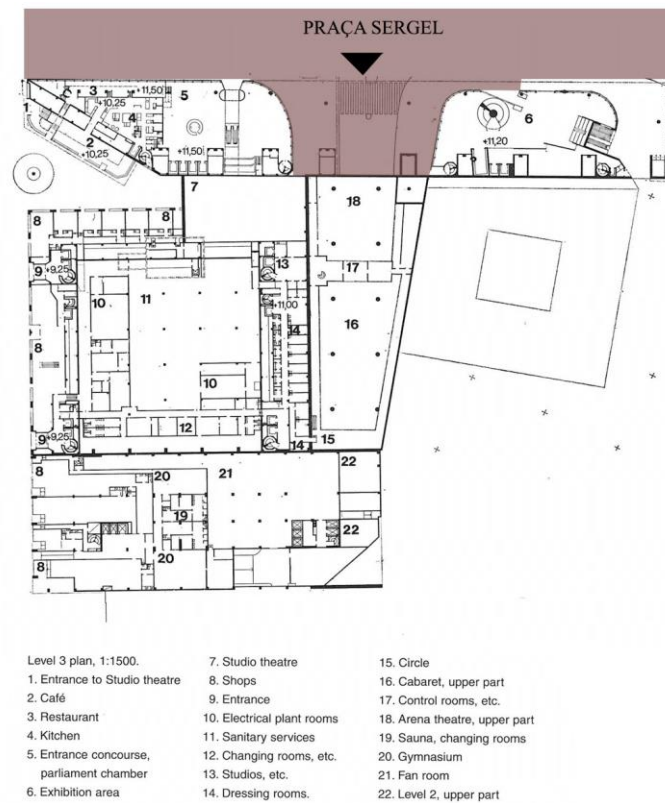


Fig. 49. Arqº Peter Celsing, *Kulturhuset*, *Planta do piso térreo*, 1974.

Permeabilidade e ligação do piso térreo a rua/ Praça.



Fig. 50. Arqº Peter Celsing, *Kulturhuset*, Alçado Principal de *Kulturhuset*. 1974. Enquadramento do equipamento na Praça Sergels Torg.

3.2.4. Montemor-o-Novo: O Espaço do Tempo

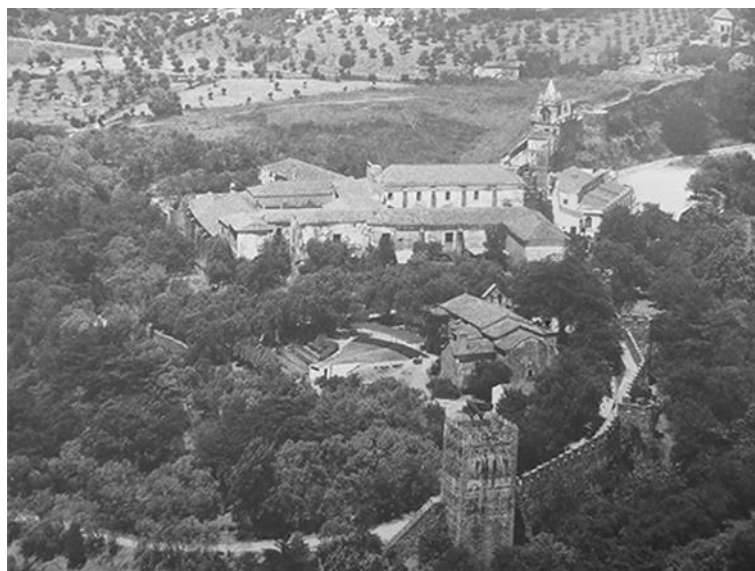


Fig. 51. Município de Montemor-o-Novo, *Convento Nossa Senhora da Saudação*, século XVI.
Vista aérea do Convento e a sua inserção no Castelo de Montemor-o-Novo.

No Castelo de Montemor-o-Novo situa-se o Convento de Nossa Senhora da Saudação (fig. 51), fundado em 1507. Já em 1973 o convento se encontrava em estado precário de conservação, mas foi sendo o palco de atividades culturais pontuais, até a chegada e estabelecimento do coreógrafo Rui Horta, “com a ambição de humanizar aquele espaço cuja decadência transmitia uma poética romântica apelativa [...] fazer desse lugar inóspito e em ruínas a casa provisória – por uma, duas, três semanas ou mais – de artistas em residência”¹¹⁵. I assim que em 2000 surgiu o Centro Coreográfico de Montemor-o-Novo, hoje conhecido como O Espaço do Tempo¹¹⁶.

Para os artistas O Espaço do Tempo trata-se de um “laboratório” de mostra de processos criativos, e também um lugar de programação e apresentação de eventos¹¹⁷. É um lugar onde é permitido aos artistas fazerem as “experiências que quiserem, os erros que quiserem, os espetáculos maus que quiserem”¹¹⁸, é o lugar onde “há tempo”¹¹⁹. Foi “com tempo” que Rui Horta nos conduziu nos espaços e atividades do Espaço do Tempo.

¹¹⁵ C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 75.

¹¹⁶ O mote (traduzido no primeiro nome) que teve este projecto - Centro Coreográfico de Montemor-o-Novo, tinha a dança como “centro do que se fazia” e a sua natureza multidisciplinar. “Dois anos mais tarde assumia a sua identidade liberta de categorizações e apropriava-se do título [...] “Zeitraum” que é a palavra alemã que significa, precisamente, o Espaço do Tempo”. C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 79.

¹¹⁷ C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 61.

¹¹⁸ C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 377.

¹¹⁹ Victor Roriz (coreógrafo) enfatiza a perspetive de longo prazo que se estabelece com o Espaço do Tempo, que aparece com um duplo sentido: não somente a ideia de que o tempo congela ali “por causa daquela ruralidade”, mas também a perspetiva que contrapõe

Além do Convento com alojamentos, cozinha, balneários, serviços administrativos e salas de ensaios, O Espaço do Tempo conta ainda para o desenvolvimento das suas atividades com uma Black Box situada em zona industrial no centro da cidade. Trata-se de uma espécie de armazém, um grande espaço vazio, com sanitários, possibilidade de montar bancada com praticáveis, luz, mesa de som, varas no texto, e pouco mais.¹²⁰

Tipicamente, após a fase “incubadora”, ou de criação de um projeto artístico, nos espaços de ensaio do Convento ou na Black Box, os artistas são convidados a apresentar a sua criação para a comunidade montemorense, o que pode acontecer na própria Black Box ou no Cine-Teatro Curvo Semedo (Arqº Raul Lino, 1925).

É este conjunto constituído por Convento, Black Box e Curvo Semedo que permite a criação artística e ainda faz a ligação entre criação e comunidade.

O Espaço do Tempo também programa trabalhos de escolas e das suas atividades educativas nestes espaços. Por outro lado, após assistirem os ensaios abertos ou espetáculos, os públicos são convidados a “subirem ao Convento... para tomarem um copo de vinho da região”¹²¹.

Rui Horta salientou bem o valor acrescentado da possibilidade de ter pessoas de Montemor a trabalharem para O Espaço do Tempo, exemplificando com a relação que há anos mantêm com um taxista local - “não sendo necessário contratar motoristas particulares” - ou com o facto da comida diariamente servida aos artistas ser fornecida pelos restaurantes locais, prescindindo-se de ser feita no Convento. É uma outra forma da instituição de os projetos artísticos se inscreverem localmente, desenhando-se um “mapa de afecto” com o povo. Assim, para a cidade o Espaço do Tempo é um mediador entre “sociedade” e “arte”, prestando “um serviço público, que corresponde à missão do Estado”¹²².

Espaços (apesar da sua precariedade...), programação e compra de serviços, são algumas das componentes que fazem do Espaço do Tempo uma verdadeira Casa da Cultura, fornecendo à comunidade artística serviços relevantes e também à comunidade local.

“à lógica imediatista da actualidade” (do consumo e da produção rápida), e que permite “um longo prazo nas relações” instituição-artista. C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 377.

¹²⁰ Infra neste capítulo, retomaremos o tema da Black Box, tipologia espacial de produção e apresentação artística, que se propõe para a nossa Casa da Cultura do Mindelo.

¹²¹ C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 171. Resta-nos salientar que esta foi a forma como fomos calorosamente recebidos quando visitamos o Convento em 2016. Começamos a visita em conversa à mesa com o Rui Horta, acompanhados de um rico cozido à portuguesa, e vinho da região.

¹²² C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 11.

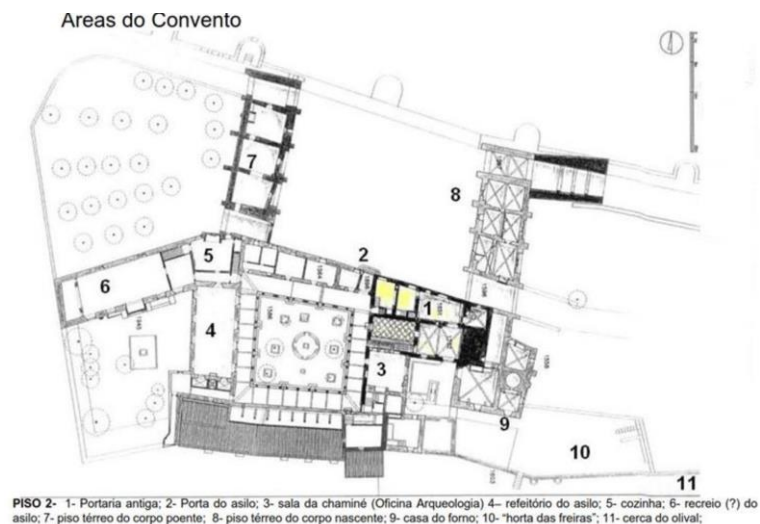


Fig. 52. *Convento Nossa Senhora da Saudação*, século XVI.

Planta do claustro (Piso -1).

Desde 2009, contempla-se um projeto ambicioso de reabilitação do Convento, que passa pela sua transformação num Centro Nacional de Artes Transdisciplinares. Promovido pelo Ministério da Cultura (Direção-Regional de Cultura do Alentejo), o projeto é da autoria do Arq. José Filipe Correia Ramalho, e “obedece ao propósito genérico de, além de proporcionar a visita turístico-cultural ao monumento, transformar o espaço construído num local de produção e exibição de atividades multidisciplinares...”¹²³.



Fig. 53. Arqº José Filipe Correia Ramalho, *Projecto de Reutilização do Convento de Nossa Senhora da Saudação em Montemor-o-Novo*, 2009. Imagem virtuais do projeto do Centro Nacional de Artes Transdisciplinares.

¹²³ Arqº J. F. Correia Ramalho, “Projecto de Reutilização do Convento da Saudação. Centro Nacional de Artes Transdisciplinares”, in <https://www.archilovers.com/projects/206121/convento-da-saudacao.html>, consultado em 2.5.2018.

Desenvolvendo as valências já instaladas no Convento e ainda que se distribuem pela vila, fruto das contingências de falta de meios e planeamento, este Projecto parece-nos simultaneamente justificado, face ao estado de degradação do Convento, e perigoso, ao tornar o Convento autossuficiente, com o risco de se quebrar o elo com a vila e a comunidade, o que nos parece ser o ponto mais forte do Espaço do Tempo. Mas Rui Horta, que teceu estas relações entre arte e comunidade, garante que não, que a Black Box, o Curvo Semedo, o taxista, os restaurantes, são a manter, o que se trata é de fazer um necessário ou mesmo urgente upgrade aos serviços prestados pelo Convento - provavelmente jamais se fará como projetado – e de alargar o campo dos públicos e das artes consideradas, “ocasionando o seu encontro com a contemporaneidade dos eventos artísticos”¹²⁴.

Entretanto persiste-nos a dúvida de como é que o Convento poderá no futuro continua a ser “um espaço de memória ativado por um corpo em movimento, também receptáculo de memória”¹²⁵, caso não aprecem obras para a sua recuperação. Chegou-nos recentemente a notícia de que o temporal *Leslie* do dia 14.10.2018 fez estragos no convento - desabamento da abóbada de uma das salas de ensaio - ao que Rui horta chamou de “um buraco na cultura”, metaforizando a tragédia do Convento da Saudação como a do “desprezo a que foi entregue a cultura em Portugal”¹²⁶.

3.2.5. Síntese

Como já referido, da Kulturhuset de Estocolmo retemos a ideia de uma Casa da Cultura para todos, ou seja, oferta de uma grande diversidade de serviços culturais, para todos os públicos, em edifício central, aberto para a cidade, edifício que (ainda) não visitámos, mas que intuímos ser de grande qualidade. Visitámos o seu sucedâneo, o Centre Pompidou, com os seus: museu, teatros, biblioteca, espaços para jovens, instituição aberta a todos (em especial a BPI), o adjacente IRCAM... trata-se de uma grande instituição cultural, à escala europeia, mas também muito vivida: por um lado muitos turistas, franceses se estrangeiros, no museu; por outro, muitos estudantes, reformados, jovens e alguns homeless na BPI. É claramente uma instituição popular. A arquitetura é imponente, mas não opressora, abre-se de múltiplas formas à cidade. É o que também se passa com a Escola de Arquitetura de Nantes e sobretudo com o Palais de Tokyo, com soluções arquitetónicas muito elementares, mas perfeitamente adequadas às funções do edifício e amigas do numeroso público, com muito jovens. Centre Pompidou/BPI e Palais de Tokyo são, na nossa avaliação, duas instituições que bem representam o que possa ser uma Casa da Cultura. Mas também, numa outra escala e noutro contexto urbano, o Lieu Unique o é e, *last but not least*, O Espaço do Tempo o é, fazendo uma excelente - ainda que periclitante - síntese entre arquitetura, programação e compra de serviços, porque é eficaz nos serviços que presta ao sector artístico e na ligação à comunidade.

¹²⁴ Arqº J. F. Correia Ramalho, “Projecto de Reutilização do Convento da Saudação. Centro Nacional de Artes Transdisciplinares”, in (<https://www.archilovers.com/projects/206121/convento-da-saudacao.html>, consultado em 2.5.2018).

¹²⁵ C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 77.

¹²⁶ Escrevia Rui Horta, na página do facebook do Espaço do Tempo, in (<https://www.facebook.com/oespacodotempo/posts/1404871126282281>, consultado em 15.10.2018).

Se o interesse e sucesso dos casos Pompidou, Kulturhuset (tanto quanto conseguimos discernir...), Escola de Arquitetura de Nantes se deve em boa medida ao factor “arquitetura”, os casos BPI e sobretudo Espaço do Tempo vem salientar de forma contundente de que a arquitetura não é tudo; há outras variáveis a considerar. A arquitetura pode, mas não pode sozinha, contribuir para o que pode e talvez deva ser uma Casa da Cultura, um lugar que: “provoque o encontro, o atrito, a mistura, dos géneros, lugar com uma dimensão poética e convivial, que estimule a curiosidade”¹²⁷.

¹²⁷ “Provoquer la rencontre, le frottement des genres, redonner au lieu sa dimension poétique et conviviale, pousser à la curiosité”, Tradução livre de Le Lieu Unique, “Presentation du lieu”.

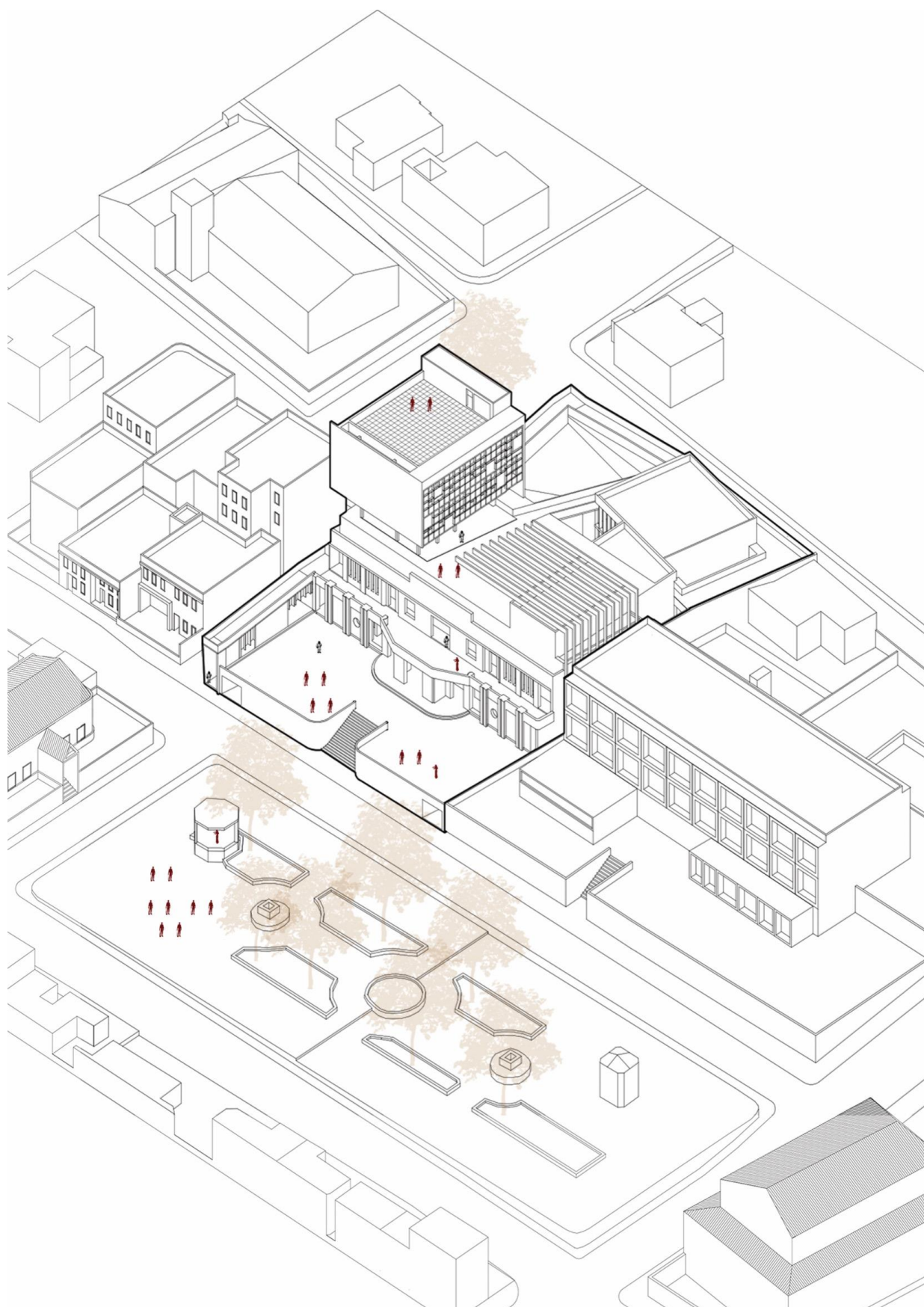


Fig. 54. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden Park*, 2018.
Axonometria geral da proposta.

Programa

Recuperar o Éden, devolvê-lo ao povo, colmatar o duplo vazio deixado pelo seu fecho e pela ruína que está na cidade, exige a formulação de um novo programa, de modo a que a velha casa cete o passo com as novas exigências da fruição cultural, da vida social e também, porque São Vicente é terra de criação, da criação artística.

No geral, pretende-se um programa que, ajustado à escala de Cabo Verde, seja um equipamento de usos mistos, onde não se esteja “preso a um determinado tipo de fazer arte”¹²⁸, que para além da componente de produção e apresentação, seja um espaço inclusivo, constituído de vários espaços “públicos” que possam proporcionar diversas formas de apropriação em suma: uma “casa dos afectos, onde se regressa como quem regressa a um lugar que é familiar, mas que com esse sentimento entra com convicção no desconhecido”. Portanto, que seja também um o lugar da música, da exposição, do estudo, da diversão, aberto a todos, aberto ao povo a que ele pertence.

¹²⁸ C. Galhós, *O Espaço do Tempo*, p. 43.

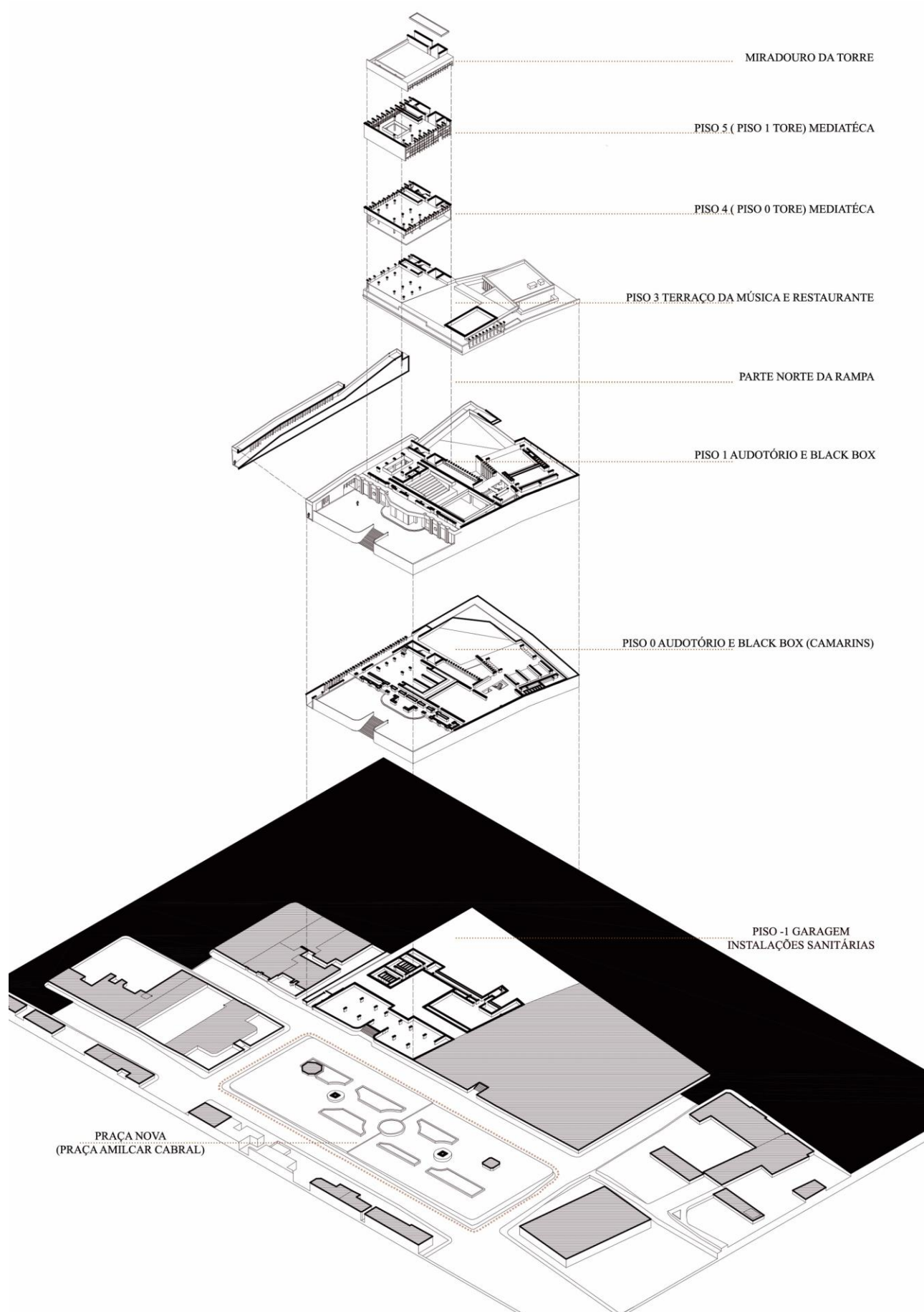


Fig. 55. L. Delgado, *Projeto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Axonometria Explodida.

Pretende-se que o programa articule duas grandes dinâmicas, geradoras de um terceiro: o povo; o artista; e como terceiro, no ponto em que os dois anteriores se tocam, numa dinâmica de “DAN DAU” (dás-me, eu dou de volta), ocorra a partilha e a inovação.

Propõe-se o seguinte programa, repartido por três unidades:

- **Unidade 1** – correspondendo à esplanada do Éden, marcada pelo seu alçado e abrindo-se para a Praça, propõe-se a sua manutenção, sem prejuízo da abertura de rampa-promenade no lado norte, estabelecendo atravessamento do quarteirão, propiciando acesso à retaguarda e cobertura da Casa da Cultura, e ainda dinamizando mais a própria esplanada;
- **Unidade 2** – correspondendo à sala do cineteatro Éden, o grande auditório, torre da mediateca, e bar-restaurante;
- **Unidade 3** – correspondendo ao novo corpo no lado posterior, essencialmente constituído pela Black Box (e espaços de apoio), representando um valioso acrescento à infraestrutura cultural, potenciando atividades de criação e apresentação como são tão desconhecidos a Cabo Verde quanto necessários ao seu desenvolvimento cultural e social.

a) Unidade 1 – Esplanada

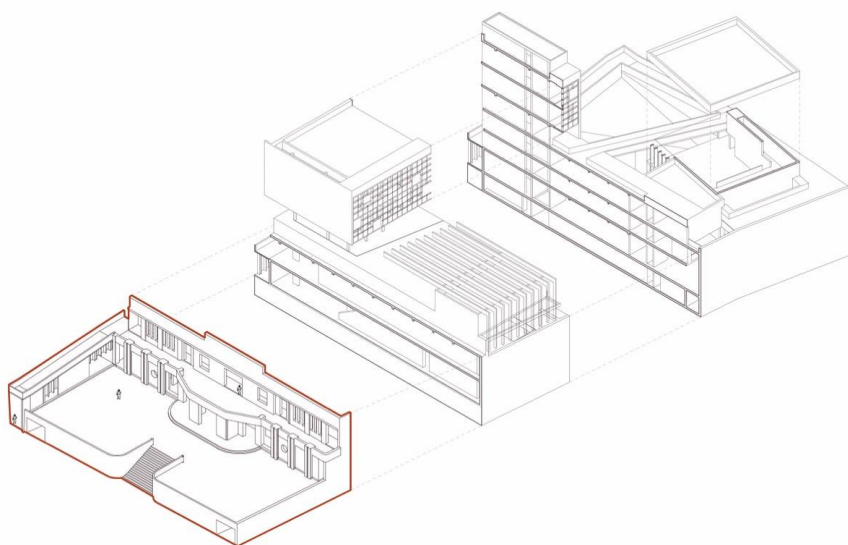


Fig. 56. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Realce da Unidade 1 no conjunto: Núcleo da memória.

Como referido, propõe-se a manutenção da Esplanada, com acesso e sobranceira à Praça, caracterizada pelo alçado do Éden e a oferta que o novo equipamento proporcionará, assim se reativando um antigo espaço de socialização e memória.

Mais detalhadamente, propõe-se:

- Piso -1: Estacionamento em garagem, proporcionando ainda acesso de artistas e funcionários;

- Piso 0: Esplanada e, no interior, corredor expositivo;
- Piso 1: Corredor-rampa e varandim.

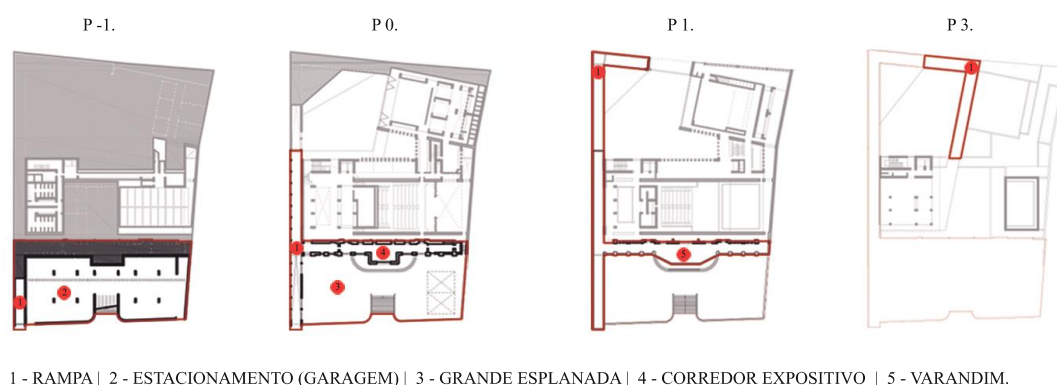


Fig. 57. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Unidade 1, plantas com o programa de cada piso: Piso -1, Piso 0, Piso1, Piso 3.

Quanto ao corredor expositivo, correspondendo ao antigo átrio do Éden, pode acolher pequenas exposições temporárias ou uma exposição permanente evocativa da história do Éden, como fotografias, cartazes de filmes e similares. No piso 1, como parte da fachada, o varandim também é conservado, passando a estar associado a um pequeno bar.

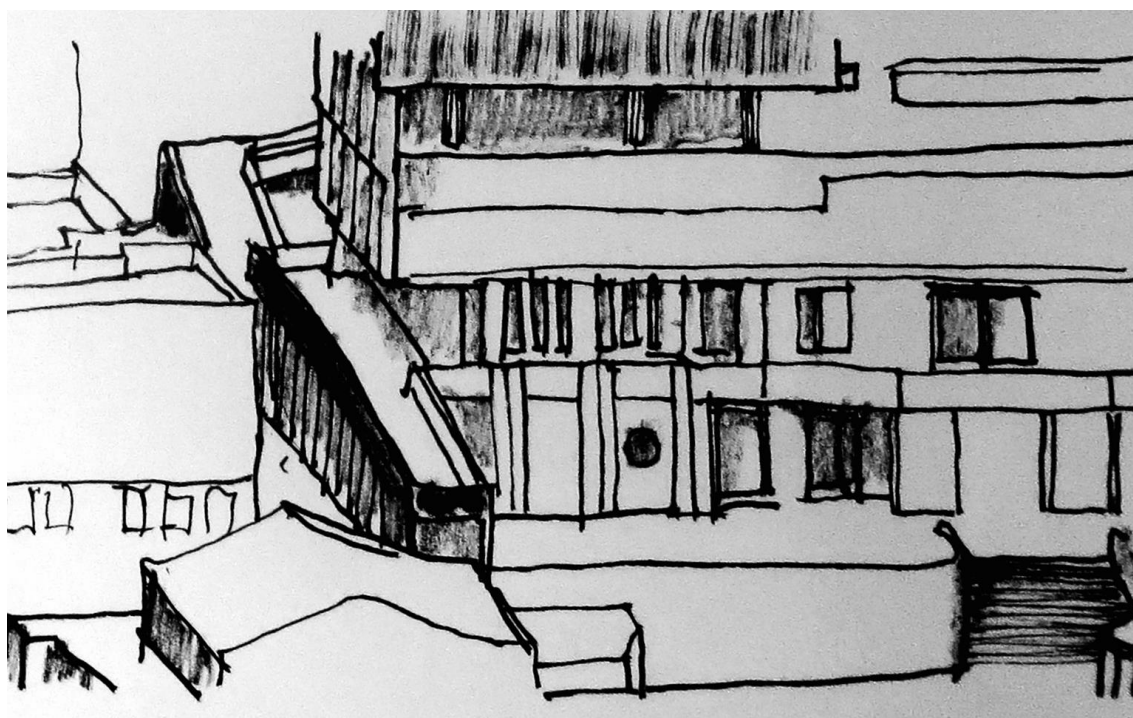


Fig. 58. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Unidade 1. Vista do conjunto.

b) Unidade 2 – Grande Auditório e Mediateca

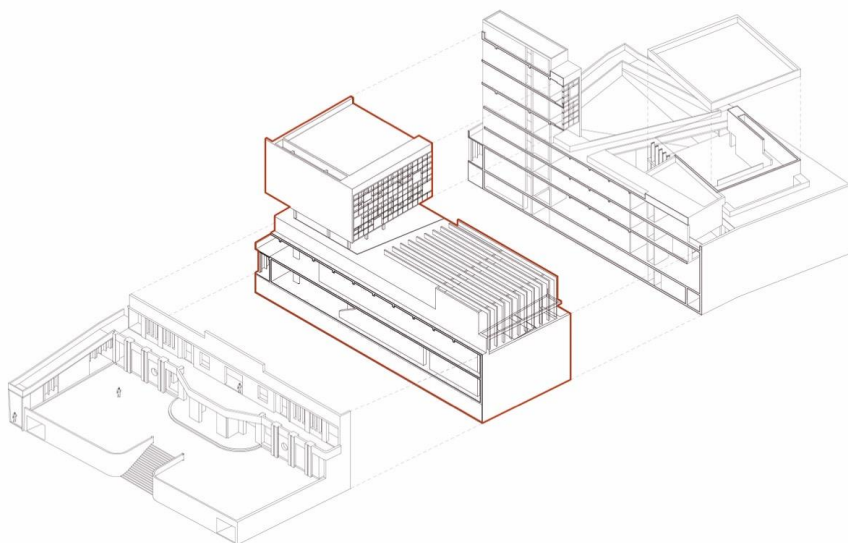


Fig. 59. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Realce da Unidade 2 no conjunto: Auditório.

No perímetro da antiga sala do Éden, surge o grande auditório e espaços públicos de sociabilidade associados, constituído por:

- Piso -1: Instalações sanitárias, sala dos funcionários, Armazém e arrumos;
- Piso 0: Foyer (bilheteira, livraria, vestíbulos), plateia;
- Piso 1: Varanda, instalações sanitárias de apoio e régie da sala;
- Piso 2: Acesso público a Black Box, Sala multiusos;
- Piso 3: Terraço (restaurante, palco da música (sombreado));
- Piso 4 e 5: Torre mediateca;
- Piso 6: Miradouro.

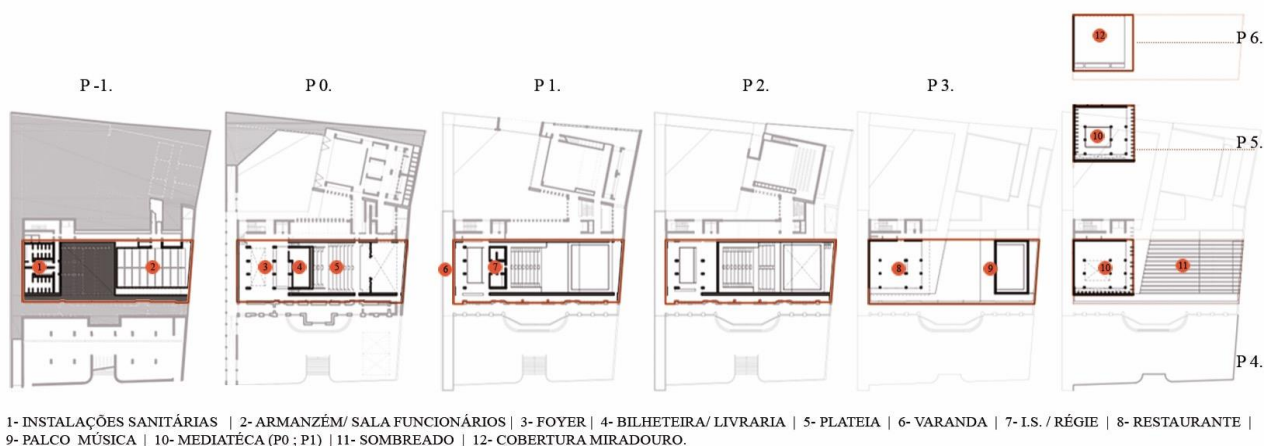


Fig. 60. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Unidade 2, plantas com programa de pisos: Piso -1, Piso 0, Piso1, Piso 2, Piso 3, Piso 4e 5, Piso do miradouro.

A entrada principal do Éden passa a ser feita através da fachada Norte, subindo pela rampa, entrando-se à direita.

O Éden encontra-se hoje sem cobertura e completamente arruinado. Após meses de trabalho em que se trabalhou sobre a sala preexistente, com palco a Norte e público a Sul, optámos por inverter a orientação da sala, aproveitando o estado de ruína em que se encontra e assim se abrindo a possibilidade de estabelecer atravessamento do quarteirão, acesso à retaguarda do edifício (onde se situa a nova Black Box) e, por fim, à cobertura.

Assim, no piso 0, o novo foyer situa-se onde antes se situava o palco, tirando partido da verticalidade do espaço (da teia antiga) e gozando de um desafogo que o anterior foyer não permitia. O foyer contém a bilheteira, vestíbulos/bengaleiros de chegada e pequeno balcão para livraria. O acolhimento do público faz-se neste interior mas também nos exteriores adjacentes, como é habitual nas condições climáticas de que Cabo Verde goza. A partir do foyer, faz-se a distribuição vertical e horizontal pelo edifício. Naturalmente, a partir do mesmo também se faz o acesso ao auditório (que comportará aproximadamente 230 pessoas), através de entradas laterais simétricas e escadas permitindo vencer diferença de cotas de aproximadamente 2 m. Verificam-se ainda passagens laterais, úteis em caso de grande afluência, e permitindo a entrada de nível do público com mobilidade condicionada.

As instalações sanitárias surgem na cave (piso -1) com acesso a partir do foyer. Neste mesmo piso, com acesso diametralmente oposto, surgem as áreas técnicas do palco, os armazéns e depósitos de materiais (decoração, guarda-roupa, adereços, etc.) e as áreas destinadas aos funcionários (instalações sanitárias, etc.).

No piso 1, para além de mais dois acessos ao auditório, localiza-se pequenos núcleos de instalações sanitárias e a régie da sala (som e luz). Encontra-se aqui também o bar que serve o varandim (unidade 1) e a cobertura da rampa (fig. 62).

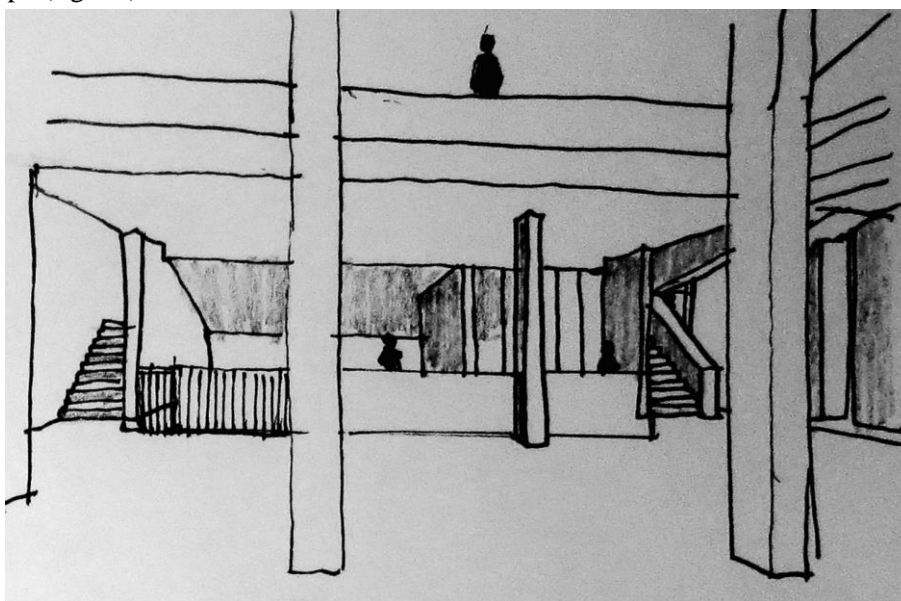


Fig. 61. L. Delgado, Projeto de Reestruturação do Éden-Park, 2018.

Unidade 2, desenho do foyer de entrada, recepção, balcão livraria.

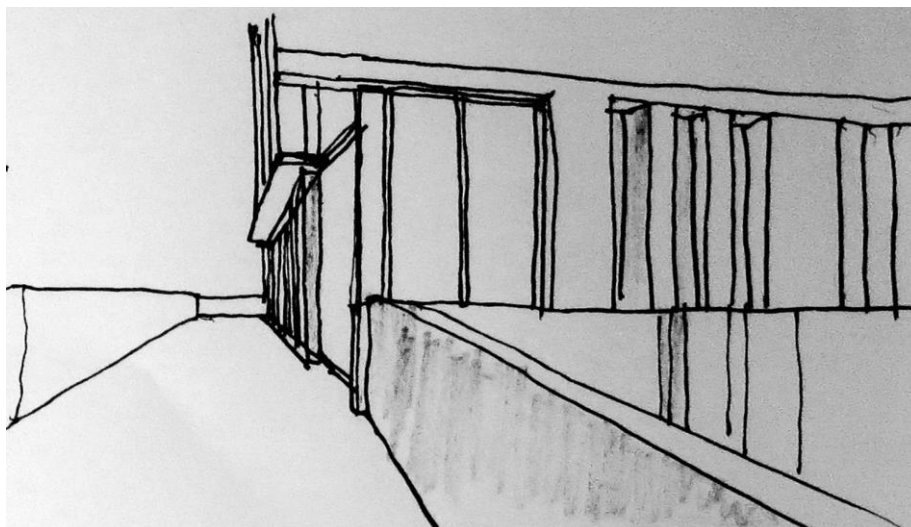


Fig. 62. L. Delgado, Projeto de Reestruturação do Éden-Park, 2018.

Unidade 2, zona da esplanada cobertura da rampa.

Sobre o grande auditório, no piso 2, situam-se terraço e, adjacente a este, bar-restaurante, na base da torre da mediateca. Nos pisos 3 e 4 desenvolve-se, pois, a mediateca (livros, música, dvds, acesso internet, etc.). E no piso 5, a cobertura desta torre, acessível ao público, de onde será possível desfrutar amplo panorama sobre a cidade e envolvente, incluindo o Monte de Cara e o Ilhéu dos Pássaros (*Djeu*).

c) Unidade 3 – Black Box

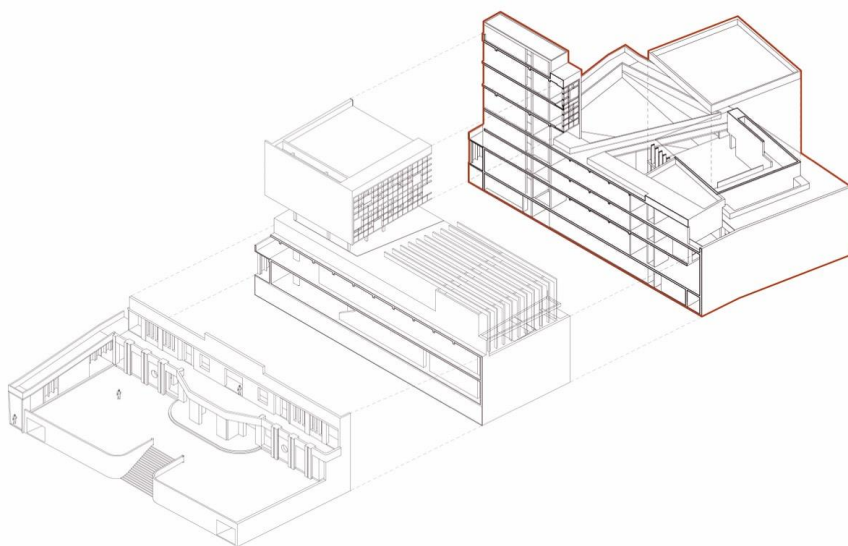


Fig. 63. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Realce da unidade 3 no conjunto: Black – Box.

A construção da Black Box é essencial para que o equipamento possa desempenhar um papel relevante na criação performativa contemporânea (teatro, dança, mas também música), aspeto essencial ao desenvolvimento das artes no Mindelo (onde há outras salas, mas não uma Black Box) e no Mindelo, abrindo

um conjunto amplo de possibilidades para artistas e também para os públicos. É, pois, um investimento estratégico.

Uma Black Box, seguindo o modelo do Espaço do Tempo, é um espaço com configuração e infraestruturação muito simples. Um espaço vazio de geometria simples (com 190 m², 7,5 m de pé direito, capacidade variável até 120 pessoas sentadas), que convém que seja bem isolado de fontes de ruído e que, estando integrado num conjunto como o Éden Park, também convém que tenha acesso conveniente por parte de artistas e público. O público instalar-se-á sobre praticáveis (que podem ser dispostos em qualquer posição) e no tecto dispor-se-ão varas (móveis) para colocação de equipamento.

Implanta-se a Black Box no lado posterior do Éden, constituída por:

- Piso -1: Acessos a área dos funcionários, poço de cargas;
- Piso 0: Praceta, acessos de pessoas ao edifício, camarins e balneários, sala de usos polivalentes;
- Piso 1: Gabinetes dos serviços administrativos, a Black Box, oficinas e poço de cargas;
- Piso 2: Varandim com possibilidade de instalação da mesa de som-luz.

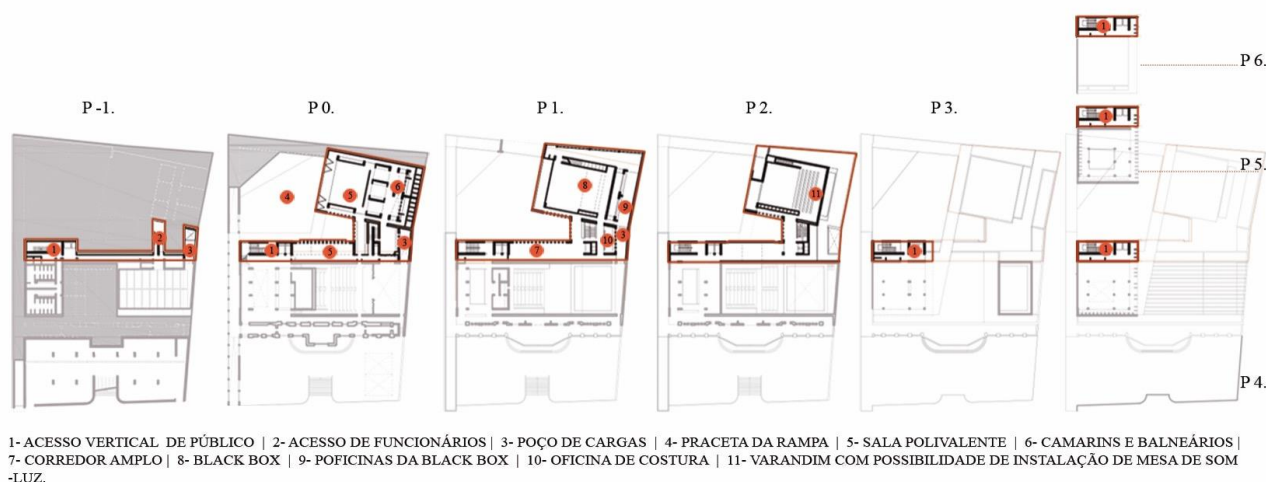
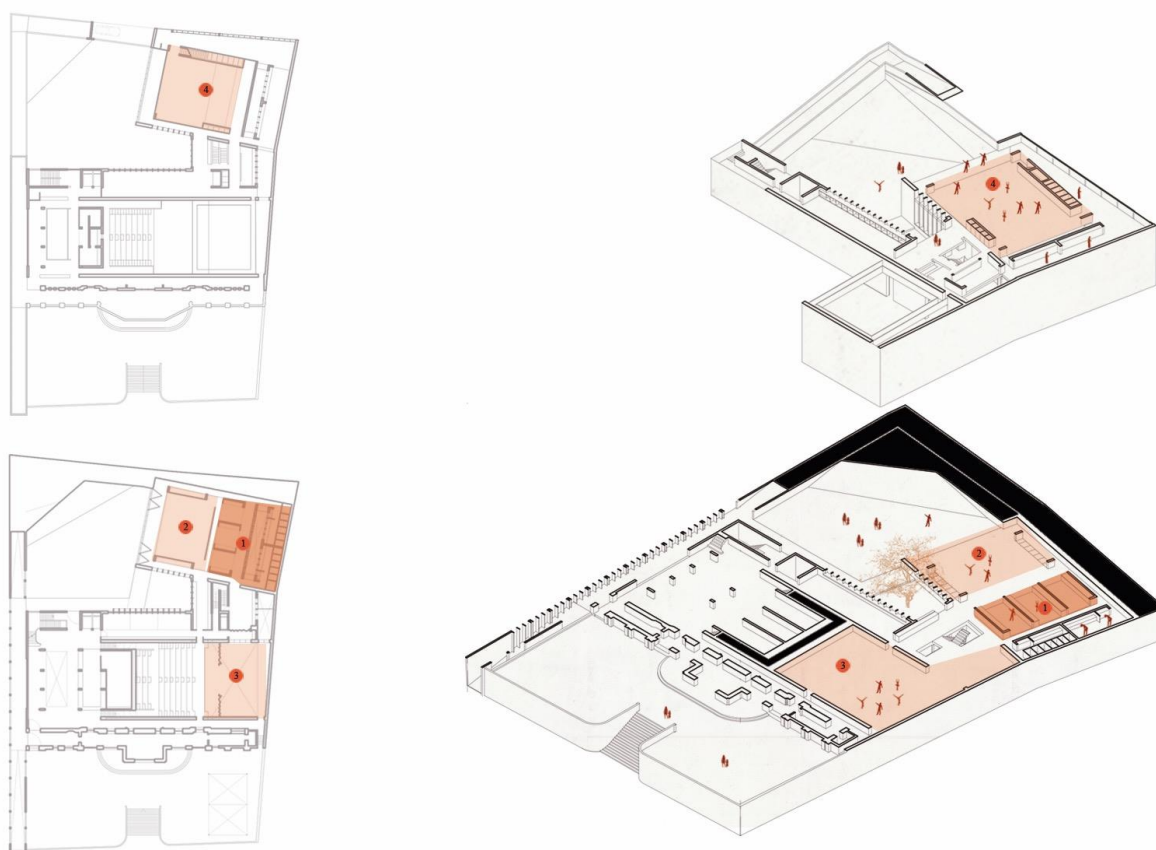


Fig. 64. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Unidade 3, plantas com programa de pisos: Piso -1, Piso 0, Piso 1, Piso 2, Piso 3, Piso 4e 5, Piso do miradouro.

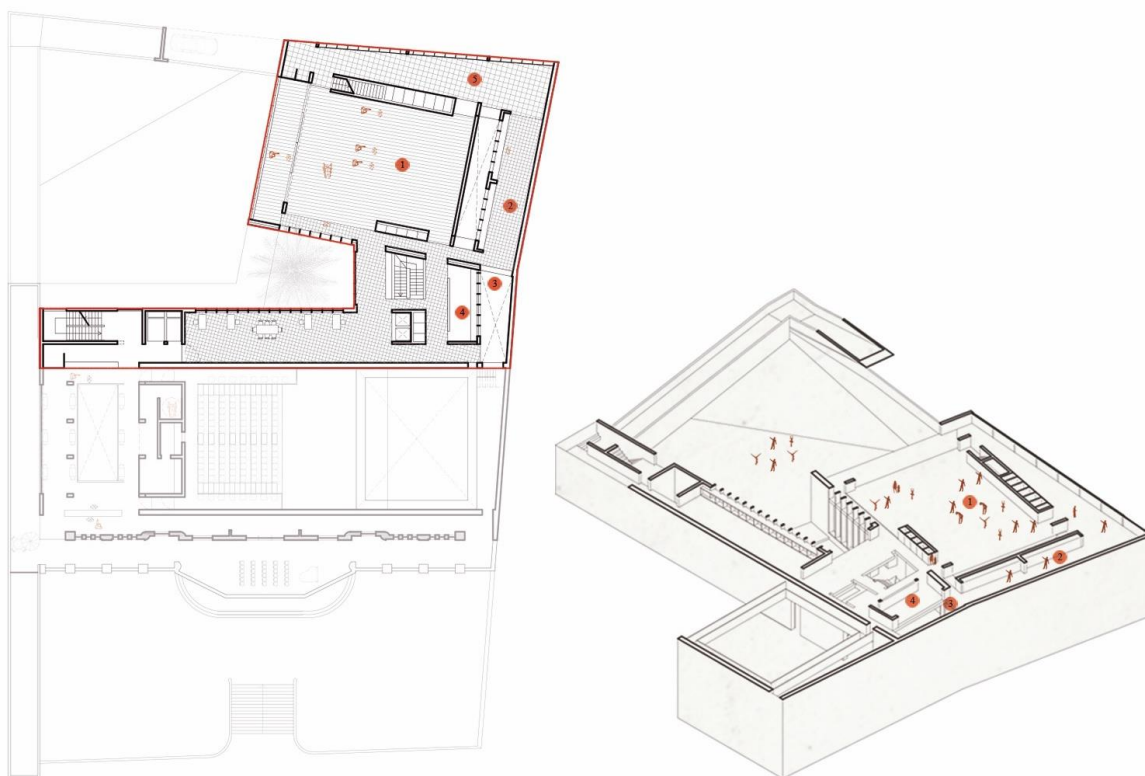
Os acessos nesta unidade constituirão o principal acesso de funcionários, artistas e ainda de materiais. Aqui se encontram camarins e balneários, servindo o grande auditório, Black Box e sala polivalente, e pequenos ateliers de trabalho (p.ex. costura). A unidade 3 é fulcral no funcionamento do edifício no seu conjunto. Quanto ao público, pode alcançar a Black Box quer através de entrada direta a partir da Rua Argélia, quer desde o foyer.



ESPAÇO SERVIDOR: 1- CAMARINS E BALNEÁRIOS; ESPAÇOS SERVIDOS: 2- SALA POLIVALENTE | 3- PALCO DO AUDITÓRIO | 4- SALA BLACK-BOX.

Fig. 65. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.
Espaço servido e espaço servidor. Camarins e Salas, axonometria: Esquema de uso.

Na retaguarda da Black Box situa-se entrada de materiais, na Rua Argélia, dando para poço de cargas, equipado com guincho correndo sobre calha, para descer os materiais até à cota do palco. A possibilidade de facilmente poder montar e desmontar uma produção é uma mais valia essencial para qualquer sala, já que é nisto que se joga a possibilidade de rodar produções.



1- SALA BLACK-BOX | 2- OFICINA CARPINTARIA | 3-POÇO DE CARGAS E DESCARGAS| 4- OFICINA DE COSTURA | 5- ZONA DE CARGAS E DESCARGAS

Fig. 66. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Piso 1, planta: poço de carga, oficina de costura, oficina carpintaria, zona carga descargas e Black Box.

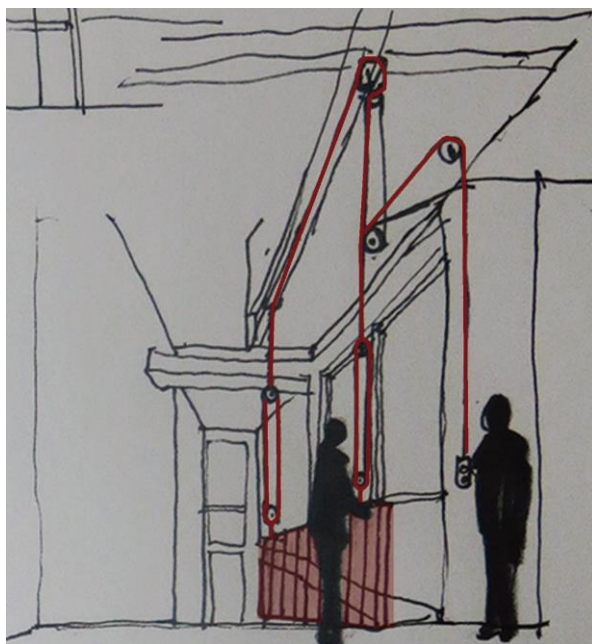


Fig. 67. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Piso 1, desenho de transição de cargas para piso 0.

Cineteatro e Black Box definem o vazio da praça, pensada para acolher pequenos eventos, beneficiando do clima ameno de Cabo Verde e proporcionando a indispensável sombra nos dias de sol. Através de uma dupla portada, a Black Box pode abrir-se para esta praça, possibilitando-se, entre outros, a instalação de uma mesa de DJ.

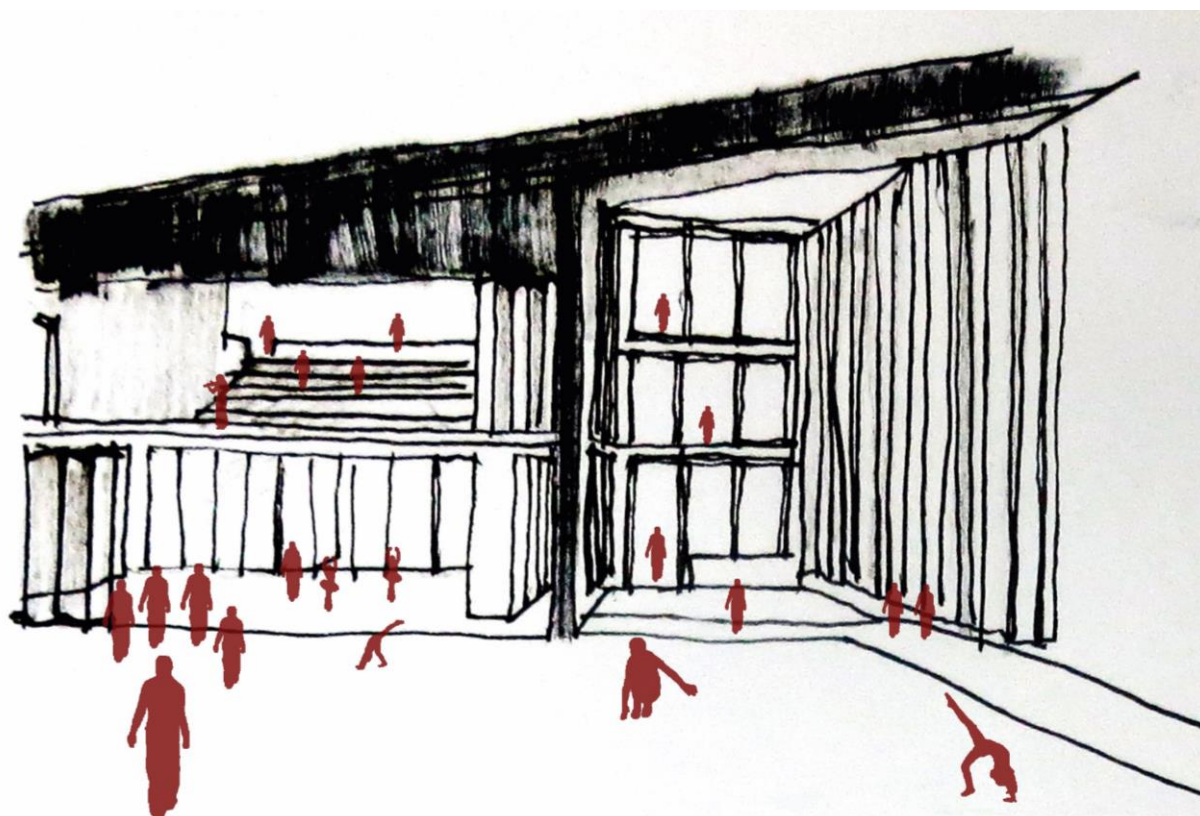


Fig. 68. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Piso 1, Desenho da Praça definida pela rampa e pela Black-Box, possibilidade de abertura das portadas em fole d sala polivalente e Black-Box.

d) Rampa

Como referido, o percurso urbano de atravessamento do quarteirão – um novo acesso à Praça – ao longo do qual surge o foyer, praça na retaguarda do Éden, a rampa proporciona acesso ao terraço, bar-restaurante e mediateca. Desempenha, pois, relevante papel urbano e sobretudo na distribuição do edifício. Tem 113 m de extensão entre a Praça e terraço, vence uma cota de 13 m (inclinação média de 10 %, mas executada em patamares) e tem 3 m de largura, dimensão modesta, mas a possível considerando os condicionalismos no local.

No traçado desta rampa meditaram-se os exemplos das escadas rolantes do Centro Pompidou, entre o edifício e o exterior (sem paralelo em qualquer outro caso, dado o panorama urbano para que se abrem), as escadas rolantes da Kulturhuset e as rampas da Escola de Arquitetura de Nantes. O relevo urbano da mesma, na distribuição das diferentes componentes programáticas e a amenidade do clima cabo-verdiano, estamos em crer que farão o sucesso deste dispositivo.

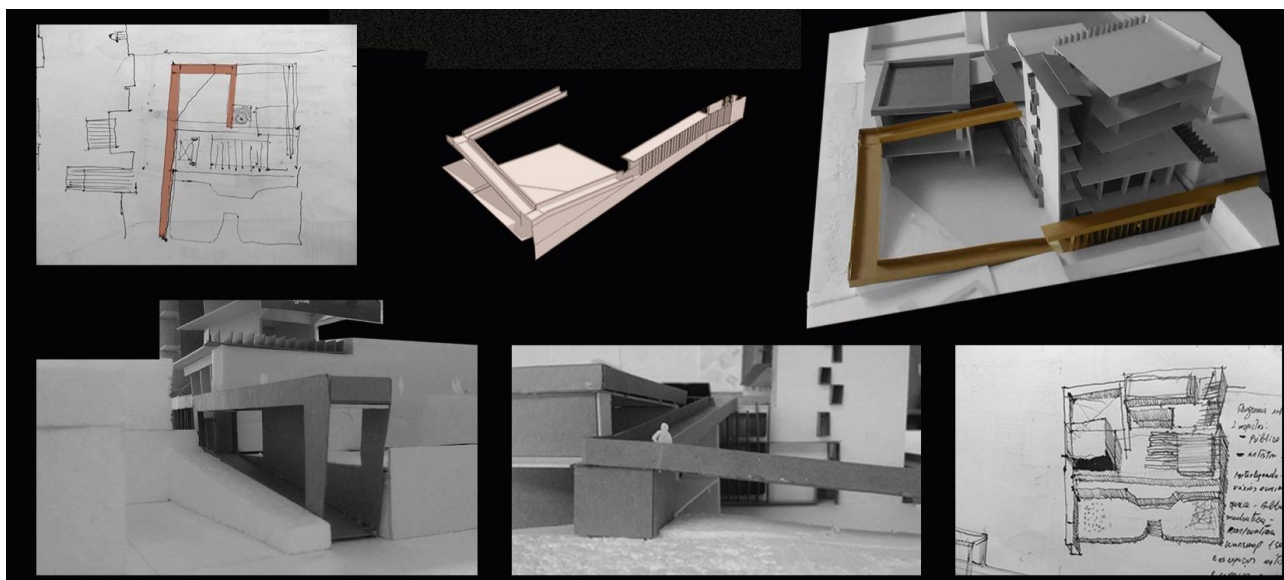


Fig. 69. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. A rampa e o seu gesto: da cota da Praça Nova (Rua Argélia),> Rua Senador Vera Cruz (Black Box),> Terraço do Éden.

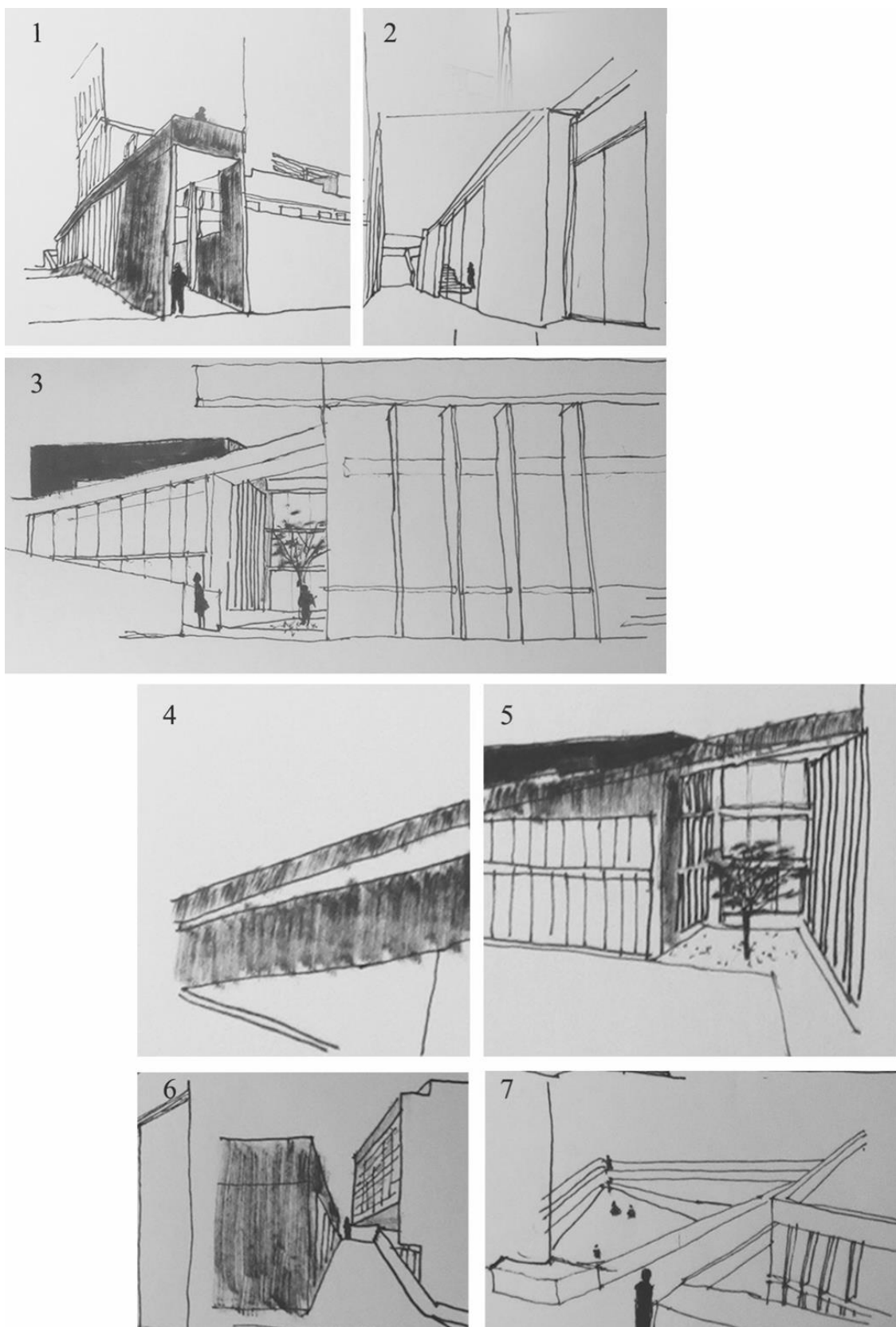


Fig. 70. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Rampa: percurso desde a rua Argélia (1) ao terraço da música (7).

3.4. Morfologia

O edifício respeita o alinhamento atual para a Praça, cresce em altura, ligeira e deliberadamente, através da torre da mediateca, dando maior destaque a este relevante equipamento para a cidade. Desfrutam-se das coberturas como espaços públicos, com generosa vista sobre a Praça e, da cobertura-miradouro, sobre a cidade e baía. O volume da Black Box integra-se perfeitamente na volumetria envolvente, e contribui para definir o vazio da praça.

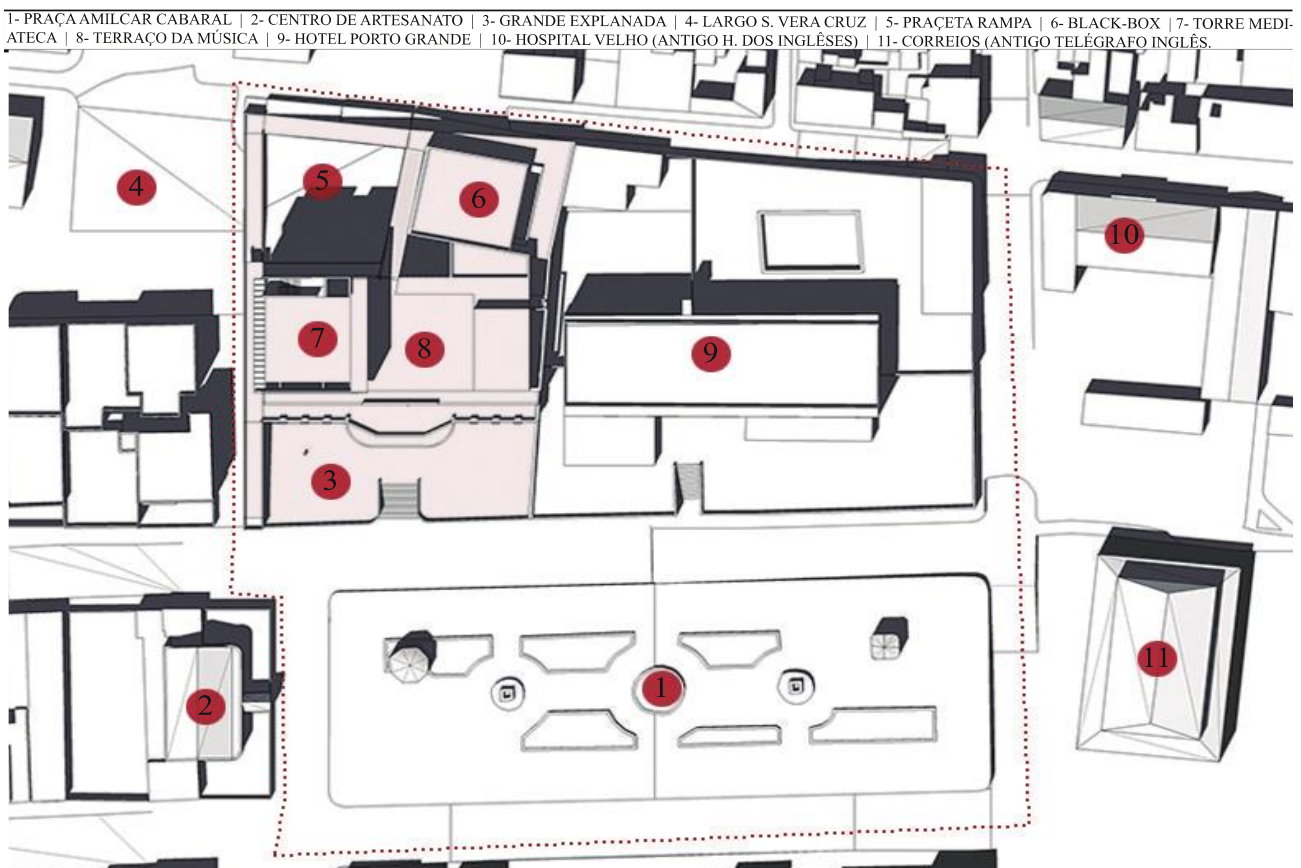


Fig. 71. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Édén-Park*, 2018. Morfologia: Análise da integração do novo Édén com a sua envolvente. Imediações da Praça Nova.

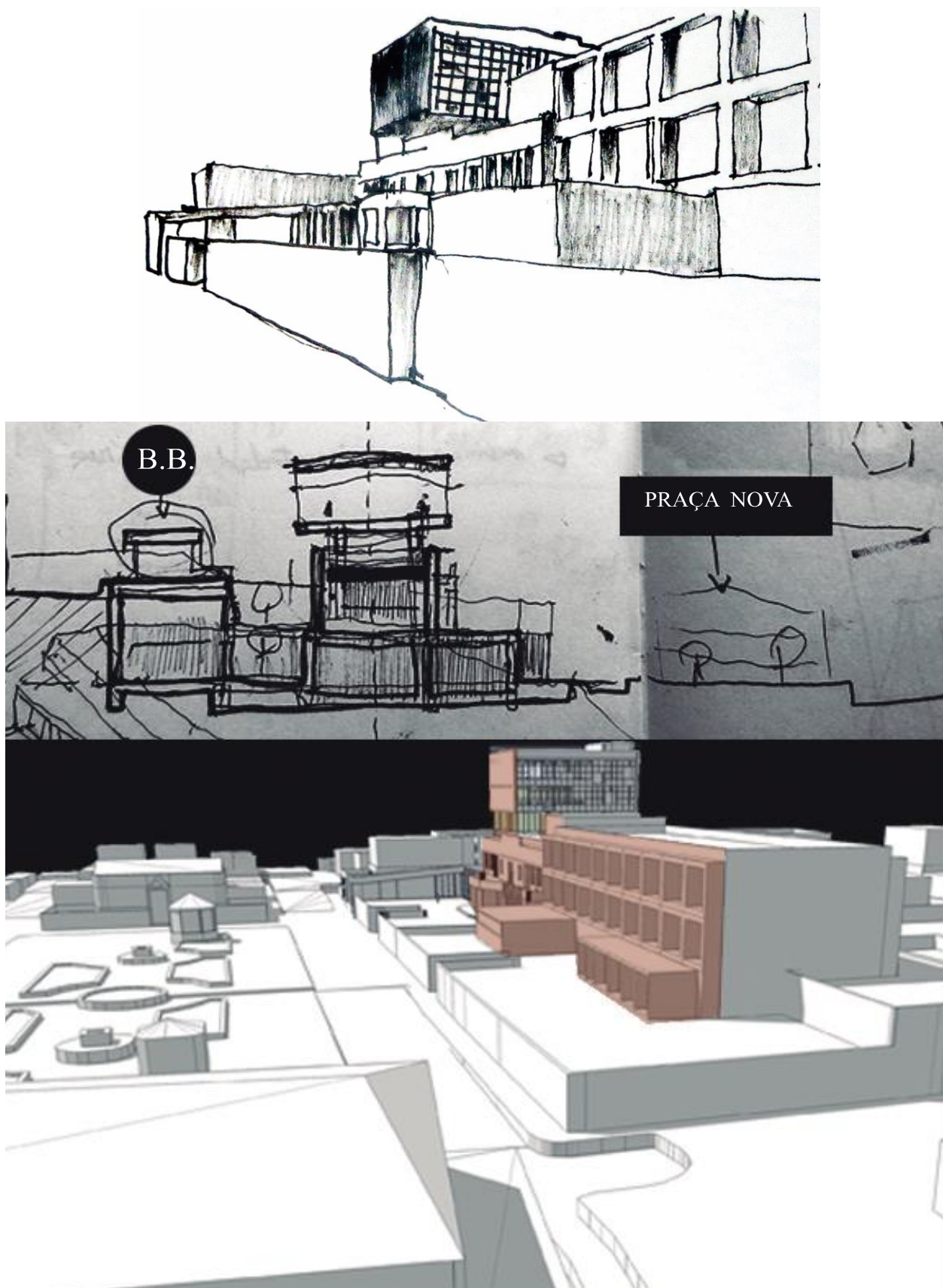


Fig. 72. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Morfologia: Análise da integração do novo Éden com a sua envolvente.

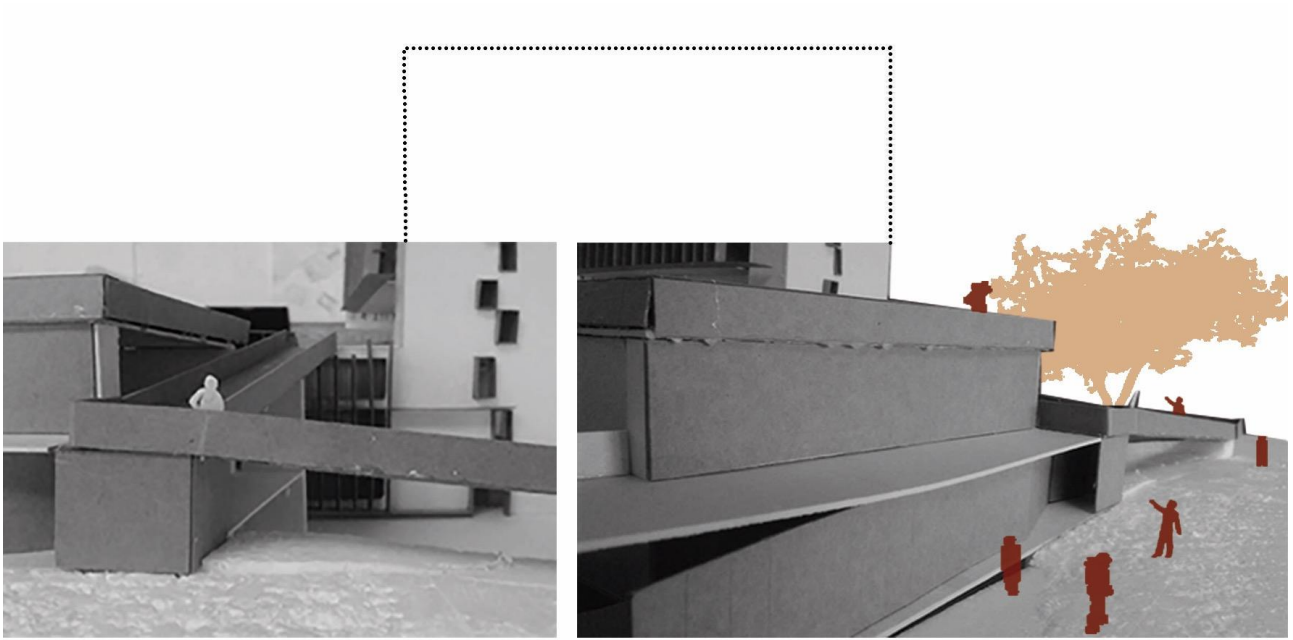


Fig. 73. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Rampa, Rua Senado Vera Cruz entrada da Black- Box.

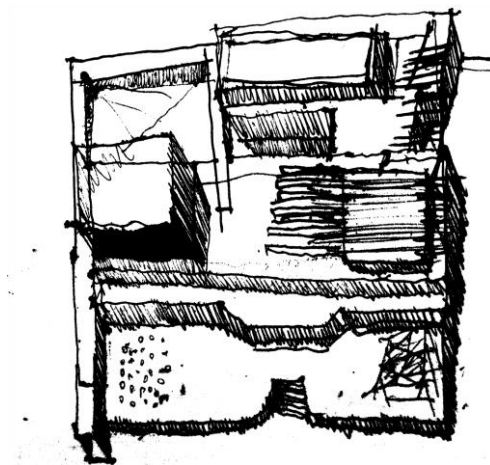
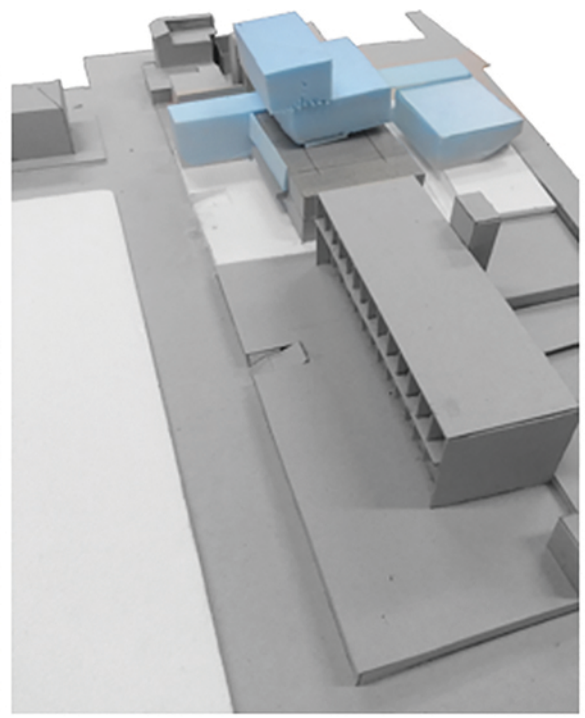
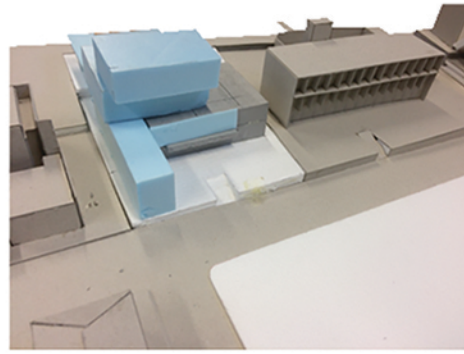
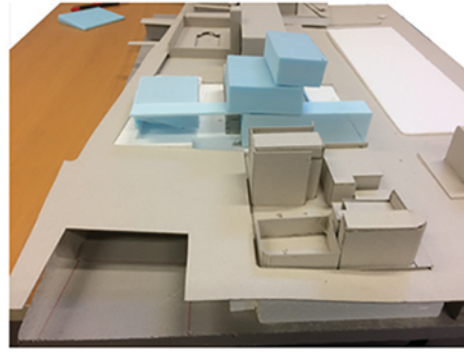
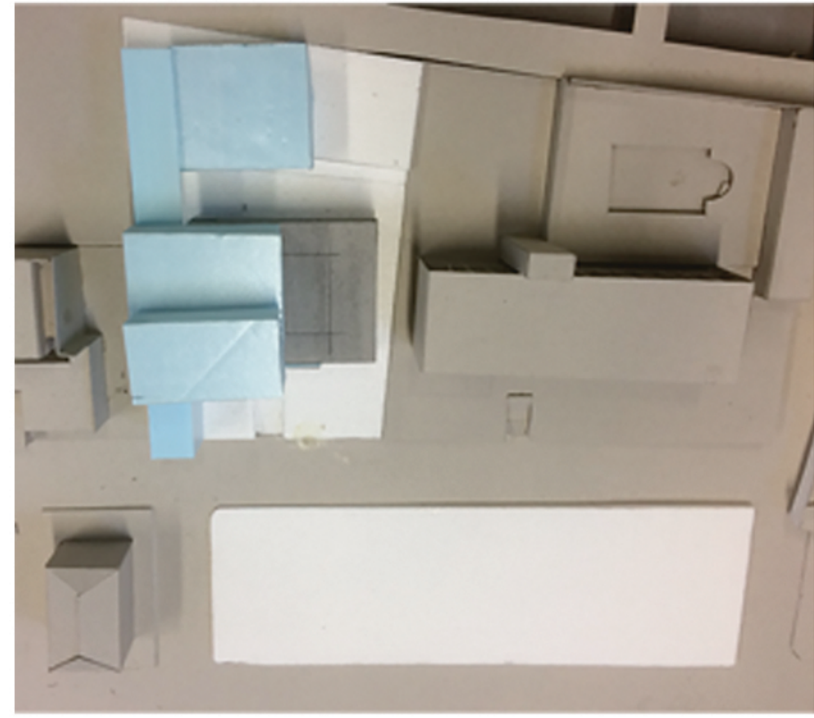
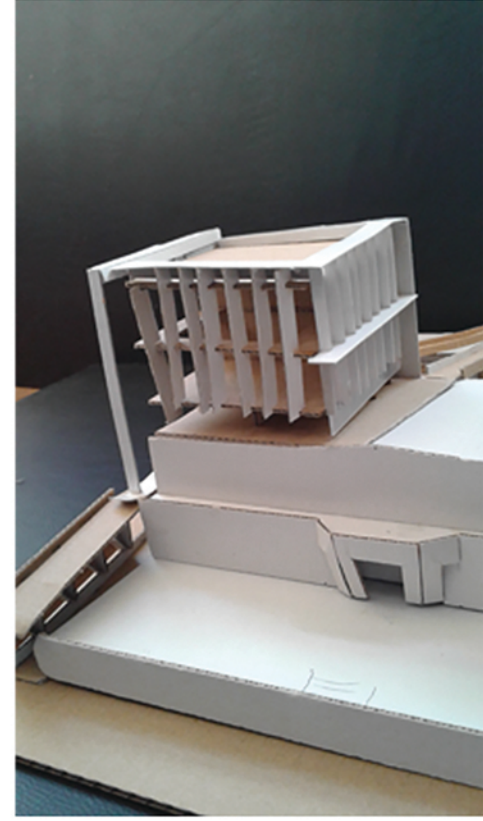
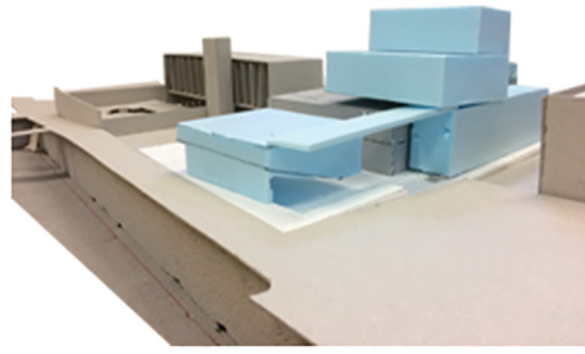
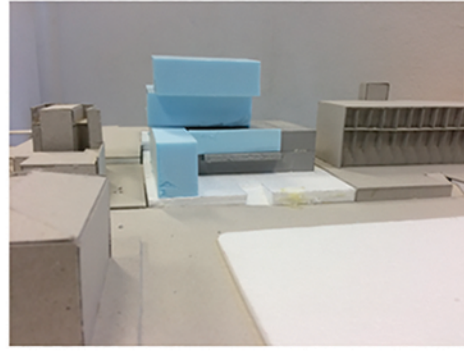
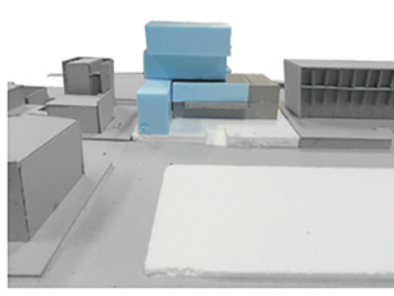
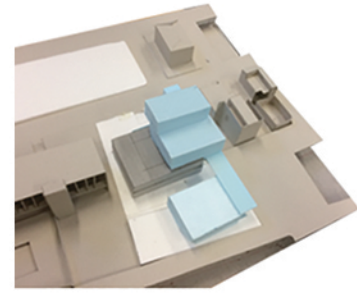
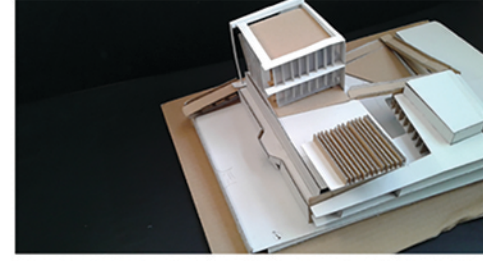
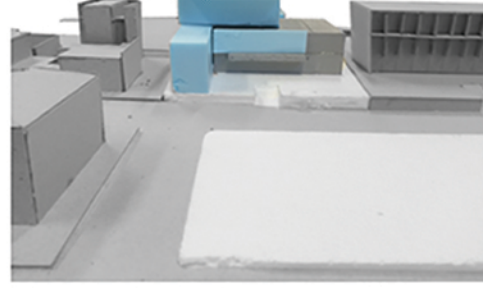
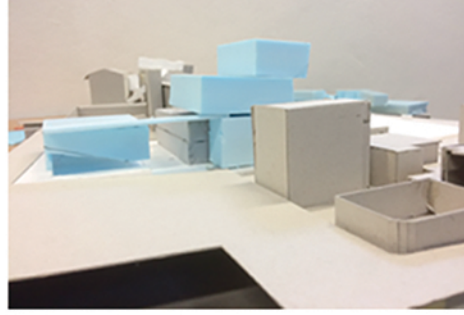
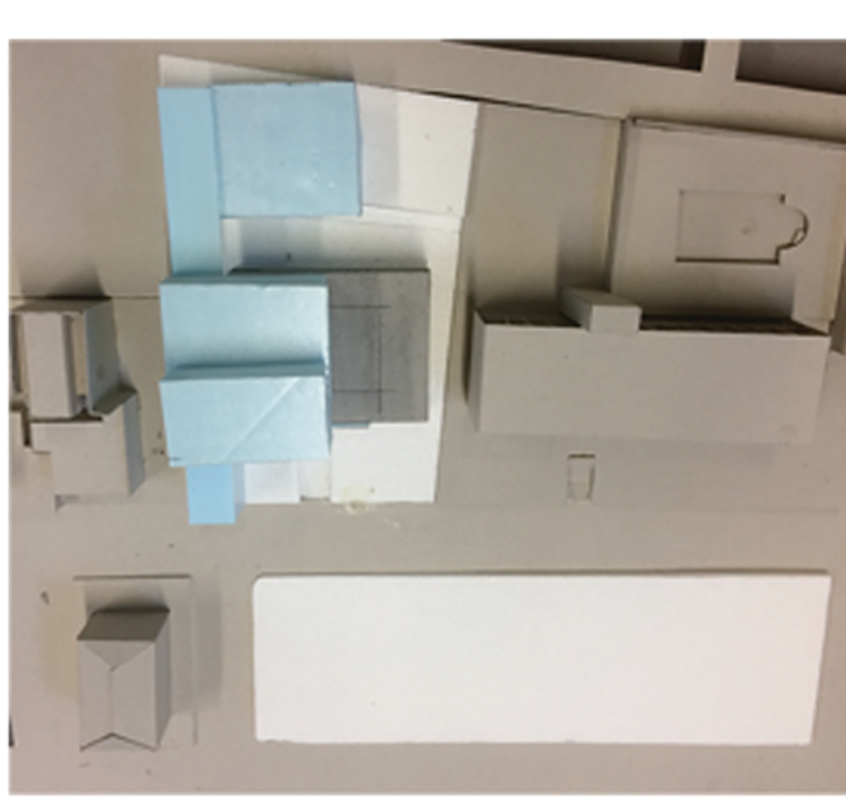
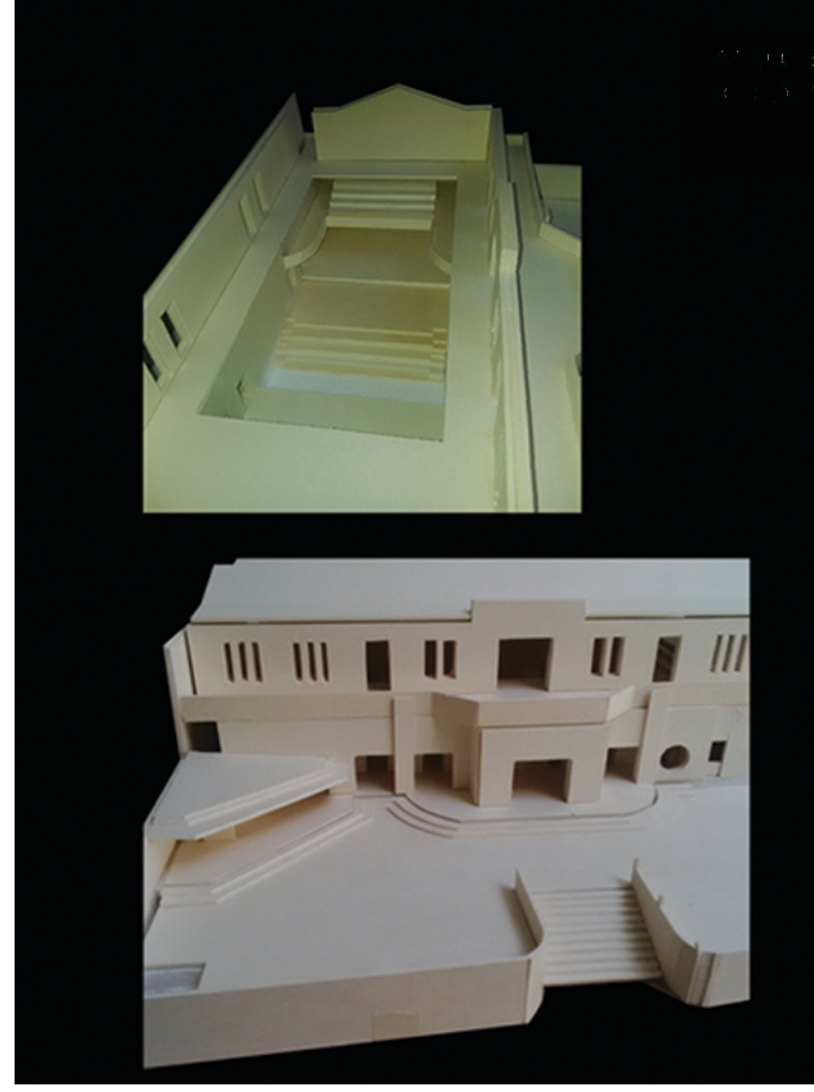
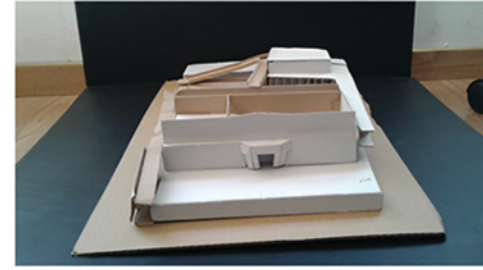
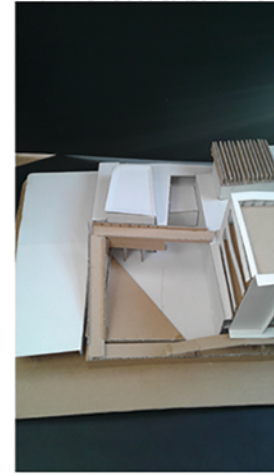
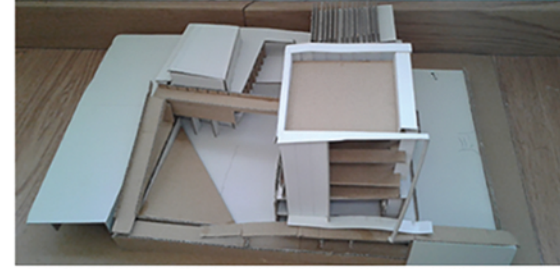


Fig. 74. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

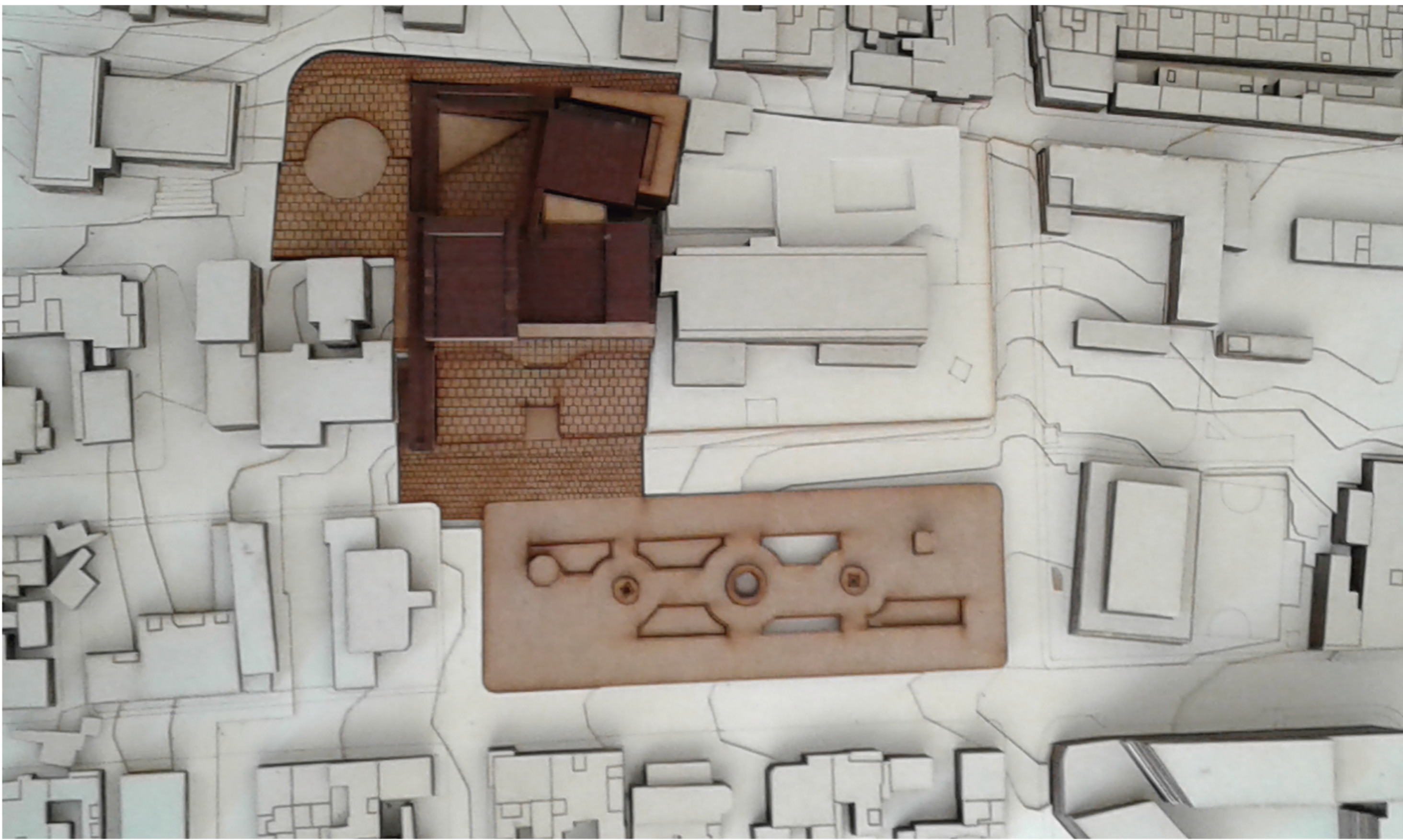
Terraço: dois volumes salientes e o espaço sombreado (torre e caixa de palco).



Maquetes. Estudo da morfologia



Maquetes. Estudo do programa



Maquetes. Implantação da Proposta.

3.5. Tipologia

No essencial a tipologia já está exposta na apresentação do programa. No entanto, em síntese, diremos que a rampa é o principal elemento organizados do conjunto, na perspectiva do acesso e fruição pública:

- Proporciona o atravessamento entra Praça e Rua da Argélia;
- Ao longo da mesma vão-se dispondo, sucessivamente, esplanada, foyer e grande auditório, praça, Black Box (com acesso a partir da Rua da Argélia), terraço, bar-restaurante e mediateca.

Ou seja, a totalidade do programa gravita em torno desta rampa.

Já as circulações de artistas, funcionários e materiais ocorrem a partir da praça e Rua da Argélia, proporcionando acesso à zona sob e entre Black Box e grande auditório, e a partir de aqui proporcionando conveniente acesso às diversas componentes programáticas.

No grande auditório a relação público-cena é fixa ou predeterminada; na Black Box a relação pode ser reconfigurada, uma vez que a bancada será constituída por praticáveis e cadeiras (como no Espaço do Tempo). Uma solução deste tipo é perfeitamente funcional, mais funcional que uma solução de bancada retráctil e melhor se enquadrando num orçamento cabo-verdiano.

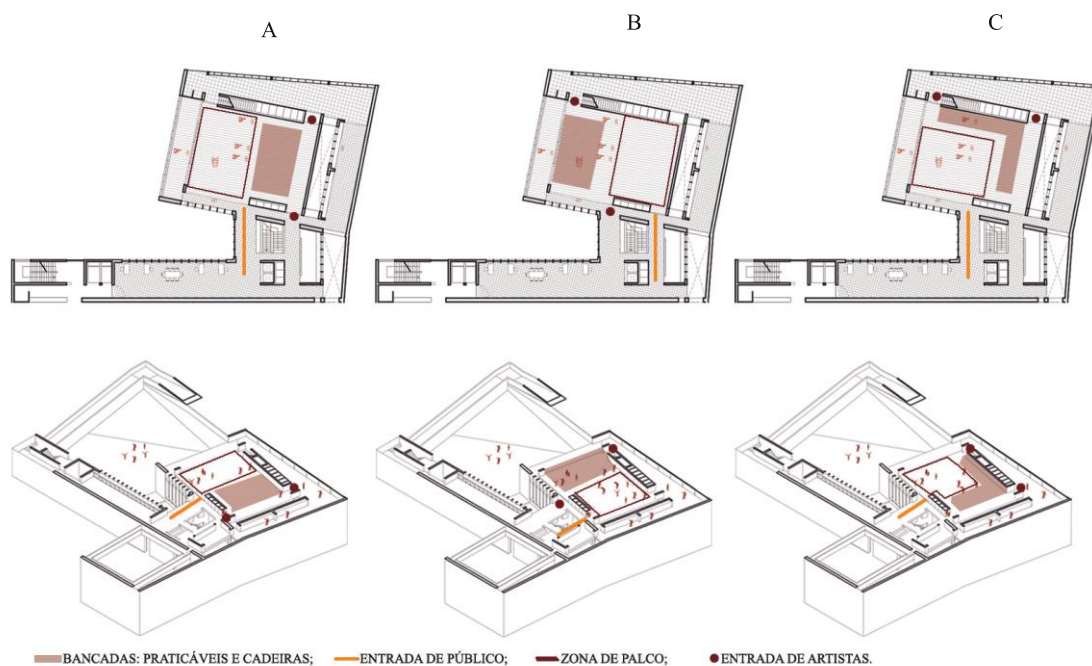
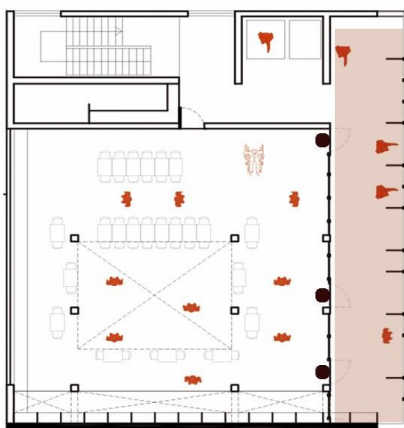
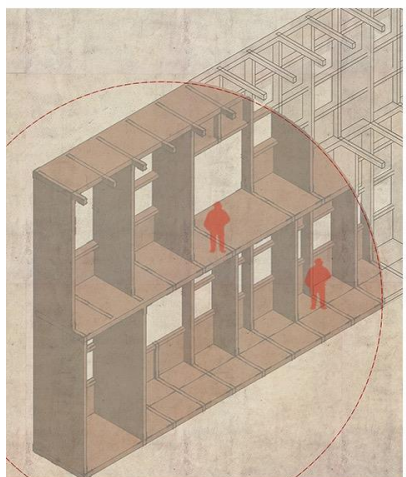


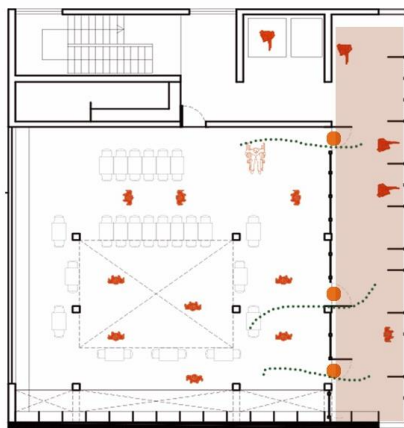
Fig. 75. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018. Black Box: Diagrama da configuração da bancada (Praticáveis ou cadeiras). Acessos dos artistas e acessos do público.

A transição entre interior e exterior é normalmente assegurada através de duplas fachadas, entre as quais em regra se desenvolvem circulações, e dois tipos de vãos são empregues. Geralmente os vãos em contacto com o exterior não são envidraçados, facultando espaços interiores de circulação ventilados e sempre iluminados. Já os vãos interiores terão que fechar o espaço, quando necessário, ou permitir total permeabilidade.

No caso da torre da mediateca o espaço de circulação periférico tem dimensão dilatada, contendo a circulação e zona de permanência em contacto com o exterior, onde o utente poderá recatadamente ler um livro, conversar com outra pessoa, falar ao telefone, namorar.



● ACESSO ENCERRADO A DUPLA FACHADA A PARTIR DA SALA;



● ACESSO À DUPLA FACHADA A PARTIR DA SALA (VENTILAÇÃO DA SALA MEDIATECA).

Fig. 76. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden-Park*, 2018.

Piso 4, Torre, planta: Uso da dupla fachada da torre; com o espaço aberto ventilado ou encerrado.

3.6. Construção

Em 2016, recebi o contacto de um casal de amigos para “esquiçar” um projeto de habitação no Mindelo. Esse casal, na mesma faixa etária que eu, já vivendo na Europa há quase uma década, abordaram-me com um programa a partida já muito definido, sendo que o principal desafio foi o de lidar com o confronto entre as referências deles, com a minha procura de uma identidade na arquitetura (tanto na linguagem tipológica como na materialidade utilizada) que se faz no Mindelo. Após várias discussões, pudemos “alcançar um consenso” entre os dois fatores. O resultado final agradou a pelo menos uma das partes. Ao fim do processo de licenciamento, o projeto já se encontrava irreconhecível – mais parecido as referências iniciais.

L. Delgado¹²⁹

Em entrevista ao Expresso, o reconhecido arquiteto costa-marfinense, Issa Diabaté, de formação europeia, reconhece a dificuldade em falar de uma linguagem arquitetónica africana.¹³⁰ Aponta fatores como as especificidades culturais e climáticas do grande continente como a base da arquitetura tradicional e ainda chama a nossa atenção ao facto de que o modernismo africano (arquitetura pós-independência) caracteriza-se como uma tendência baseada na adaptação da arquitetura moderna dos anos 60 aos climas africanos.

O cenário atual da arquitetura em Africa confronta-se com a pressão demográfica, de um misto entre um desenvolvimento espontâneo, e também do desenvolvimento urbano feito sem “um verdadeiro plano de urbanização”¹³¹.

Em Cabo Verde, a insuficiência de recursos naturais para construção e a insularidade territorial vulcânica, sempre influenciaram e continuam a influenciar a arquitetura local. A aplicação de técnicas a base de barro (dominado pelos primeiros colonos) não se verificou nas ilhas, devido à grande escassez de argilas. Se a pedra vulcânica é abundante, é de difícil trabalho, o que limita a sua utilização generalizada. A utilização da pedra basáltica como principal elemento na construção das paredes só se consolidou nos finais do séc. XIX. Eram assentadas com argamassa de cal (abundante nas ilhas) e areias nos edifícios públicos e nas casas de “homens de posse”, ou em junta seca para a maioria das casas populares. Estas últimas também recorriam a palha para a execução de coberturas em colmos. A importação de pedras para cantarias, madeiras, telhas ou tijolos restringia-se a utilização em edifícios mais significativos e casas senhoriais¹³².

¹²⁹ Texto do autor. Confronto entre uma formação europeia, e uma necessidade de encontrar uma linguagem local (no Mindelo).

¹³⁰ V. Cruz, “Issa Diabaté. O Papel do Arquitecto não é construir um belo edifício”.

¹³¹ V. Cruz, “Issa Diabaté. O Papel do Arquitecto não construir um belo edifício”.

¹³² José Maria Semedo, *Tecnologias de construção em Cabo Verde. Uso de recursos naturais e impactes ambientais*, citado por D. Inocêncio, *Construção e Arquitectura Sustentáveis, em Cabo Verde. Estudo de Estratégias de Projecto Sustentável*, p. 17.

Em substituição da cantaria de pedra, o bloco de cimento popularizou-se, a par da estrutura em betão armado¹³³. Atualmente nas zonas de nova edificação de Cabo Verde constrói-se maioritariamente com estrutura em betão armado e paredes de blocos maciços de cimento de 20 x 50 x 15 cm. Trata-se do método mais económica de construir, visto que a produção de cimento e os principais inertes para tal são relativamente acessíveis nestas paragens¹³⁴. A imagem da dita arquitetura contemporânea cabo-verdiana é de uma paisagem urbana homogénea em termos de sistema construtivo, se bem que relativamente heterogénea como imagem, dada a variedade de cores, mescladas com os tons de cinza do bloco de cimento aparente (fig. 75).



Fig. 77. *Tipologias da construção em Cabo Verde: São Vicente (1858, 1930, 1937), Santo Antão (2015).*

¹³³ D. Inocência, *Construção e Arquitectura, em Cabo Verde. Estudo de Estratégias de Projecto Sustentável*, p. 21.

¹³⁴ Nota-se que na maioria das ilhas existe a jorra vulcânica ou “brita”, um inerte utilizado na fabricação do cimento.



Fig. 78. *Vista Urbana*, Mindelo, 2018.

No que diz respeito ao nosso projeto, e partilhando de preocupações de sustentabilidade, deparamos com a seguinte realidade:

*A ilha de São Vicente, com um clima tropical seco flagelado pelos ventos alísios, é muito frágil em termos de materiais. Só pedras e areias protegidas pelas leis, e não renováveis a curto prazo.*¹³⁵

É assim que, alinhámos pelo sistema dominante, estrutura em betão e paredes em bloco, solução mais económica e, finalmente, mais sustentável (apesar do betão ser muito energívoro).

Propõe-se a utilização do bloco de cimento aparente na maioria das paredes. Propomo-nos executar a estrutura da torre da mediateca (e o seu alçado Oeste), as novas paredes do auditório e rampa em betão armado.

¹³⁵ V. Delaqua, “Aquiles Eco Hotel / Ramos Castellano Arquitectos”.

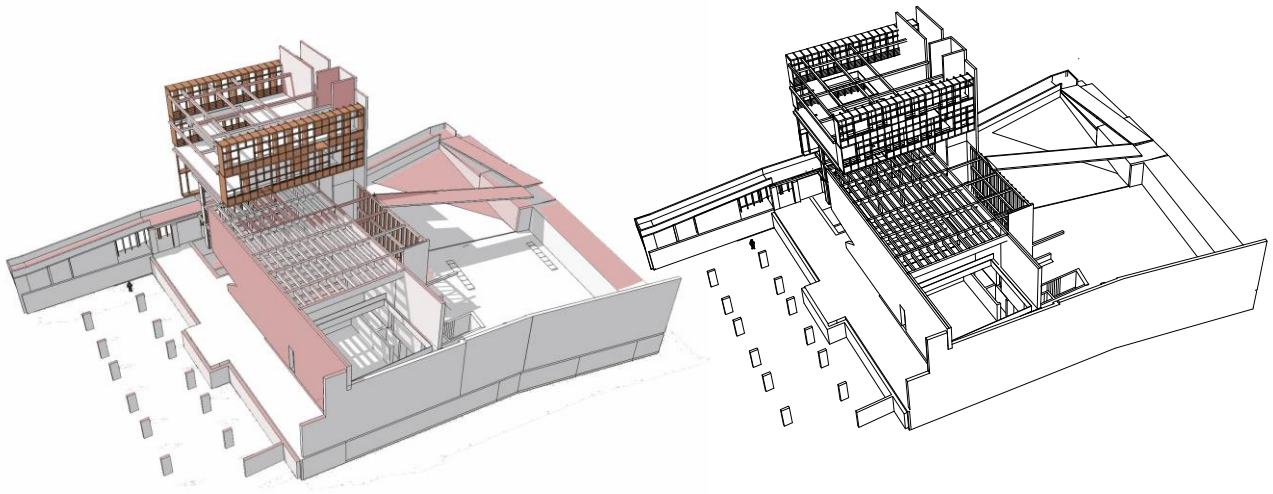


Fig. 79. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden Park*, 2018.

Nova sala, paredes: axonometria estrutural.

Quer-se que o betão que esteja à vista, celebre a diversidade das cores locais, adaptando-se a paisagem. Assim, procede-se a utilização de diferentes tonalidades de inertes, para alcançar a pigmentação desejada. Por um lado, areias brancas e cimento branco, são eleitos para todo o tipo de reparações ou intervenções que se pretenda executar no núcleo de memória (a fachada antiga, o pátio, os muros e outros elementos a conservar). Por outro, recorrer-se-á a areia de origem basáltica, muito abundante na Ilha de Santo Antão, que atribui a pigmentação natural de cor escura à construção.



Fig. 80. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden Park*, 2018.

Materialidades: fachada Sul da Torre em madeira, fachada Oeste em Betão (pigmentação escura).

Optamos por caiar o alçado frontal da torre (fachada Oeste), de forma a criar um contraste entre a fachada pesada Déco do antigo Éden. A forma torre basta por si só como destaque, sendo suficiente que se apresente branca.

Embora menos acessível e corrente em Cabo Verde, progressivamente a madeira começa a ser empregue, tanto como elemento estrutural, nas fachadas ou como acabamentos interiores. Os projetos da autoria do atelier local Ramos Castellano Arquitectos¹³⁶, representam casos raros em que os arquitetos se aventuram em soluções menos correntes ou “mais radicais”. Pensamos, portanto, conseguir fundamentar a nossa decisão pela utilização da madeira, partindo do princípio que esses arquitetos - pioneiros desta linguagem - veem alcançando bons resultados estéticos e aceitação local.

A madeira é utilizada no trecho de rampa entre a Praça e o foyer, no revestimento interior do auditório (aspeto que sempre haverá que acertar com a acústica) e em algumas paredes da Black Box. Mas é nas fachadas Norte e Sul da torre que ganha maior protagonismo.



Fig. 81. Ramos Castellano Arq.os, *Aquiles Eco Hotel*.

Utilização da madeira na definição de duplas fachadas.

¹³⁶ Veja-se a página dos Arq. os LACATON E VASSAL: <https://www.ramoscastellano.com/index.html>.



Fig. 82. Ramos Castellano Arq.os, *Terra Lodge Hotel*. Utilização da madeira em alçados.

No que diz respeito à mecânica de cena, propõe-se que tanto o Grande Auditório como a Black Box sejam equipados com varas motorizadas, para mais rápida montagem-desmontagem de produções. Os motores serão instalados no chão, onde com o seu sistema de cabos e roldanas, seguram / movimentam desde o alto as varas, os truss, etc. Trata-se de um recurso simples, hoje em dia usual em teatros em Portugal, mas, contar com um teatro com as suas duas salas com estes recursos, constituiria uma absoluta novidade em Cabo Verde.

TEIA TÉCNICA. SISTEMA DE VARAS MOTORIZADAS
 PLANTA DO PISO 2 DO AUDITÓRIO (CAIXA DE CENA). GALERIA 2. CORTE DA CAIXA DE CENA (SISTEMA DE CABOS E ROLDANAS).

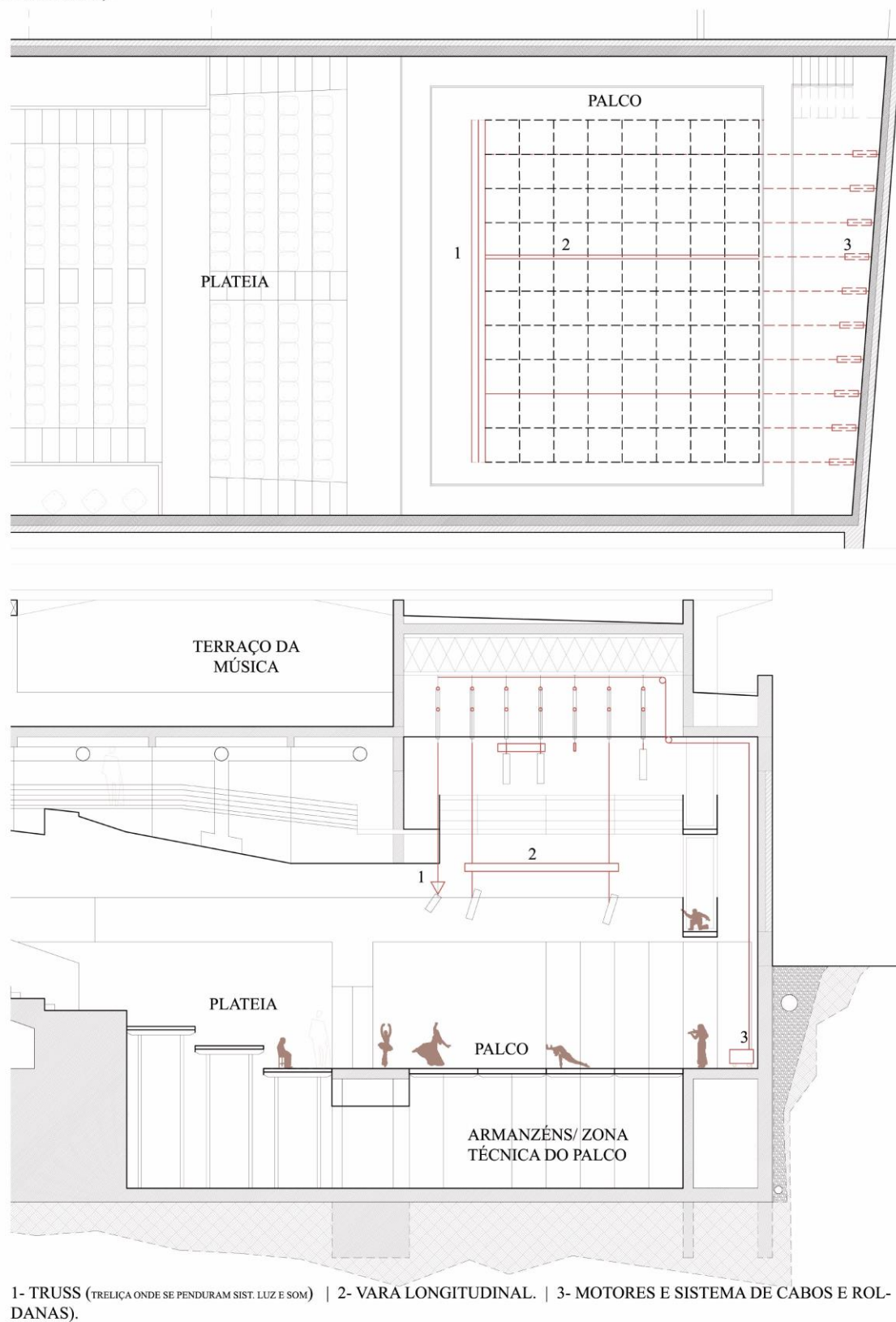


Fig. 83. L. Delgado, *Projecto de Reestruturação do Éden Park*, 2018.
 Conjunto de Varas motorizadas no auditório, com motores localizados no chão.

3.7. Participação

Um projeto que se quer para as pessoas não pode deixar de refletir sobre casos relevantes e extrair as devidas consequências em termos da sua constituição programática, morfológica, tipológica e construtiva. Porém, pensamos que não pode furtar-se a aferição daqueles a que se destina, ou seja, tem que ser participado, neste sentido, o percurso efetuado, de pesquisa e desenho, de estudo e experimentação projetual, não devem ser encarados como um resultado a ser validado por um príncipe, ainda que um príncipe ilustrado e preocupado com o seu povo, mas deve ser encarado como uma hipótese, a ser discutida com aqueles a que se destina. Com efeito, pensamos que a participação será um termo demasiado curto se for apenas baseada em inquéritos, discussões preliminares e baseadas na palavra; é muito mais produtiva, interessante, ainda que também mais difícil, se for baseada em propostas concretas, que as pessoas compreendam, como mais facilmente compreendem maquetas e visualizações tridimensionais do projeto, do que abstratos diagramas e palavras sem uma aproximação à substância e gravidade do que é a arquitetura, a configuração do espaço habitável. Assim, não se encara a presente proposta como a base para, já de seguida, após a imprescindível intervenção das especialidades,¹³⁷ se passar à obra, mas como uma proposta a ser submetida à consideração dos representantes da população e da própria população.

¹³⁷ Imaginou-se uma malha estrutural, soluções construtivas, o traçado de infraestruturas (p.ex. ar condicionado) e a localização dos seus principais órgãos (p.ex. chiller). Mas uma coisa é imaginar e outra sempre será desenvolver o projeto com o apporto das relevantes e imprescindíveis especialidades.

4. CONCLUSÃO

O trabalho exposto se inscreve numa fase avançada de um percurso pessoal estabelecido desde muito cedo (nos confins das montanhas na ilha de Santo Antão), na decisão de seguir o sonho de construir uma casa para a minha querida avó - “a raiz” de toda a minha percepção por arquitetura.

O cineteatro Éden Park, abandonado desde 2006 na “Praça” da Cidade do Mindelo em Cabo Verde, acaba naturalmente por entrar nesta equação como a garantia de meu retorno a casa. Pelo Éden, por um outro Éden, resume o quadro a que nos propusemos a intervir. A nossa reflexão impôs a sua recuperação para o lugar central da vida sociocultural de nosso povo, com a forte premissa de poder fazê-lo acompanhar a evolução das artes dos espetáculos e as formas de sociabilidade, que não se estagnaram no tempo quando passou a grande era do cinema.

Com a atual aposta no desenvolvimento das indústrias criativas pelos poderes públicos no Mindelo, nota-se uma maneira de governar disposto a honrar o título que dá a cidade o estatuto de Capital Cultural do país. A música, carnaval, dança e o teatro, revelam-se cada vez mais ativos para o sector cultural, e tentam acompanhar um desenvolvimento social que exige muitos mais espaços para tais encontros. A carência de espaços para a criação e apresentação das artes do espetáculo é preocupante, para uma ilha sem muitos mais recursos para oferecer. Pensamos, portanto, tratar-se da hora exata para agirmos em prole do Éden e dos mindelense, e de um modo geral, em prole da cultura de todos os cabo-verdianos.

A nossa investigação percorreu, imperativamente, a história urbana e cultural de Mindelo e São Vicente, para se perceber o Éden. O leque alargado de equipamentos que percorremos (em Paris, Nantes, Estocolmo e Montemor-o-Velho), representam casos exemplares tanto programaticamente, como nas estratégias de inclusão das comunidades que servem. Nestas, observaram-se estratégias em que a componente arquitetónica é parte importante, mas nem sempre a essencial, outras em que se tentou perceber os aspetos financeiros associados. Em processo de trabalho, trocamos impressões com Rui Horta e Marlene Monteiro Freitas – os requisitos de centros de espetáculos com valência de produção e apresentação. Tudo isto foi ponderado na perspetiva da realidade cabo-verdiana e da área de intervenção, investigando diversas hipóteses morfológicas, tipológicas e construtivas.

A proposta que emerge deste percurso de pesquisa reconhece a singularidade do Éden, salienta a sua importância enquanto lugar de memória, e não parando por aqui, obstina-se em colocar a sua recuperação sob o horizonte do equipamento de criação e apresentação adaptado a exigências atuais das artes performativas, sob o horizonte de um equipamento que possa prestar à cultura, sociedade e economia serviços culturais-artísticos relevantes, que possa sustentadamente ambicionar a constituir o foco da vida social no Mindelo. A vida cultural e social já gravitou no passado em torno ao Éden Park e deseja-se que tal possa a vir acontecer de novo. Mas para que tal aconteça, o programa sempre será outro e exigirá profunda reestruturação do Éden do passado.

Apesar de que baseada em sistemático percurso de estudo e exploração projetual, não se encara a proposta fechada ao exercício da arquitetura, para de seguida, a passagem à obra. Uma proposta que se quer

para as pessoas, precisa do seu acompanhamento de perto. Assim, encaramos a proposta como a base para um processo participado, em que a comunidade teria a oportunidade de pronunciar-se em relação a programa e forma, ao lugar que quer para as artes performativas no seu seio.

Penso que se pode fazer arquitetura de modo simples e com delicadeza e generosidade, e mesmo assim fazer coisas radicais, que provoquem tensões. Para min a arquitetura tem que ser generosa e cuidar das pessoas.

J. Lacaton¹³⁸

Para a nossa retirada deixamos metaforicamente, a música *Alto Cutelo*, interpretação do grande Ildo Lobo (ainda no grupo os Tubarões), que transmite pelo conteúdo lírico, aquilo a que pretendemos expressar com este percurso.

Concentramo-nos na última parte da letra, em que diz: “mas o dia que eu voltar para a minha terra (...) vocês têm que me dar água”. Quem parte quis ficar. O desejo do imigrante cabo-verdiano, que foi “forçado” a sair da sua terra é que no seu retorno, a terra lhe dê água. Também desejo algo mais que me fixe a terra.

Tal como descrito aqui na minha viagem, o “sem terra” fez a viagem da consciência de si. E eu, feito também a minha, regresso com este pequeno contributo.

¹³⁸ J. Adrião; R. Carvalho; J. Lacaton, “Lacaton & Vassal”, p. 51.

Alto Cutelo

Na altu kutelu sinbron dja ka ten (dja seka)

Rais stikadu djobe agua, k'atcha (dja seka)

Agua sta fundu e ni omi ka tral (dja seka)

Mudjer un sumana sê lumi ka sende (na kasa)

Sê fidju, na strada so un ta trabadja (pa dozi mirés)

Maridu dja dura ki bai pa Lisboa (kontratadu)

Pa bai pa Lisboa e bende sê tera (metadi di presu)

Ali, el ta trabadja na tchuba na bentu (na friu)

Na Kuf, na Lisvanani i na Jota Pimenta

Mon d'obra baratu, pa mas ki trabadja (serventi)

Mon d'obra baratu, baraka sen lus (kumida a presa)

Inda mas nganadu ki s'irmon branku (sploradu)

Ma un dia, k'n vra pa tera

Monti Gordu i Malaguéta

Nhos ten ki dam água

Ku forsa na brasu, konsiensia di mi,

É mi ki trabadja, tera i poder é pa mi

Ku sinbron na kutelu (nos tera)¹³⁹



¹³⁹ Renato Cardoso, *Alto Cutelo*, 1976. Faça leitura do *QR code* para seguir a música.

BIBLIOGRAFIA

- ADRIÃO, José; CARVALHO, Ricardo; LACATON, Jean-Phillipe (2010), “Lacaton & Vassal”, in *Jornal dos Arquitectos*, 8.4.2010. (In https://issuu.com/lapex/docs/ja_-_no.223, consultado em 1.6.2018.)
- ÁFRICA 21 DIGITAL (2012), “Cesária Évora homenageada com megaconcerto no 1º aniversário da sua morte”, in <https://africa21digital.com/2012/12/15/cesaria-evora-homenageada-com-mega-concerto-no-1-aniversario-da-sua-morte/>, consultado em 1.5.2017.)
- AMARAL, André (2014), “Sociedade gestora promete Éden Park a funcionar ainda este ano”, in *Expresso das Ilhas*, 18.1.2014. (In <https://expressodasilhas.cv/cultura/2014/01/18/sociedade-gestora-promete-eden-park-a-funcionar-ainda-este-ano/41259>, consultado em 1.10.2015).
- ARENAS, Fernando (2011), *Lusophone Africa Beyond Independence*. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ATLANTIC MUSIC EXPO, “Programa 2019”, in <http://www.atlanticmusicexpo.com/index.php>, consultado em 1.6.2018.
- BELANCIANO, Vitor, “Dois anos depois da morte de Cesária Évora, morna é património de Cabo Verde”, in *Público*, 14.12.2012. (In <https://www.publico.pt/2012/12/14/culturaipsilon/noticia/a-morna-ja-e-patrimonio-nacional-de-cabo-verde-1577414>, consultado em 4.6.2018.)
- BRANCO, João (2003), *Dez Anos de Teatro*. Praia e Mindelo: Instituto Camões. Centro Cultural Português.
- BRANCO, João (2004), *Nação Teatro. História do teatro em Cabo Verde*. Praia: Instituto da Biblioteca Nacional e do Livro.
- BRANCO, João (2016), *Crioulização Cénica. Em Busca de uma Identidade para o Teatro Cabo-verdiano*. Tese Doutoramento em Comunicação, Cultura e Artes. Algarve: Universidade do Algarve. (In <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/8683/1/Doutoramento%20COMPONENTE%20PRE%20TEXTUAL%20final.pdf>), consultado em 9.9.2017.)
- BRANCO, João; FERREIRA, Nuno (2018), “O Mindelact tem o ADN de Mindelo”, in *Senika*, nº 0 (in https://issuu.com/associacaomindelact/docs/senika_ed0_download, consultado em 1.9.2018).
- CABRAL, Nelson Eurico (1980), *Le Moulin et le pilon. Les îles du Cap-Vert*. Paris: L’Harmattan e A.C.C.T. (Agence de Coopération Culturelle et Technique).
- CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO VICENTE, “São Vicente. Classificação completa do Carnaval 2018”, in <https://www.cmsv.cv/index.php/carnaval>, consultado em 10.12.2017.
- CARREIRA, António (1976), *Migrações nas Ilhas de Cabo Verde*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa. Ciências Humanas e Sociais.
- COELHO, Carlos Dias, et al. (2015, 2ª ed.), *Cadernos de Morfologia Urbana. Os Elementos Urbanos*. Lisboa: Argumentum.
- COMISSÃO NACIONAL PARA A COMEMORAÇÃO DOS DESCOBRIMENTOS PORTUGUESES;
SILVA CORREIA, António (1998), *Espaços Urbanos de Cabo Verde. O Tempo das Cidades Porto*. Lisboa: C.N.C.D.P.

- CRUZ, Valdemar (2018), “Issa Diabaté. O Papel do Arquitecto não construir um belo edifício”, in *expresso*, 22/04/2018. (In <https://expresso.sapo.pt/cultura/2018-04-22-Issa-Diabate-O-papel-do-arquiteto-nao-e-construir-um-belo-edificio#gs.5oKBC7c>, consultado em 1.8.2018.)
- DAVIDSON, Basil (1988), *As Ilhas Afortunadas. Um Estudo Sobre a África em Transformação*. Lisboa: Caminho.
- DELAQUA, Victor, “Aquiles Eco Hotel / Ramos Castellano Arquitectos”, in Archdaily. (In <https://www.archdaily.com.br/br/788020/aquiles-eco-hotel-ramos-castellano-arquitectos>, consultado em 1.8. 2018).
- DELGADO, Lucindo (2016), “Viagem de Estudo a Nantes e Paris, 28.8 a 4.9.2016”. Relatório de Viagem de Estudo, apresentado a Fundação Calouste Gulbenkian (não publicado). Lisboa: L. Delgado.
- DIAS, José (2018), “Identidade Crioula. Os eventos culturais verdianos de 2018, Mindelact o evento do ano”, in *Senika*, nº 0. (In https://issuu.com/associacaomindelact/docs/senika_ed0_download, consultado em 5.9.2018).
- DIRECÇÃO REGIONAL DE CULTURA DO ALENTEJO, “Projectos em Património > Convento da Saudação”, in <http://www.cultura-alentejo.pt/pagina,310,310.aspx>, consultado em 1.5.2018.
- ÉCOLE NATIONALE SUPÉRIEURE D’ARCHITECTURE, “L'école, la ville > Le bâtiment de Lacaton & Vassal”, in <http://www.nantes.archi.fr/fr/école-en-bref-1>, consultado em 1.5.2018.
- FERNANDES, Sérgio Padrão (2016). *Cidades imaginadas nos planos de urbanização de Cabo Verde, 1934-1974*. Lisboa: Argumentum.
- FIGUEIRA, Manuel (1968), *Subsídios para o Estudo Evolutivo da Cidade do Mindelo de São Vicente*. Lisboa: M. B. Figueira.
- FONSECA, Humberto (1962), “Contribuição para o estudo do problema bioclimático do milho em Cabo Verde”, in *Boletim de Propaganda e Informação*, Lisboa, ano XIII, nº 156.
- FONSECA, Jorge Carlos, “Mensagem do Presidente da República”, in *Senika*, nº 0. (In https://issuu.com/associacaomindelact/docs/senika_ed0_download, consultado em 4.6.2018.)
- GALHÓS, Cláudia (2016), *O Espaço do Tempo*. Montemor-o-Novo: O Espaço do Tempo.
- GONÇALVES, Mara, “Nantes, um museu de arte urbana a céu aberto”, in *O Público*, 7.5.2016. (In http://fugas.publico.pt/Viagens/360793_nantes-um-museu-de-arte-urbana-a-ceu-aberto, consultado em 1.6.2017.)
- I.N.E. - INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA (2010), *IV Recenseamento Geral da População e Habitação de 2010*, 28.9.2016, in <http://ine.cv/wp-content/uploads/2016/11/analise-do-estado-e-estrutura-da-populacao-censo-2010.pdf>, consultado em 20.1.2017.
- INOCÊNCIO, Débora, *Construção e Arquitectura Sustentáveis, em Cabo Verde. Estudo de Estratégias de Projecto Sustentável*. Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em Engenharia Civil. Lisboa: UTL, Instituto Superior Técnico. (In <http://www.portaldoconhecimento.gov.cv/bitstream/10961/2015/1/tese%202012,06,27%20%5Bdr%5D.pdf>, consultado em 20.8.2018.)

- JARDONNET, Emmanuelle, “Terrain de jeu à la nantaise”, in *Le Monde*, 21.7.2016. (In https://www.lemonde.fr/arts/article/2016/07/20/terrain-de-jeux-a-la-nantaise_4972010_1655012.html, consultado em 2.6.2017.)
- JORGE, Virgílio Ferreira (2005), *Cultura e Património*, Portela: Colibri Artes Gráficas.
- LA BIENNALE DI VENEZIA, “The 2018 Lion Awards for Dance”, in <https://www.labiennale.org/en/dance/2018/silver-lion>, consultado em 25.6.2018.
- LUSA, “Ministro cabo-verdiano considera ‘feito histórico’ Leão de Prata de Veneza a Marlene Freitas”, in *Diário de Notícias*, 17.1.2018. (In <https://www.dn.pt/lusa/interior/ministro-cabo-verdiano-considera-feito-historico-leao-de-prata-de-veneza-a-marlene-freitas-9055463.html>, consultado em 20.1.2018.)
- MADEIRA, João (2015), *Nação e Identidade: A Singularidade de Cabo Verde. Tese de Doutoramento em Ciências na especialidade de História nos factos sociais*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas.
- MARMELO, Jorge, “O Mindelo está a mudar, mas ainda é gostoso”, in *Público*, 21.8.2008.
- MENDES, Dulcina, “Éden Park: inevitabilidade de pensar uma nova cultura arquitectónica”, in *Expresso das Ilhas*, 5.4.2014. (In <https://expressodasilhas.cv/exclusivo/2014/04/05/eden-park-a-inevitabilidade-de-pensar-uma-nova-cultura-arquitectonica/41826>, consultado em 10.10.2017.)
- MORAIS, João de Sousa (2010). *Mindelo, Património Urbano e Arquitectónico. Assentamento urbano e seus protagonistas*. Lisboa: Caleidoscópio.
- NADAIS, Inês, “Leão de Prata da Bienal de Veneza para Marlene Monteiro Freitas”, in *Público*, 17.1.2018. (In <https://www.publico.pt/2018/01/17/culturaipsilon/noticia/leao-de-prata-da-bienal-de-veneza-para-marlene-monteiro-freitas-1799731>, consultado em 20.1.2018.)
- PAPINI, Brita (1984), *Linhas Gerais Para o Desenvolvimento Urbano da Cidade do Mindelo*. Praia: Fundo de Desenvolvimento Nacional. Ministério da Economia e das Finanças.
- PINHEIRO, Astrigilda Delgado (2006), *O Éden Park e a Dinamização Socio-cultural em São Vicente, 1922-2005*. Monografia para obtenção do grau de Licenciatura. Praia: Instituto Superior de Educação.
- RAMALHO, José Filipe, “Projecto de Reutilização do Convento da Saudação. Centro Nacional de Artes Transdisciplinares”. (in <https://www.archilovers.com/projects/206121/convento-da-saudacao.html>, consultado em 2.5.2018.)
- RAMOS, António Manuel (2009), *Conflitos de Identidades em Cabo Verde. Análises dos casos de Santiago e São Vicente*. Dissertação de mestrado em Estudos Africanos. Porto: Universidade do Porto.
- RÉPÚBLICA DE CABO VERDE:
- Despacho nº 24/2005, de 17.10.2005, “Atribuição do primeiro grau da medalha de Serviços Distintos ao Cinema Éden Park...”, in B.O., nº 42, Suplemento, Iª série, 2005 (in <https://kiosk.incv.cv/V/2005/10/17/2.1.42.539/p2>, consultado em 20.5.2018).
 - Resolução nº 6/2012, de 31.1.2012, “Reconhecimento do valor arquitectónico e cultural de ‘Morada’ - Centro Histórico do Mindelo”, in B.O., nº 6, Iª série, 2012. (In <https://kiosk.incv.cv/V/2012/1/31/1.1.6.1470/>, consultado em 10.5.2018.)

- Resolução nº 16/2018, de 19.2.2018, “Aprovação da Candidatura da Morna a Património Imaterial da Humanidade”, in B.O., nº 18, 1ª série, 2018. (In <https://kiosk.incv.cv/V/2018/3/19/1.1.18.2492/p2>, consultado em 10.5.2018.)

ROCHA, Agostinho (1990), *Subsídios para a História da Ilha de Santo Antão (1462-1983)*. Praia: A. Rocha.

ROTSCHILD, Saskia (2016), “An Atlantic Archipelago’s Main Export: Music”, in *The New York Times*, 5.5.2016. (In <https://www.nytimes.com/2016/05/05/arts/music/tiny-atlantic-archipelago-has-but-one-export-music.html>, consultado em 20.8.2018.)

SEMEDO, Brito (2015), “Grito Musical em Memória do Éden Park”, in *Magazine Cultural*, 27.8.2015. (In <https://brito-semedo.blogs.sapo.cv/grito-musical-em-memoria-do-eden-park-523122>, consultado em 20.8.2017.)

SILVA CORREIA, António (1995), *História de um Sahel Insular*. Praia: Spleen.

SILVA CORREIA, António (2000), *Nos Tempos do Porto Grande do Mindelo*. Praia e Mindelo: Instituto Camões. Centro Cultural Português.

SILVA, Luíz, “Do cinema em Cabo Verde: Contribuição a sua História”, in *A Semana*, 2.2.2006 (LINK, consultado em 1.2.2017).

STAGNOS, Nikos (2000), *Conceitos de Arte Moderna*. Rio de Janeiro: Destinos.